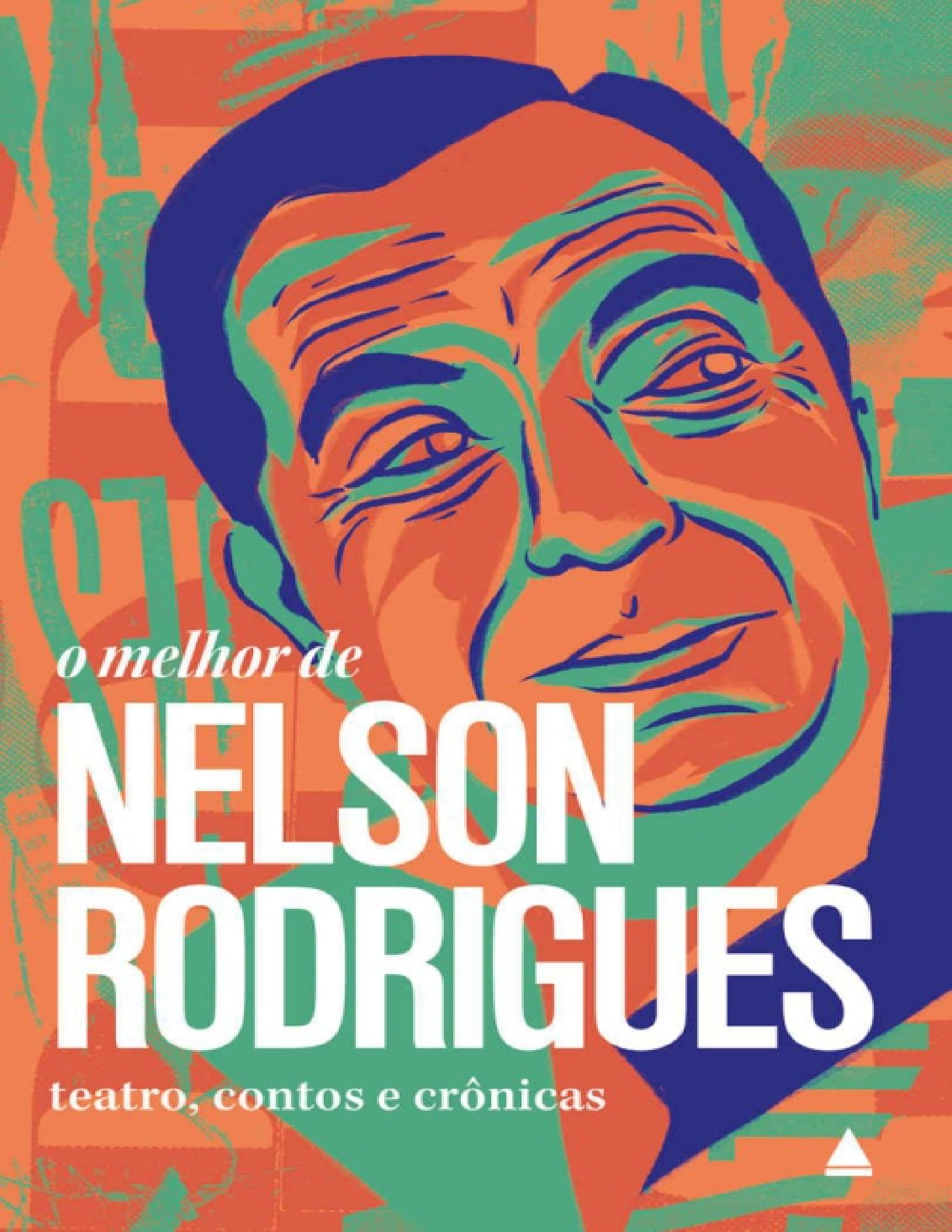


o melhor de

NELSON RODRIGUES

teatro, contos e crônicas

O melhor de

Nelson Rodrigues

O melhor de

Nelson Rodrigues

teatro, contos e crônicas



Copyright © 2018 Espólio de Nelson Falcão Rodrigues

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Listagem dos textos por livro:
À sombra das chuteiras imorais: “O quadrúpede de 28 patas”, “Complexo de vira-latas”, “O gol mil”.
A vida como ela é...: “O inferno”, “A dama do lotação”, “A coroa de orquídeas”, “Os noivos”, “O decote”, “Homem fiel”.
A vida como ela é... em série: “O canalha”, “A mulher das bofetadas”, “Delicado”, “Divina Comédia”.
A vida como ela é... em 100 inéditos: “O pedido da agonia”, “Loucura”.
A cabra vadia: “A vaca premiada”, “A doença infantil do palavrão”, “Os idiotas da objetividade”, “Flor de obsessão”, “Os centauros”.
Fla-Flu... e as multidões despertaram!: “Vai falar o óbvio ululante”, “A poesia do futebol”.
O Gravatinha: “O doce ‘Gravatinha’ e o abominável Sobrenatural de Almeida”, “A volta do Profeta”.
O óbvio ululante: “Fui um menino de paixões de ópera”, “De 30 a 35 não amei, nem odiei”, “A grande utopia do homem é achar um ouvinte”, “O medo de parecer idiota”, “Os intelectuais”.
O Reacionário: “Meu pai”, “A mulher da gargalhada”, “Inimiga pessoal da mulher”, “O jovem sábio”, “Nunca foi tão vivo o ‘padre de passeata’”.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R614m Rodrigues, Nelson, 1912-1980
O melhor de Nelson Rodrigues [recurso eletrônico] : teatro, contos e crônicas / Nelson Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520943557 (recurso eletrônico)

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. 3. Teatro brasileiro. 4. Literatura brasileira. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

18-53332 CDD: 869
CDU: 821.134.3(81)

Sumário

Capa

Folha de rosto

Ficha catalográfica

Apresentação

Teatro

- O beijo no asfalto

Contos

- O inferno
- A dama do lotação
- A coroa de orquídeas
- O canalha
- A mulher das bofetadas
- Os noivos
- Delicado
- Divina comédia
- O decote
- Homem fiel
- O pedido da agonia
- Loucura

Crônicas

O quadrúpede de 28 patas
Complexo de vira-latas
Meu pai
O doce “Gravatinha” e o abominável sobrenatural de Almeida
Fui um menino de paixões de ópera
De 30 a 35 não amei, nem odiei
A grande utopia do homem é achar um ouvinte
A vaca premiada
O medo de parecer idiota
A doença infantil do palavrão
Os idiotas da objetividade
Flor de obsessão
Os intelectuais
Os centauros
A mulher da gargalhada
O gol mil
Inimiga pessoal da mulher
A volta do Profeta
O jovem sábio
Nunca foi tão vivo o “padre de passeata”
Vai falar o óbvio ululante
A poesia do futebol
Colofão

Apresentação

Parte de uma coleção que já abriga grandes autores da literatura brasileira, como Mário de Andrade, Rubem Fonseca, Caio Fernando Abreu e João Guimarães Rosa, *O melhor de Nelson Rodrigues* chega agora trazendo nosso maior e mais conhecido dramaturgo, com seus textos contundentes e polêmicos, suas frases geniais, seu teatro inovador e revolucionário, seus personagens-tipo, suas opiniões inabaláveis que conseguem estremecer nossas certezas.

Boa parte da obra de Nelson foi percorrida para selecionar o que você vai ler aqui — um trabalho gigantesco, considerando que o autor escreveu copiosamente e transitou por vários gêneros literários. Sempre que conseguimos checar as datas, procuramos manter a disposição dos textos na ordem cronológica de publicação, pois essa nos parece uma boa oportunidade para o leitor acompanhar o percurso criativo do autor.

Em meio a essa vasta produção, escolhemos os textos mais conhecidos de Nelson, os que trazem sua dicção mais marcada, os que brindam o leitor com histórias especialmente saborosas. Isso porque, assim como nos outros livros da coleção, sabíamos que seria impossível definir o melhor em meio a uma produção toda ela de altíssima qualidade. Nesta seleção, especialmente, não tínhamos como elencar apenas contos e crônicas, seria impensável selecionar o melhor de Nelson Rodrigues e não incluir uma peça de teatro.

E justamente por isso escolhemos uma representante do teatro rodriguiano para abrir o volume: *O beijo no asfalto.* Escrita em 1960 para Fernanda Montenegro — que estrelou a primeira montagem em 1961 —, a famosa peça traz à baila, como ingredientes principais, o questionamento sobre a sexualidade do protagonista, uma teia de intrigas, a falta de ética jornalística e policial e uma baita crise familiar.

Aliás, intrigas e crises familiares estão também muito presentes nos contos de "A vida como ela é…", coluna que Nelson manteve por cerca de dez anos (de 1951 a 1961) no jornal *Última Hora* e depois, por um breve período, no *Diário da Noite*. As doze narrativas que escolhemos para figurar nesta antologia cumprem o papel de revelar a matéria-prima com que trabalhava o escritor nesses textos: ciúme e obsessão, dilemas morais, inveja, desejos desgovernados, adultério e sexo. Com seu toque de mestre, Nelson retratou inúmeras histórias da "vida real" das tradicionais famílias dos subúrbios cariocas afrontadas pela emergente classe média de Copacabana. O sucesso foi tamanho que essas histórias ganharam adaptações para rádio, cinema, televisão, teatro, foram gravadas em disco, viraram fotonovela e, ainda na década de 1960, selecionadas pelo próprio autor, saíram pela editora J. Ozon na coletânea *Cem contos escolhidos — A vida como ela é...*

A última seção desta seleta é dedicada às crônicas. Nelas vemos o vigor e a agudeza do estilo rodriguiano ao tratar de política, teatro, comportamento e até de sua história pessoal. Com sua escrita polêmica e dissonante em meio a uma imprensa desabituada à complexidade, retratou uma época e contrariou o "bem pensar", produzindo textos que até hoje são de uma atualidade perturbadora.

Foi entre esses escritos que surgiram inúmeras de suas frases lapidares, repetidas hoje quase como ditos populares, tal como o nosso propalado "complexo de vira-lata". Foi também aí que Nelson usou e abusou de sua verve literária para criar personagens-tipo como a "grã-fina de nariz de cadáver" ou o "padre de passeata".

Além de cronista político, Nelson é considerado um dos cronistas esportivos brasileiros mais célebres — suas frases e tiradas, também nessa área, continuam sendo usadas como referência para jornalistas e comentaristas de rádio e televisão. Ele redigiu centenas de crônicas futebolísticas, algumas envolvendo a seleção brasileira, outras comentando o desempenho dos times em voga no momento, como o Santos de Pelé. Mas era nos textos sobre o Tricolor, seu time de coração, que Nelson deixava extravasar toda sua emoção, chegando mesmo a criar os personagens "Gravatinha", que descia do além em toda vitória do time das Laranjeiras, e "Sobrenatural de Almeida", presente nas derrotas ou reviravoltas inexplicáveis de uma partida.

O melhor de Nelson Rodrigues, como se vê, é uma bela introdução à obra monumental do escritor. Para o leitor já iniciado, é uma excelente ocasião para reler textos primorosos e se surpreender novamente com a fluência, o bom humor e a genialidade deste que é um dos maiores craques de nossa literatura, um autor que joga nas onze com a maior habilidade.

Teatro

O BEIJO NO ASFALTO

Tragédia carioca em três atos
1961

PERSONAGENS

O INVESTIGADOR ARUBA
O REPÓRTER AMADO RIBEIRO
UM FOTÓGRAFO
O DELEGADO CUNHA
APRÍGIO
SELMINHA
DÁLIA
COMISSÁRIO BARROS
ARANDIR
D. MATILDE
WERNECK
SODRÉ
PIMENTEL
D. JUDITH
A VIÚVA
O VIZINHO

Primeiro ato

1º QUADRO	Delegacia
	Sala do delegado Cunha
2º QUADRO	Casa de Selminha, no Grajaú
3º QUADRO	Delegacia
	Sala do comissário Barros
4º QUADRO	Casa de Selminha
	(mesmo cenário do 2º quadro)

Segundo ato

1º QUADRO	Casa de Selminha, no Grajaú
	(mesmo cenário do 1º ato quadros 2º e 4º)
2º QUADRO	Escritório da firma onde trabalha Arandir
3º QUADRO	Casa de Selminha
	(mesmo cenário do 1º ato quadros 2º e 4º
	2º ato quadro 1º)
4º QUADRO	Casa de Selminha
	Quarto de dormir

Terceiro ato

1º QUADRO	Casa na Boca do Mato
2º QUADRO	Casa de Selminha
	(mesmo cenário do 1º ato quadros 2º e 4º
	2º ato quadros 1º e 3º)
3º QUADRO	Quarto do repórter Amado Ribeiro, de *Última Hora*

4º QUADRO Casa de Selminha

(mesmo do 1º ato quadros 2º e 4º

2º ato quadros 1º e 3º

3º ato quadro 2º)

5º QUADRO Quarto de hotel

Primeiro ato

(Distrito policial correspondente à Praça da Bandeira. Sala do delegado Cunha. Este, em mangas de camisa, os suspensórios arriados, com um escandaloso revólver na cintura. Entra o detetive Aruba.)

ARUBA (*sôfrego e exultante*) — O Amado Ribeiro está lá embaixo! *(Cunha, que estava sentado, dá um pulo. Faz a volta da mesa)*

CUNHA — Lá embaixo?

ARUBA — Com o comissário. Disse que.

CUNHA (*agarrando o detetive*) — Arubinha, olha. Você vai dizer a esse moleque!

ARUBA — Está com fotógrafo e tudo!

CUNHA — Diz a ele, ouviu? Que se ele. Porque ele não me conhece, esse cachorro! (*Amado Ribeiro aparece. Chapéu na cabeça. Tem toda a aparência de um cafajeste dionisíaco*)

AMADO (*abrindo o gesto*) — O famoso Cunha!

CUNHA (*quase chorando de ódio, e, ainda assim, deslumbrado com o descaro do outro*) — Você?

AMADO — Eu.

CUNHA (*furioso*) — Retire-se!

AMADO — Cunha, um momento! Escuta!

CUNHA (*apoplético*) — Saia!

AMADO — Tenho uma bomba pra ti! Uma bomba!

ARUBA (*quer puxar Amado pelo braço*) — Vem, Amado!

AMADO (*desprendendo-se num repelão*) — Tira a mão!

CUNHA (*arquejante de indignação*) — Escuta aqui. Ou será que você. (*fala aos arrancos*) Então, você me espinafra!

AMADO (*com cínico bom humor*) — Ouve, Cunha!

CUNHA — Me espinafra pelo jornal. E ainda tem a coragem!

AMADO — Com licença!

CUNHA (*num berro*) — Não dou licença nenhuma! (*muda de tom*) Estou besta, besta! Com o teu caradurismo! Tem a coragem de pôr os pés no meu gabinete! Eu devia, escuta. Devia, bom! (*quase chorando*) Por tua causa, o chefe me chamou!

AMADO — Cunha, deixe eu falar!

CUNHA — O chefe me disse o que não se diz a um cachorro! Na mesa dele, na mesa, estava a tua reportagem. O recorte da tua reportagem!

AMADO — Cunha, tenho uma bomba!

CUNHA (*sem ouvi-lo*) — De mais a mais, você sabe, Amado. O Aruba também sabe. Aquilo que você escreveu é mentira!

AMADO — Ó Cunha, sossega! O que é que há?

CUNHA (*num crescendo*) — Mentira, sim, senhor! mentira! Eu não dei um chute na barriga da mulher! Mentira sua! É mentira! Dei um tapa! Um tabefe! Assim. O Aruba viu. Não foi um tapa?

ARUBA (*gravemente*) — Um tapa!

CUNHA (*triunfante*) — Um tapa. Ela abortou, não sei por quê. Azar. Agora o que eu não admito. Não admito, fica sabendo. Que eu seja esculachado, que receba um esculacho por causa de um moleque, de um patife como você! Patife!

AMADO (*com triunfal descaro*) — Eu não me ofendo!

CUNHA (*desesperado com o cinismo*) — Pois se ofenda!

AMADO — Acabou?

CUNHA (*num derradeiro espasmo*) — Amado Ribeiro, escuta. Eu tenho uma filha. Noiva. Uma filha noiva. Agradeça à minha filha, eu não te dar um tiro na cara.

AMADO (*pela primeira vez violento*) — Deixa de ser burro, Cunha! (*Cunha desmorona-se em cima da cadeira. Passa o lenço no suor abundante. Arqueja*)

CUNHA (*ofegante, quase sem voz*) — Suma!

AMADO (*subitamente dono da situação*) — Quem vai sair é o Aruba!

ARUBA (*pulando*) — Você é besta!

CUNHA (*resmungando*) — Não admito…

AMADO (*para o Cunha*) — Manda ele cair fora! (*para o detetive*) Vai, vai! Desinfeta!

ARUBA (*para o cara*) — Quem é você, seu!

CUNHA (*incoerente, berrando*) — Desinfeta!

ARUBA (*desorientado*) — Mas doutor!

CUNHA (*histérico*) — Fora daqui! (*Aruba sai*)

AMADO (*exultante, puxando a cadeira*) — Vamos nós.

CUNHA — Não quero conversa.

AMADO — Senta… (*Cunha obedece, sem consciência da própria docilidade*)

AMADO (*na sua euforia profissional*) — Cunha, escuta. Vi um caso agora. Ali, na Praça da Bandeira. Um caso que. Cunha, ouve. Esse caso pode ser a tua salvação!

CUNHA (*num lamento*) — Estou mais sujo do que pau de galinheiro!

AMADO (*incisivo e jocundo*) — Porque você é uma besta, Cunha. Você é o delegado mais burro do Rio de Janeiro. (*Cunha ergue-se*)

CUNHA (*entre ameaçador e suplicante*) — Não pense que. Você não se ofende, mas eu me ofendo.

AMADO (*jocundo*) — Senta! (*Cunha obedece novamente*)

CUNHA (*com um esgar de choro*) — Te dou um tiro!

AMADO — Você não é de nada. Então, dá. Dá! Quedê?

CUNHA — Qual é o caso?

AMADO — Olha. Agorinha, na Praça da Bandeira. Um rapaz foi atropelado. Estava juntinho de mim. Nessa distância. O fato é que caiu. Vinha um lotação raspando. Rente ao meio-fio. Apanha o cara. Em cheio. Joga longe. Há aquele bafafá. Corre pra cá, pra lá. O sujeito estava lá, estendido, morrendo.

CUNHA (*que parece beber as palavras do repórter*) — E daí?

AMADO (*valorizando o efeito culminante*) — De repente, um outro cara aparece, ajoelha-se no asfalto, ajoelha-se. Apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca.

CUNHA (*confuso e insatisfeito*) — Que mais?

AMADO (*rindo*) — Só.

CUNHA (*desorientado*) — Quer dizer que. Um sujeito beija outro na boca e. Não houve mais nada. Só isso? (*Amado ergue-se. Anda de um lado para outro. Estaca, alarga o peito*)

AMADO — Só isso!

CUNHA — Não entendo.

AMADO (*abrindo os braços para o teto*) — Sujeito burro! (*para o delegado*) Escuta, escuta! Você não quer se limpar? Hein? Não quer se limpar?

CUNHA — Quero!

AMADO — Pois esse caso.

CUNHA — Mas…

AMADO — Não interrompe! Ou você não percebe? Escuta, rapaz! Esse caso pode ser a tua reabilitação e olha: — eu vou vender jornal pra burro!

CUNHA — Mas como reabilitação?

AMADO — Manja. Quando eu vi o rapaz dar o beijo. Homem beijando homem. (*descritivo*) No asfalto. Praça da Bandeira. Gente assim. Me deu um troço, uma ideia genial. De repente. Cunha, vamos sacudir esta cidade! Eu e você, nós dois! Cunha.

CUNHA (*deslumbrado*) — Nós dois? (*Amado dá-lhe nas costas um tapa triunfal. E começa a rir*)

AMADO — Nós dois! Olha: — o rapaz do beijo, sim, o que beijou, está aí embaixo, prestando declarações! (*ri mais forte, apontando com o dedo para baixo*) — Embaixo! (*primeiro, ri Amado. Em seguida, Cunha o acompanha. Acaba a cena com a fusão de duas gargalhadas*)

(*Casa de Selminha no Grajaú. Presentes o pai de Selminha, "seu" Aprígio, e a própria moça. Esta é a imagem fina, frágil de uma moça, de uma intensa feminilidade.*)

APRÍGIO — Vim só te dar um recado do teu marido.

SELMINHA — Mas entra, papai, entra.

APRÍGIO — Selminha, escuta. Minha filha, o táxi está esperando.

SELMINHA — Despede o chofer!

APRÍGIO — Escuta!

SELMINHA (*para dentro*) — Dália! Dália! (*para o pai*) Eu fico zangada! (*para dentro*) Dália!

APRÍGIO (*angustiado*) — Outro dia… Prometo. Outro dia.

SELMINHA — Não senhor.

APRÍGIO (*querendo vender rapidamente o seu peixe*) — Teu marido. Escuta. Eu estive com teu marido na Caixa Econômica. Teu marido mandou avisar. (*Dália entra. Adolescente cuja graça leve parece esconder uma alma profunda*)

DÁLIA — Papai.

APRÍGIO — Coração! (*Dália lança-se nos braços do pai*)

SELMINHA — Pensei que Arandir viesse com o senhor!

APRÍGIO (*sem ouvi-la e dirigindo-se à caçula*) — Pálida, minha filha?

DÁLIA — Lavei o rosto!

SELMINHA — Dália quase não come. Belisca.

APRÍGIO — Mas tinha um apetite tão bom!
DÁLIA — Estômago, sei lá!
APRÍGIO — Não abuse, minha filha, não abuse. Olha que a saúde! E não te esqueças — o que resolve é a "Flora Medicinal".
DÁLIA — Não tem perigo!
APRÍGIO — Bem, mas. O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim! Teu marido.
SELMINHA — Mas o senhor janta com a gente.
DÁLIA — Janta, sim!
APRÍGIO — Selminha, ó minha filha! Não faz confusão. Seu marido mandou avisar que vem mais tarde, hoje. Mais tarde. Teve que ir ao distrito.
SELMINHA — Distrito?
APRÍGIO — Calma!
DÁLIA — Por quê?
APRÍGIO — Pelo seguinte. Nada demais. Teu marido assistiu um desastre. Quer dizer, assistimos. Eu também. Um desastre horrível, na Praça da Bandeira. Vimos um lotação passar por cima de um sujeito.
SELMINHA — Morreu?
APRÍGIO — O cara?
DÁLIA — Que coisa chata!
APRÍGIO — Na hora. Morreu. Pau pra burro. Mas enfim! É por isso que eu…
DÁLIA — Uns criminosos esses lotações. Andam que!
APRÍGIO — Teu marido foi servir de testemunha.
SELMINHA — Mas papai, olha. Hoje eu fiz. Escuta. Fiz aquele ensopadinho de abóbora. Deixa eu falar. A criada está de folga e eu fui pra cozinha, papai!
APRÍGIO — Hoje, eu não estou me sentindo bem. Sério. Escuta. Vamos fazer o seguinte.
SELMINHA — O senhor é amigo da onça.
APRÍGIO — Um cafezinho, aceito. Café, topo.
SELMINHA — Dália, faz um fresquinho.
APRÍGIO — Mas depressa que o táxi está esperando.
SELMINHA — Depressa!
DÁLIA — Não demora. Um instantinho. (*e então, sozinho com a filha mais velha, Aprígio anda de um lado pra outro e vai falando. Sente-se, em*

tudo o que começa a dizer, uma certa perplexidade e, mesmo, uma surda irritação)

APRÍGIO — Sabe que teu marido ficou tão. E teve um choque! Interessante. Ele correu na frente de…

SELMINHA (*interrompendo com outra irritação*) — Uma coisa, papai. O senhor sabe que, desde o meu namoro, o senhor nunca chamou Arandir pelo nome? Sério! Duvido! Papai! O senhor dizia "seu namorado". Depois: — "seu noivo". Agora é "seu marido" ou, então, "meu genro". Escuta, papai!

APRÍGIO (*meio desconcertado*) — Ora, minha filha, ora!

SELMINHA (*enfática*) — Tenho observado!

APRÍGIO — Você acha então que. Nunca, minha filha! E por quê?

SELMINHA (*triunfante*) — Quer fazer uma aposta? Uma aposta? Quero ver o senhor dizer "Arandir". Diz: — "Arandir". Diz, papai!

APRÍGIO (*realmente confuso*) — Não tem cabimento e olha: — deixa eu contar. Perdi o fio. Ah! Teu marido correu na frente de todo o mundo. Chegou antes dos outros. (*com uma tristeza atônita*) Chegou, ajoelhou-se e fez uma coisa que até agora me impressionou pra burro.

SELMINHA — Mas o que foi que ele fez?

APRÍGIO (*contido na sua cólera*) — Beijou. Beijou o rapaz que estava agonizante. E morreu logo, o rapaz.

SELMINHA (*maravilhada*) — O senhor viu?

APRÍGIO (*sem ouvi-la e com mais vivacidade do que desejaria*) — Você não acha? Não acha que. Eu, por exemplo. Eu não faria isso. Não faria. Nem creio que outro qualquer. Ninguém faria isso. Rezar, está bem, está certo. Mas o que me impressiona, realmente me impressiona. É o beijo.

SELMINHA (*com angústia*) — Mas eu até acho bonito! (*Dália entra*)

DÁLIA — Olha!

SELMINHA — O quê?

DÁLIA — Acabou o café. O pó.

SELMINHA — Mas tinha!

APRÍGIO — Não precisa!

DÁLIA — Eu me esqueci de.

SELMINHA — Pede na vizinha.

APRÍGIO — Escuta.

DÁLIA — Chamei pelo muro, mas não tinha ninguém.

SELMINHA — Dá um pulo.

APRÍGIO — Ouve Selminha. Até é bom. Não estou bem e o café.

SELMINHA (*na sua agonia de dona de casa*) — Mas tinha pó, papai. (*para a irmã, mudando de tom*) Vê lá o fogo. O bolo que eu ia fazer para o senhor. (*Aprígio está de costas para a filha e de frente para a plateia. Dália saiu*)

APRÍGIO (*retomando no ponto interrompido*) — Você acha bonito.

SELMINHA (*com vivacidade*) — Ah, o senhor não conhece Arandir.

APRÍGIO (*com mais vivacidade do que desejaria*) — E você. Conhece? Diga: — conhece seu marido?

SELMINHA — Oh, papai!

APRÍGIO — Conhece?

SELMINHA — Ou o senhor acha que.

APRÍGIO — Responda.

SELMINHA — Evidente.

APRÍGIO — Vem cá. Você tem de casada um ano. Um ano?

SELMINHA — Mas conheço Arandir, desde garotinho!

APRÍGIO (*vivamente*) — Quero saber como marido! (*muda de tom*) De casada, tem um ano, nem isso. Menos. Pois é. Minha filha, é pouco. Isso não é nada. Para um casal, minha filha. Pouquíssimo, um ano ou menos. Mas vamos lá. Você tem mesmo certeza que conhece seu marido?

SELMINHA — Mas absoluta! Eu conheço tanto o Arandir, tanto que. Nem ele me esconde nada. Papai, olha. Confio mais em Arandir que em mim mesma. No duro! E o senhor fala. Engraçado! Fala como se duvidasse, como se.

APRÍGIO (*um pouco vacilante*) — Não é bem assim.

SELMINHA — Papai, eu amo Arandir.

APRÍGIO (*incerto*) — Sei. Acredito. Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu marido não fosse, sim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo que. (*mais incisivo*) Numa palavra: — você é feliz?

SELMINHA — Ou o senhor duvida? Um momento. Quem vai responder. (*grita para dentro*) Dália! Eu sou suspeita! Mas Dália. (*Dália aparece*) Vem cá. Chega aqui.

DÁLIA — Está quase bom.

SELMINHA (*entre parênteses*) — Diminuiu o fogo?

DÁLIA — Diminuí!
SELMINHA (*novamente excitada*) — Papai, hoje! Responde. Eu sou feliz?
DÁLIA (*meio atônita*) — Por quê?
SELMINHA (*para o pai*) — Fala! E olha! Dália veio para cá logo depois da lua de mel. Vive com a gente. Não sai daqui. Fala. Sou feliz?
DÁLIA (*com pé atrás*) — Parece.
SELMINHA (*atônita*) — Parece ou sou?
APRÍGIO (*cruelmente divertido*) — Tenho que ir.
SELMINHA (*vivamente*) — Papai, um momento.
APRÍGIO — Olha o táxi.
SELMINHA (*desesperada, para o velho*) — Papai, faço questão. (*para a irmã*) Escuta. Você respondeu como se…
DÁLIA (*com evidente irritação*) — Feliz. Felicíssima. Pronto.
SELMINHA (*com energia, agarrando-a pelo pulso*) — Vem cá. Diz aquilo. Aquilo que você me disse. Naquele dia. Repete.
DÁLIA — Não aborrece!
SELMINHA — Aquilo, diz!
DÁLIA (*batendo com o pé, numa afetação de infantilidade*) — Você é pau!
SELMINHA (*triunfante*) — Papai, a Dália disse que, se eu morresse. Não foi? Você disse.
DÁLIA — Mentira!
SELMINHA (*radiante*) — Disse que se eu morresse, ela se casaria com o Arandir!
APRÍGIO — Dália, escuta.
DÁLIA — Foi brincadeira minha! Eu estava brincando! Papai, olha!
APRÍGIO (*entre divertido e preocupado*) — Você. Escuta. Você é criança. Nem deve dizer isso. Certas coisas. Sabe como é o mundo.
DÁLIA (*começando a chorar*) — Papai, é mentira de Selminha!
APRÍGIO (*terno*) — E nem chore!
DÁLIA (*para a irmã*) — Você me paga! (*para o pai, com certo fervor e não com sofrimento*) Papai, o que eu disse foi que eu não me casaria nunca porque. (com mais veemência) Não quero, nem me interessa.
APRÍGIO — E teu namorado?
DÁLIA — Brigamos.
SELMINHA (*falando quase ao mesmo tempo*) — Essa bobona agora chora por qualquer coisinha!

APRÍGIO (*puxando o relógio*) — Ih, já é tarde!
SELMINHA (*agarrando-o*) — Papai, eu sou a mulher mais feliz do mundo!

(*Luz sobre o distrito policial. Arandir acaba de ser interrogado. Uma figura jovem, de uma sofrida simpatia que faz pensar num coração atormentado e puro. Arandir ergue-se no momento em que aparecem, na sala do comissário, o Cunha e o Amado Ribeiro.*)

ARANDIR — Posso ir?
COMISSÁRIO BARROS — Pode.
ARANDIR (*recuando, com sofrida humildade*) — Então, boa tarde, boa tarde.
CUNHA — Um minutinho.
ARANDIR (*incerto*) — Comigo?
CUNHA — Um momento.
BARROS — Já prestou declarações.
CUNHA (*entre divertido e ameaçador*) — Sei. Agora vai conversar comigo.
ARUBA (*baixo e veemente para Arandir*) — O delegado.
AMADO — Senta.
ARANDIR (*sentindo a pressão de novo ambiente*) — Mas é que eu estou com um pouquinho de pressa. (*Arandir começa a ter medo. Ele próprio não sabe de quê*)
CUNHA (*com o riso ofegante*) — Rapaz, a polícia não tem pressa.
AMADO — Mas senta. (*Arandir olha em torno, como um bicho apavorado. Senta-se, finalmente*)
ARANDIR (*sem ter de quê*) — Obrigado.
BARROS (*baixo e reverente, para o delegado*) — Ele é apenas testemunha.
CUNHA — Não te mete. (*Arandir ergue-se, sôfrego*)
ARANDIR — Posso telefonar?
CUNHA — Mais tarde. (*Amado cutuca o fotógrafo*)
AMADO — Bate agora! (*flash estoura. Arandir toma um choque*)
ARANDIR — Retrato?
AMADO — Nervoso, rapaz? (*Arandir senta-se, une os joelhos*)
ARANDIR — Absolutamente!
CUNHA (*lançando a pergunta como uma chicotada*) — Você é casado, rapaz?
ARANDIR — Não ouvi.

CUNHA (*num berro*) — Tira a cera dos ouvidos!
AMADO (*inclinando-se para o rapaz*) — Casado ou solteiro?
ARANDIR — Casado.
CUNHA — Casado. Muito bem. (*vira-se para Amado, com segunda intenção*) O homem é casado. (*para o Comissário Barros*) Casado.
BARROS — Eu sabia.
ARANDIR (*com sofrida humildade*) — O senhor deixa dar um telefonema rápido para minha mulher?
CUNHA (*rápido e incisivo*) — Gosta de sua mulher, rapaz? (*Arandir, por um momento, acompanha o movimento do fotógrafo, que se prepara para bater uma nova fotografia*)
ARANDIR — Naturalmente!
CUNHA (*com agressividade policial*) — E não usa nada no dedo, por quê?
ARANDIR (*atarantado*) — Um dia, no banheiro, caiu. Caiu a aliança. No ralo do banheiro.
AMADO — O que é que você estava fazendo na Praça da Bandeira?
ARANDIR — Bem. Fui lá e…
CUNHA (*num berro*) — Não gagueja, rapaz!
ARANDIR (*falando rápido*) — Fui levar uma joia.
CUNHA (*alto*) — Joia!
ARANDIR — Joia. Aliás, empenhar uma joia na Caixa Econômica. (*Amado e Cunha cruzam as perguntas para confundir e levar Arandir ao desespero*)
AMADO — Casado há quanto tempo?
ARANDIR — Eu?
CUNHA — Gosta de mulher, rapaz?
ARANDIR (*desesperado*) — Quase um ano!
CUNHA (*mais forte*) — Gosta de mulher?
ARANDIR (*quase chorando*) — Casado há um ano. (*Cunha muda de voz, sem transição. Põe a mão no joelho do rapaz*)
CUNHA (*caricioso e ignóbil*) — Escuta. O que significa para ti. Sim, o que significa para "você" uma mulher!?
ARANDIR (*lento e olhando em torno*) — Mas eu estou preso?
CUNHA (*sem ouvi-lo e sempre melífluo*) — Rapaz, escuta! Uma hipótese. Se aparecesse, aqui, agora, uma mulher, uma "boa". Nua. Completamente

nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria a tua reação? (*Arandir olha, ora o Cunha, ora o Amado, silêncio*)

AMADO — Com medo, rapaz?

CUNHA — Fala!

AMADO — Não fala? (*Cunha segura o braço de Arandir*)

CUNHA (*falando macio*) — Conta pra mim. Conta. Conta o que você fez na Praça da Bandeira.

ARANDIR (*ainda contido*) — O lotação foi o culpado. (*Cunha ergue-se*)

CUNHA — Um momento!

ARANDIR — Mas doutor! Já estava aberto o sinal amarelo quando o lotação.

CUNHA — Ó rapaz! O lotação não interessa. Compreendeu? Não interessa. O que interessa é você.

BARROS (*com a sua obtusa e generosa falta de tato*) — Quer ver o depoimento do rapaz?

CUNHA (*para o comissário*) — Não dá palpite! (*para Arandir*) O que me põe besta é como você, um sujeito casado. Casado. Tem mulher em casa. Bonitinha talvez.

AMADO — Há quanto tempo você conhecia o cara?

ARANDIR — Que cara?

AMADO — O morto.

ARANDIR — Não conhecia.

CUNHA — Que piada é essa?

AMADO (*para o delegado*) — Cunha, um momento. Um instante. Ó rapaz! Olha pra mim! No local, eu lhe perguntei se você era parente da vítima.

ARANDIR — Não sou.

AMADO — Vamos por partes. Não é parente. Amigo?

ARANDIR — Nada.

AMADO — Mas se conheciam de vista?

ARANDIR — Nem de vista.

CUNHA (*aos berros*) — Nem de vista?

AMADO — Você nunca. Presta atenção. Nunca, em sua vida, você viu o morto?

ARANDIR — Juro! Quer que eu jure? Dou-lhe a minha palavra!

AMADO — Vem cá.

ARANDIR (*desesperado*) — Doutor, eu preciso telefonar pra minha casa!

CUNHA (*exagerando*) — Por essas e outras é que a polícia baixa o pau. E tem que baixar!

AMADO — Cunha, espera! Se você não era nada do cara.

ARANDIR — Nunca vi.

AMADO — Então explica. Como é que você, casado há um ano. Um ano?

ARANDIR — Quase.

AMADO — Praticamente em lua de mel. Em lua de mel! Você larga a sua mulher. E vem beijar outro homem na boca, rapaz!

ARANDIR (*atônito*) — O senhor está pensando que…

AMADO (*exaltadíssimo*) — E você olha. Fazer isso em público! Tinha gente pra burro, lá. Cinco horas da tarde. Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show! Uma cidade inteira viu!

CUNHA (*aos berros*) — Você não perdeu. Você jogou fora a aliança!

AMADO (*furioso*) — Escuta! Se um de nós, aqui, fosse atropelado. Se o lotação passasse por cima de um de nós. (*Amado começa a rir com ferocidade*) Um de nós. O delegado. Diz pra mim? Você faria o mesmo? Você beijaria um de nós, rapaz? (*riso abjeto. Arandir tem um repelão selvagem*)

ARANDIR — Era alguém! Alguém! Que morreu! Que eu vi morrer!

(*Trevas na delegacia. Luz na casa de Selminha. Em cena, a sua irmã.*)

SELMINHA — Você entende papai?

DÁLIA — Papai mudou.

SELMINHA — É outra pessoa!

DÁLIA — Com a morte de mamãe, desque mamãe morreu, mudou tanto!

SELMINHA (*com certo desespero*) — Mudou com o meu casamento. Foi o meu casamento. Foi, sim, Dália. Com o meu casamento.

DÁLIA — Sei lá.

SELMINHA — Te digo mais. Às vezes, eu penso. Penso que papai sentiu mais o meu casamento que a morte de mamãe. Ele não vem aqui, nem telefona. Sou eu que telefono. Ou então. Evita Arandir.

DÁLIA — Não gosta de Arandir.

SELMINHA (*febril*) — Como são as coisas! Veja você. Arandir me disse, hoje: “Vou aproveitar o negócio da Caixa Econômica e passo no teu pai. Ele conhece lá um cara. Vamos na Caixa e eu convido teu pai pra jantar.”

Não adiantou. Adiantou? Pois é. Papai não dá pelota para Arandir. Nem bola!

DÁLIA — Papai me assusta.

SELMINHA — Não gosta de Arandir — por quê?

DÁLIA (*taxativa*) — Ciúmes.

SELMINHA (*virando-se atônita*) — De mim?

DÁLIA — De ti. (*Selminha repete, lentamente, com espanto e uma nascente angústia*)

SELMINHA (*falando para si mesma*) — Ciúmes de mim?

DÁLIA — Ou você é cega?

SELMINHA (*com frívolo arrebatamento*) — Que bobagem, ciúmes de mim! (*muda de tom e novamente angustiada*) Você acha?

DÁLIA — Acho! Acho! (*Selminha, de frente para a plateia, costas para a irmã e uma inflexão de sonho*)

SELMINHA (*meio alada*) — Ciúmes de mim. (*Dália vem por trás e fala por cima do ombro da irmã, que permanece de costas para ela*)

DÁLIA (*repetindo*) — De ti. No teu casamento eu pensei tanto na morte de mamãe. Mas no teu casamento quem morria era papai. Na igreja, de braço contigo, papai ia morrendo. Tive a sensação, te juro! de que…

SELMINHA (*num apelo, quase sem voz*) — Não fala assim!

DÁLIA (*com mais veemência*) — E outra vez. Aquele dia!

SELMINHA — Quando?

DÁLIA — No dia em que vim para cá. Vocês tinham chegado da lua de mel. Eu me lembro. Papai me trouxe e até você estava com aquele quimono, aquele, como é?

SELMINHA — O azul?

DÁLIA — Não. Aquele que a vovó te deu. Papai me trouxe. Não queria vir. Insisti. Veio. E chegou aqui, você sentou-se no colo de Arandir. Se você visse a cara de papai! a cara!

SELMINHA — Não me lembro.

DÁLIA — Cara de ódio! Saiu imediatamente e…

SELMINHA — Você está imaginando! Isso é imaginação! (*com súbita ternura*) Mas eu ainda tenho você e.

DÁLIA — Selminha, amanhã vou-me embora!

SELMINHA — Você?

DÁLIA — Não fico mais aqui.

SELMINHA — Mas escuta. Por quê?
DÁLIA (*sôfrega*) — Olha Arandir! (*Arandir aparece. Vem cansado e febril. Selminha lança-se nos seus braços*)
SELMINHA (*na sua ternura ansiosa*) — Demorou, meu bem!
ARANDIR — A polícia, sabe como é. (*Selminha passa a mão pelo rosto do marido*)
SELMINHA (*amorosa*) — Pálido! (*Selminha tira o lenço do marido e enxuga o rosto*)
ARANDIR — Morto de sede!
SELMINHA (*para a irmã*) — Água!
ARANDIR — Polícia é uma gente que. Dália, meu anjo. Água, sim?
SELMINHA (*para a irmã*) — Gelada.
ARANDIR (*para a cunhada*) — Gelada.
DÁLIA — Está suado.
SELMINHA — Mistura do filtro e gelada. (*Dália sai*) Tira o paletó.
ARANDIR (*tirando o paletó*) — Calor.
SELMINHA — Gravata.
ARANDIR (*tirando a gravata*) — Duas horas lá. (*Dália entra com o copo*)
DÁLIA — Fresquinha. (*Arandir segura o copo com as duas mãos*)
ARANDIR (*antes de beber*) — Água linda! (*Arandir bebe, de uma vez só. Devolvendo o copo*) Você é um anjo!
DÁLIA — Outro?
SELMINHA (*falando ao mesmo tempo*) — Não chama Dália de anjo, que ela vai embora.
ARANDIR — Daqui?
DÁLIA (*doce e firme*) — Amanhã.
ARANDIR (*atônito*) — E vai como? De vez?
SELMINHA — Diz que vai morar com vovó e que. Uma chata!
ARANDIR (*com surdo sofrimento*) — Dália, você tem coragem?
SELMINHA — Um momento. Meu bem, você vai comer alguma coisa.
ARANDIR — Sem fome.
SELMINHA — Uma boquinha você faz?
ARANDIR — Nada. Mais tarde. Depois. Depois eu como. (*Arandir, na sua volubilidade febril, continua*)
ARANDIR — Mas isso é batata?
DÁLIA — Batata!

ARANDIR — Dália, chega aqui. Por quê? De repente e sem motivo? Parece incrível que eu chegue da polícia e a primeira notícia que me dão. É que você vai embora? Escuta. Lá no distrito. (*Arandir anda de um lado para outro*)

SELMINHA — Meu filho, você está cansado.

ARANDIR — Na polícia, ainda agora. Eu me senti, de repente, tão só. Foi uma sensação tremenda. Naquele momento, eu tive assim uma vontade de gritar: — Selminha! Dália! (*com desespero estrangulando a voz*) Quase grito, quase! (*mudando de tom*) Cheguei aqui e sei que você vai…

DÁLIA (*com certa violência*) — Você não precisa de mim!

ARANDIR (*olhando ora a mulher ora a cunhada*) — Quem sabe?

DÁLIA (*com falsa e frívola naturalidade*) — Precisa de Selminha. (*Arandir agarra a mulher, com violência*)

ARANDIR (*estrangulando a voz*) — Responde. Haja o que houver. Você nunca me deixará? Nunca? Não me abandone nunca.

SELMINHA (*angustiada*) — Meu bem. Mas claro. Nunca. Ou você.

DÁLIA — Você viu o rapaz morrer?

ARANDIR (*crispado*) — Quem?

DÁLIA (*sôfrega*) — Era rapaz?

ARANDIR — Meu anjinho, esse assunto. Não interessa. (*com falsa euforia*) — Falemos de outra coisa. Você vai amanhã? É amanhã!? Ótimo! Magnífico! Eu ajudo a fazer as malas! (*muda de tom*) Só não quero que toquem nesse desastre!

DÁLIA — Eu mesma arrumo as malas.

ARANDIR (*incoerente*) — Escuta. Vi o rapaz morrer, sim. Da minha idade, mais ou menos. Selminha, ele estava em cima do meio-fio. Esperando que o sinal abrisse. (*repete*) Em cima do meio-fio. De repente, não sei como foi: — ele perdeu o equilíbrio. Caiu para frente e… Vinha um lotação a toda velocidade. Bateu no rapaz, atirou numa distância como daqui ali.

DÁLIA — Gritou?

ARANDIR — O rapaz?

SELMINHA (*querendo aplacá*-lo) — Meu bem…

ARANDIR — O atropelado não grita. Ou grita? Esse não gritou.

DÁLIA — Era bonito?

ARANDIR (*sem responder*) — O lotação passou por cima. Mas morreu logo. Ainda viveu um minuto, talvez. Ou menos. Um minuto.

SELMINHA — E você que não pode ver sangue.

ARANDIR — Eu corri. Cheguei primeiro que os outros. Me abaixei, peguei a cabeça do rapaz. Gente assim. Peguei a cabeça do rapaz e…

SELMINHA — Beijou. (*Arandir volta-se, com uma certa ira*)

ARANDIR (*agressivo*) — Você também sabe? (*desesperado*) Todo mundo sabe!

SELMINHA — Papai contou.

ARANDIR (*fremente*) — Teu pai. É mesmo! Estava comigo e viu. (*com desespero*) Teu pai disse que eu… (*muda de tom*) Antes de morrer. O rapaz ainda estava vivo. (*incoerente*) O interessante é que na polícia só me falaram nisso!

SELMINHA — Meu bem, agora chega. Descansa um pouco.

ARANDIR (*sem ouvi-la*) — Dália, a polícia pensa. Ainda está pensando. E não se convence, Dália. Pensa que eu conhecia o rapaz. Tomaram meu nome, endereço. Fui interrogado duas vezes. E vão me chamar outra vez.

DÁLIA — Você conhecia?

ARANDIR — Oh, Dália!

DÁLIA — Nem de vista?

ARANDIR (*na sua cólera, apontando para a cunhada*) — Era assim que a polícia perguntava. Nem de vista, nem de nome? Martelavam. Mas olha! O que foi. O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio-fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Agonizava pedindo um beijo. Na polícia, o repórter disse que era hora de muito movimento. Toda a cidade estava ali, espiando. E viu quando eu…

TREVAS

FIM DO PRIMEIRO ATO

Segundo ato

(*Casa de Selminha. A pequena, de costas, aparece entretida numa ocupação caseira. Dália, já de saída, surge com uma maleta. Vai deixar a casa.*)

DÁLIA — Estou pronta.
SELMINHA (*com espanto*) — Já vai?
DÁLIA (*que já pousou a mala no chão*) — Diz o número do táxi? (*Selminha está com o quimono por cima da camisola*)
SELMINHA — Escuta, Dália!
DÁLIA (*para si mesma*) — 28-31… Como é, Selminha? 43?
SELMINHA (*ralhando*) — Deixa de ser espírito de porco!
DÁLIA (*com uma afetação de infantilidade, batendo com o pé*) — Meu Deus, como é o número?
SELMINHA (*puxando-a pelo braço*) — Vem cá. Arandir me pediu. Escuta, Dália.
DÁLIA — Ah, bom!
SELMINHA — Antes de sair me pediu e eu prometi.
DÁLIA — Que coisa chata.
SELMINHA — Ouve. Arandir me pediu pra te falar. Dália, escuta. E mandou dizer. Se ele chegar, logo mais, você não estiver aqui, ouve: — ele corta relações contigo.
DÁLIA (*começando*) — Cha…
SELMINHA — Escuta. Dália, escuta. Troca de mal contigo.
DÁLIA — Chama o táxi.
SELMINHA — Você é teimosa!
DÁLIA — Quer chamar o táxi? (*muda de tom*) Selminha, eu disse que ia, vovó está me esperando!
SELMINHA (*numa explosão*) — Então que se dane e… (*d. Matilde entra com um jornal na mão*)
D. MATILDE — Licença?
SELMINHA — Ah, entre, d. Matilde. (*d. Matilde entra e faz um cumprimento apressado*)
D. MATILDE — Bom dia! Bom dia!

DÁLIA (*com frívola desenvoltura*) — Estou de saída!
D. MATILDE (*indicando o jornal*) — Já leu?
SELMINHA — O resultado das misses?
D. MATILDE — Não leu?
SELMINHA (*já com uma curiosidade nova e inquieta*) — Não vi o jornal!
D. MATILDE (*radiante por ser portadora da novidade*) — O retrato do seu marido, d. Selminha!
SELMINHA (*ao mesmo tempo que apanha o jornal*) — Onde?
DÁLIA — De Arandir?
D. MATILDE (*apoplética de satisfação*) — Primeira página!
SELMINHA (*sôfrega*) — É mesmo! (*Dália olhando por cima do ombro da irmã*)
DÁLIA (*no seu espanto*) — Última Hora!
D. MATILDE (*eufórica*) — O título!
SELMINHA (*lenta e estupefata*) — O beijo no asfalto! (*muda de tom*) O retrato do atropelado! E aqui o Arandir na delegacia!
D. matilde (*melíflua e pérfida*) — Aí diz uns troços que!
DÁLIA — Deixa eu ler!
SELMINHA — Dália, não amola!
DÁLIA — Então lê alto! (*Selminha começa a ler para si, d. Matilde continua na mesma euforia*)
D. MATILDE (*mexericando para Dália*) — Olha, escuta. Tem um repórter na rua.
DÁLIA — Repórter!
D. MATILDE — Com fotógrafo! Entrevistando! Ouviu, d. Selminha?
SELMINHA (*que continua lendo*) — Um momento!
D. MATILDE (*voltando-se para Dália*) — E o repórter está querendo saber se d. Selminha vive bem com "seu" Arandir. Eu disse: — "vive"!
SELMINHA (*numa explosão*) — Nunca! Nunca!
DÁLIA — Mas que é que diz?
SELMINHA (*desatinada*) — Diz que. Olhe que ele diz. Onde é que está? Aqui, mentira! Tudo mentira!
DÁLIA (*vivamente*) — Dá aqui!
SELMINHA — Ainda não acabei! (*para d. Matilde*) Estou que. Tinindo, d. Matilde, tinindo! Como é que um jornal! (*para Dália*) Diz que o Arandir beijou o rapaz na boca!

D. MATILDE — Esse jornal é muito escandaloso!

SELMINHA (*fora de si*) — Toma! Toma! (*entrega o jornal a Dália*) Não quero ler mais nada! Estou até com nojo! Nojo! (*Dália começa a ler o jornal*)

D. MATILDE — Caso sério!

SELMINHA — Se meu marido, d. Matilde! E na boca! Meu marido nem conhecia! Era um desconhecido, d. Matilde!

D. MATILDE (*pérfida*) — Desconhecido?

SELMINHA — Desconhecido!

D. MATILDE (*melíflua*) — Tem certeza?

SELMINHA — Mas d. Matilde!

D. MATILDE — Claro que! Evidente! Acredito na senhora, nem se discute. Mas interessante, d. Selminha. Sabe que. Pela fotografia do jornal, a fisionomia do rapaz não me parece estranha. (*bruscamente e com vivacidade*) O morto não é um que veio aqui, uma vez?

SELMINHA — Na minha casa?

D. MATILDE — Na sua casa! Aqui!

SELMINHA (*fremente*) — A senhora está me chamando de mentirosa, d. Matilde?

D. MATILDE — Deus me livre! A senhora não entendeu. Eu não ponho em dúvida. Absolutamente. (*repete*) Em absoluto! Não ponho. Mas há uma parte no jornal. A senhora leu tudo?

SELMINHA — Tudo!

D. MATILDE — Leu aquele pedaço no final…

SELMINHA — Tudo!

D. MATILDE — Essa parte acho que a senhora não leu.

SELMINHA (*fremente*) — Quer me fazer um favor?

D. MATILDE — Eu vou ler para a senhora. Eu leio.

SELMINHA — Por obséquio, d. Matilde.

D. MATILDE — Leio. (*d. Matilde apanha o jornal de Dália*)

DÁLIA — Mas eu estou lendo!

D. MATILDE (*melíflua*) — Dá licença.

DÁLIA (*desabrida*) — Ora, d. Matilde.

D. MATILDE — Um minutinho!

SELMINHA (*na sua obsessão*) — Era um desconhecido! Um desconhecido!

D. MATILDE (*irredutível*) — É essa parte. Aqui. Acho que a senhora não leu!

DÁLIA — Arandir vai lá na redação e quebra a cara do repórter!
SELMINHA (*frenética*) — Não leia nada! Não quero! Não quero, d. Matilde. Não quero ouvir nada.
D. MATILDE (*implacável, nítida, incisiva*) — O jornal diz: (*ergue a voz*) "Não foi o primeiro beijo! (*triunfante*) Nem foi a primeira vez!"
SELMINHA (*atônita*) — Não foi o primeiro beijo! Nem foi a primeira vez?

(*Trevas sobre as três. Luz na firma, onde Arandir trabalha. O rapaz acaba de chegar. É cercado pelos colegas*.)

WERNECK (*com um humor bestial*) — Mas então, seu Arandir! O senhor!
SODRÉ — Você não diz nada pra gente?
ARANDIR (*já inquieto*) — O que é que há?
WERNECK — Você fica viúvo e não avisa, não participa?
ARANDIR — Isola!
PIMENTEL (*batendo-lhe nas costas*) — Nem me convidou!
ARANDIR (*atônito e meio acuado*) — Que piada é essa?
WERNECK — Piada, uma ova! Batata!
SODRÉ — Viúvo, rapaz! (*Werneck com as duas mãos apanha e aperta a de Arandir*)
WERNECK — Meus para-choques!
ARANDIR — Mas qual é a graça? E isso não é brincadeira! (*olhando as caras que o cercam*) Não faz assim que eu não gosto! Werneck, para, sim? Essas brincadeiras comigo! (*Werneck rompe, com uma boçalidade feroz e jocunda*)
WERNECK — Rapaz! A tua viuvez está aqui! Em manchete! (*Werneck sacode o jornal*) Em manchete, rapaz!
ARANDIR (*exasperado*) — Você para ou não para!?
WERNECK (*triunfante*) — Lê! Lê! Beijo no asfalto! Está aqui! Traz no jornal! O título é — "Beijo no asfalto"!
ARANDIR — Que jornal?
WERNECK — Aqui. (*Arandir apanha o jornal*)
ARANDIR (*lendo, estupefato*) — Beijo no asfalto!
WERNECK (*numa euforia brutal*) — Teu retrato! Teu e o do cara.
PIMENTEL (*baixo*) — Fala baixo!

WERNECK (*exultante*) — Viuvez, sim! Perfeitamente, viuvez. (*num repelão furioso contra o companheiro*) Não chateia, Pimentel! (*Arandir, estupefato, lê a matéria. Fala para si mesmo*)

ARANDIR (*com a voz estrangulada*) — Mentira! Mentira!

WERNECK (*apontando*) — Viúvo de atropelado! Ou viúva! Beijou o sujeito na boca. O sujeito morreu. É a viuvez. Batata!

ARANDIR (*para si mesmo, sem nada ouvir*) — Não! Não. (*Arandir lê com exclamações abafadas*)

WERNECK (*para os outros, com uma certeza feroz*) — E o morto vinha aqui! Veio aqui!

ARANDIR (*erguendo a cabeça*) — Quem vinha aqui?

WERNECK — O morto! O atropelado!

ARANDIR (*estupefato*) — Vinha aqui?

WERNECK (*exaltado*) — Falar contigo.

ARANDIR (*com toda a fúria do seu protesto*) — Nunca! Eu não conhecia o cara!

WERNECK (*rindo*) — Não conhecia, seu vigarista! (*muda de tom*) Quer ver? (*precipita-se, aos berros*) D. Judith! D. Judith! (*para Arandir*) Eu provo!

ARANDIR — Era um desconhecido! Desconhecido! Eu, nunca! (*d. Judith aparece. Tipo convencional da datilógrafa. Inclusive os óculos*)

WERNECK — Eu não minto! eu não minto!

ARANDIR (*para os outros*) — Desconhecido!

WERNECK (*sempre esbravejante*) — Quando digo uma coisa, é batata! (*para a datilógrafa*) Ah, d. Judith!

D. JUDITH (*um pouco intimidada*) — Me chamou?

WERNECK — Chega aqui, d. Judith. Vem cá!

ARANDIR — D. Judith, é verdade que.

WERNECK (*para Arandir*) — Um momento! A senhora vai tirar aqui uma dúvida!

ARANDIR (*sôfrego*) — D. Judith…

PIMENTEL — Fala um de cada vez!

WERNECK — D. Judith, o que foi que a senhora me disse. Um momento! Quando a senhora viu o jornal, a senhora não disse. Não disse que. Disse que tinha visto o morto aqui. Fala, d. Judith, pode falar!

D. JUDITH (*crispada de timidez*) — O que eu disse foi…

PIMENTEL — Não tenha medo!

D. JUDITH — Realmente, pela fotografia, parece.
WERNECK — Continua, d. Judith! Parece ou?
D. JUDITH (*em brasas*) — Parece um moço que esteve aqui, na semana passada. Um moço.
WERNECK — Procurando por quem, d. Judith, procurando por quem?
D. JUDITH (*de olhos baixos*) — Seu Arandir!
ARANDIR (*desafinado*) — Procurando por mim? Por mim?
D. JUDITH (*depois de um olhar enviesado*) — O senhor não estava!
ARANDIR (*desesperado, para os outros*) — Mas é mentira! Mentira! Simplesmente, eu nunca vi esse rapaz! Nunca, na minha vida! Juro! Escuta, d. Judith!
D. JUDITH — Com licença! (*d. Judith abandona a cena, meio espavorida, num passinho rápido e muito miúdo*)
WERNECK (*insultante*) — Viúvo!
ARANDIR — Eu não admito. Sou casado e não admito!
WERNECK — Há testemunha! Viram o rapaz aqui! Viram!
ARANDIR (*desatinado*) — Cala a boca!
WERNECK — Quem é você. Você pra me mandar calar a boca?
PIMENTEL — Vamos parar com isso! (*quer segurar Werneck*)
ARANDIR — Ou você para ou eu…
WERNECK — Tira a mão! (*para Arandir*) O que é que você faz?
ARANDIR — Te parto a cara! (*os outros querem separar; Werneck os empurra*)
WERNECK — Então, parte! (*para Pimentel*) Não te mete! (*para Arandir*) Parte a minha cara!
ARANDIR (*estrangulando a voz*) — Não quero!
WERNECK (*num berro*) — Ou tu parte a minha cara ou eu parto a tua!

(*Trevas. Luz sobre a casa de Selminha. Aprígio e a filha. O velho está chegando. Selminha junto do telefone.*)

SELMINHA (*sôfrega*) — Papai, um minutinho.
APRÍGIO — Eu espero!
SELMINHA — Estou falando com Arandir. Foram chamar.
APRÍGIO — Fala, minha filha.

SELMINHA (*desesperada*) — Estão passando trotes para cá! (*muda de tom*) Alô! Alô! Arandir? Sou eu. O telefone está ruim! Ah, sim! Você leu? Hem? Leu! Meu filho, olha: — fala mais devagar. Não ouço nada. Vem pra cá? Vem, sim, vem. Papai chegou agora. Toma um táxi. Um beijinho! (*Selminha abandona o telefone. Vem sôfrega, para o pai*)

APRÍGIO — Escuta, Selminha.

SELMINHA — Papai, oh, meu Deus! Tenho que deixar o telefone desligado.

APRÍGIO — Trote?

SELMINHA — Trote. Nunca ouvi tanto palavrão na minha vida. Sujeito telefonar, papai. E até mulher! (*voz de menina*) Telefonar para dizer nome feio. Deve ser, aposto. Aposto, papai. Gente da vizinhança! É gente da vizinhança! Tenho certeza!

APRÍGIO — Não liga!

SELMINHA (*sôfrega*) — Comprou o jornal?

APRÍGIO — Comprei. (*Aprígio tira o jornal do bolso*)

SELMINHA — Leu?

APRÍGIO — Li.

SELMINHA (*começando a chorar*) — Papai, olha.

APRÍGIO — Chorando, por quê?

SELMINHA — Tenho que chorar! Estou chorando de raiva! Eu e Dália! (*mudando de tom*) Dália não vai mais, papai! Não vai mais!

APRÍGIO — Por quê?

SELMINHA — Fica! Leu esse pasquim! Leu e resolveu ficar.

APRÍGIO — Onde está ela?

SELMINHA (*sem responder*) — Como é que um jornal, papai! O senhor que defendia tanto o Samuel Wainer! E como é que um jornal publica tanta mentira!

(*Aprígio anda de um lado para outro. Luta consigo mesmo. Ao ouvir falar em mentira, volta-se para a filha com vivacidade.*)

APRÍGIO — Não é mentira!

SELMINHA — Esse título "Beijo no asfalto"! (*reagindo fora do tempo*) O que foi que o senhor disse? (*atônita*) Não é mentira?

APRÍGIO — Nem tudo!

SELMINHA (*repetindo*) — Não é mentira?

APRÍGIO — Selminha, escuta, escuta, minha filha! Você está nervosa!

SELMINHA (*atônita*) — O senhor quer dizer que isso, isso que o jornal publicou. Esta nojeira! O senhor quer dizer que é verdade?

APRÍGIO — Um momento!

SELMINHA (*fora de si*) — O senhor admite que.

APRÍGIO — Selminha, olha! O repórter, esse Amado Ribeiro, escuta, Selminha. (*incisivo*) — O repórter estava lá! Viu tudo!

SELMINHA (*estupefata*) — Viu o quê?

APRÍGIO — O que se passou.

SELMINHA — Então, o senhor vai me dizer. O senhor vai me dizer o que foi que se passou. Quero saber! Quero!

APRÍGIO (*persuasivo*) — Meu anjo, ontem eu não te contei?

SELMINHA (*furiosa*) — O senhor não me contou nada!

APRÍGIO (*doce, mas firme*) — Contei.

SELMINHA — Papai, pelo amor de Deus, escuta!

APRÍGIO — Selminha…

SELMINHA — Tenho mais confiança em Arandir que em mim mesma. Se tivesse acontecido o que o jornal diz. Um momento, papai. (*com mais violência*) Arandir me contaria. Arandir não me esconde nada. Arandir me conta tudo!

APRÍGIO — Nem tudo.

SELMINHA — Tudo!

APRÍGIO — Ontem, eu perguntei se você conhecia o seu marido.

SELMINHA (*exaltada*) — Mas claro! Ou o senhor se esquece que eu sou a mulher. Que eu. Papai, Arandir não pode nem me trair. Porque viria me contar tudo, tudinho. Outro dia. A fechadura do banheiro estava quebrada. Arandir empurra a porta e vê Dália nua. Sem querer, naturalmente, e nem ele podia imaginar que. Mas compreendeu? Pelada. Completamente! Tinha acabado de tomar banho. Pois Arandir veio, imediatamente, no mesmo minuto. No mesmo minuto, papai. Dizer: — olha, acaba de acontecer isso, assim assim… Eu nem disse nada a Dália, porque ela ia ficar sem jeito. Mas a sinceridade de Arandir! O senhor sabe que eu adorei! Adorei!

APRÍGIO — Posso falar?

SELMINHA (*frenética*) — E o jornal põe que o meu marido beijou outro homem na boca!

APRÍGIO — É verdade!

SELMINHA (*atônita, quase sem voz*) — Arandir me diria…

APRÍGIO (*triunfante*) — Beijou.

SELMINHA (*recuando*) — O senhor não pode dizer isso! Não tem esse direito!

APRÍGIO (*ofegante*) — Eu sou pai!

SELMINHA (*num esgar de choro*) — Não. Não.

APRÍGIO — Eu vi e sou pai. Pai. Vi meu genro. O lotação arrastou o sujeito.

SELMINHA (*feroz*) — Foi o rapaz que. Antes de morrer. O rapaz pedia um beijo.

APRÍGIO (*exultante*) — O sujeito caiu de bruços, rente ao meio-fio. De bruços. Teu marido foi lá e virou o rapaz. E deu o beijo. Na boca.

SELMINHA (*fora de si*) — Meu marido diria. Ele não esconde nada! (*Aprígio segura a filha, pelos dois braços*)

APRÍGIO (*com súbita energia*) — Vem cá. Responde! Você viu o retrato do atropelado? (*suplicante e violento*) Diz! Você o reconheceu? Preciso saber. Olha! Entre as amizades do teu marido. (*mais forte*) Entre as relações masculinas do teu marido, tinha alguém parecido? Alguém parecido com esse retrato? Olha bem!

SELMINHA (*atônita*) — O senhor está insinuando que.

APRÍGIO (*desesperado*) — O morto nunca veio aqui?

SELMINHA — Mas eles não se conheciam? Meu marido, nunca nunca!

APRÍGIO (*violento*) — Escuta! Deixa eu falar, menina! Ontem, eu vim aqui, pessoalmente. Podia ter dado o recado, pelo telefone. Mas vim pra te perguntar se. Selminha, eles se conheciam?

SELMINHA (*espantada e ofegant*e) — Mentira!

APRÍGIO (*com violência total*) — Não foi o primeiro beijo! Não foi a primeira vez!

SELMINHA (*na sua cólera*) — Dália tem razão!

APRÍGIO (*sem entender*) — Por que Dália?

SELMINHA — O senhor tem ciúmes de mim.

APRÍGIO (*atônito*) — Eu?

SELMINHA — Odeia Arandir!

APRÍGIO (*desatinado*) — Juro!

SELMINHA — O senhor foi contra meu casamento. Contra!

APRÍGIO (*violento e suplicante*) — Eu sou pai. Pai. Preciso saber se eram amigos e que espécie de amizade!

SELMINHA — O senhor não gosta de ninguém!
APRÍGIO — Sou um velho!
SELMINHA — Nem de mim. O senhor não sabe amar. Escuta, papai!
APRÍGIO — Você não me entende.
SELMINHA — Papai, escuta, papai! (*num rompante histérico*) Deixa eu falar! (*com cruel euforia*) O senhor já amou algum dia? Amou alguém?
APRÍGIO — Amei!
SELMINHA (*num crescendo de fúria exultante*) — Mamãe morreu há tanto tempo e o senhor continua só. Ninguém pode viver sem ninguém. Papai, uma pergunta.
APRÍGIO — Adeus.
SELMINHA — Vem cá, papai!
APRÍGIO — Adeus.
SELMINHA — Não, senhor! O senhor já me ofendeu e tem que me escutar. É só uma pergunta. Eu preciso saber. Está ouvindo? Preciso saber se meu pai é capaz de gostar. (*suplicante*) Neste momento, o senhor gosta de alguém? Ama alguém, papai?
APRÍGIO — Quer mesmo saber?
SELMINHA — Quero!
APRÍGIO (*com o olhar perdido*) — Querida, neste momento, eu… (*esboça uma carícia na cabeça da filha*) eu amo alguém.

(*Trevas sobre a cena. Luz no velório do atropelado. Amado Ribeiro, Aruba e a viúva.*)

VIÚVA — Quer falar comigo?
AMADO — A senhora é que é a viúva?
VIÚVA (*chorosa, amarrotando o lenço*) — O senhor é da polícia?
AMADO (*sintético e inapelável*) — Somos da polícia. Mandei chamar a senhora porque é o seguinte.
VIÚVA (*atarantada*) — Mas o enterro já vai sair!
AMADO — Um minutinho!
VIÚVA (*em ânsias, olhando para trás*) — Vão fechar o caixão!
AMADO (*para a viúva*) — Não afoba! O Aruba vai lá! (*para o companheiro*) Aruba, vai lá! E diz para aguentar a mão.
VIÚVA (sôfrega) — Avisa. Seu, como é mesmo?

ARUBA — Aruba.

VIÚVA — Seu Aruba, avisa que eu não demoro. Mas pra não deixar sair o enterro.

AMADO — Chispa!

VIÚVA — Um momento! Seu Aruba, o senhor fala com um senhor alto, de espinhas. Um que tem espinhas. Alto. Diz que. É meu cunhado. Diz pra não fechar o caixão. Só com a minha presença. (*sai o Aruba, assoando ligeiramente*) — Pronto.

AMADO (*sucinto e incisivo*) — Minha senhora. Não vamos perder tempo. Tomei informações, a seu respeito. Sei, de fonte limpa. Um momento. Sei de fonte limpa que a senhora tem um amante!

VIÚVA (*sob o impacto brutal*) — Eu?

AMADO (*implacável*) — Tem um amante! Cheio da gaita! Não faça comentários! Nenhum!

VIÚVA — O senhor está me ofendendo!

AMADO — Ofendendo, os colarinhos!

VIÚVA (*entre a indignação e o pânico*) — Mas eu sou uma senhora!

AMADO — Cala a boca! Cala a boca! (*muda de tom*) Escuta. Você tem um amante e com toda a razão. Com toda a razão. Conheço a sua vida, de fio a pavio. A senhora arranjou, cala a boca. Arranjou um cara quando percebeu, entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?

VIÚVA (*depois de olhar para os lados e já incerta*) — O senhor está falando alto!

AMADO — Você leu o jornal?

VIÚVA — O jornal? Li.

AMADO (*tirando o jornal do bolso*) — Muito bem. Presta atenção. (*à queima-roupa*) Olha bem esse retrato. É o sujeito que beijou o seu marido. A senhora, naturalmente, já viu esse camarada, claro!

VIÚVA (*vacilante*) — Não.

AMADO (*ameaçador*) — Madame. Nunca viu?

VIÚVA — Nunca! (*Aruba aparece*)

ARUBA — Já falei lá.

AMADO (*para a viúva*) — Viu, sim! Viu!

VIÚVA (*em pânico*) — Juro!

AMADO — Você está mentindo! mentindo!

ARUBA (*interferindo*) — Amado, olha. O cadáver.

AMADO — Não ouvi.

ARUBA (*baixo*) — O cadáver.

AMADO — Fala alto!

ARUBA — Devido ao calor, o cadáver. Já tem mau cheiro.

AMADO (*furioso*) — Que se dane. (*para a viúva*) Olha aqui. Ou a senhora diz a verdade. A polícia não tem esse negócio de mulher, não. Mulher apanha também! (*muda de tom*) Sua burra! Põe na tua cabeça o seguinte. Você tem um amante. E por quê, por que tem um amante? Porque seu marido, escuta, escuta! Seu marido mantinha relações anormais. Relações anormais com um cara. Entendeu? (*melífluo*) Seu marido tinha um amigo chamado Arandir; amigo esse que a senhora está reconhecendo pela fotografia.

VIÚVA (*olhando para os lados*) — O senhor fala mais baixo! (*a viúva olha as fotografias. Aparece um vizinho que está fazendo velório*)

VIZINHO — Com licença.

ARUBA — Fala, meu chapa!

VIZINHO (*tímido*) — É que.

AMADO — Desembucha.

VIZINHO — Pode fechar o caixão?

AMADO — Mas oh nossa amizade! Aguenta a mão!

VIZINHO (*para Amado*) — Doutor, o corpo está exalando! (*enfático*) Exalando!

AMADO (*furioso*) — Vamos fazer o seguinte. Olha aqui, nossa amizade! Manda fechar o caixão! Manda fechar! Ordem da polícia! Fecha e toca o bonde! Por minha conta!

ARUBA (*enxotando o vizinho e com total pouco caso*) — Acaba com isso! Acaba com isso!

VIÚVA (*com nostalgia e perplexidade*) — Mas é um morto!

AMADO (*com riso curto e ofegante*) — Morto e te traía não com uma mulher, mas com um cara! Na hora de morrer, ainda levou um chupão!

ARUBA (*alvar*) — Legal!

(*Trevas. Luz no quarto de Arandir e Selminha. Arandir acaba de chegar.*)

SELMINHA — Até que enfim!

ARANDIR — Ah, querida. (*Arandir apanha entre as suas mãos as de Selminha*)

SELMINHA — Por onde você andou?

ARANDIR — Mãos frias!

SELMINHA — Febre!

ARANDIR (*febril também*) — Demorei, porque. Há uma hora que eu rondo a casa. Passei três vezes pelo portão e não entrei, porque. (*com um esgar de medo*) Tinha um cara na esquina.

SELMINHA — Que cara?

ARANDIR (*encerrado no seu medo, sem ouvi-la*) — Olhando pra cá.

SELMINHA (*sôfrega*) — Você fala como se estivesse fugindo, meu bem! (*Arandir estaca. Volta-se vivamente*)

ARANDIR (*com uma falsa alegria, uma falsíssima naturalidade*) — Fugindo, eu? (*riso de angústia*) a troco de quê? Eu não fiz nada. Não sou nenhum criminoso. Eu apenas. (*sem transição, já em tom de lamento*) Telefonei para cá. Sempre ocupado!

SELMINHA (*querendo ser natural*) — O telefone, meu bem. Tive de desligar, claro! Ligavam pra cá e diziam horrores! Ouvi palavrões que eu não conhecia!

ARANDIR — Escuta, Selminha, olha. Se me procurarem. Avisa à Dália e dá ordem à criada. Eu não estou pra ninguém. Pra ninguém.

SELMINHA (*sem ouvi-lo*) — Você leu?

ARANDIR (*desesperado e suplicante*) — Pelo amor de Deus. Escuta. Esse assunto, não!

SELMINHA — Uma pergunta só.

ARANDIR — Não. Selminha, não! Eu não estou em estado, compreende? Eu não estou em estado de.

SELMINHA (*doce, mas irredutível*) — Arandir, olha pra mim, olha.

ARANDIR (*com sofrida docilidade*) — Fala!

SELMINHA — O que o jornal diz. É só isso que eu quero saber. Só isso, meu bem. O que o jornal diz é verdade?

ARANDIR (*dando-lhe as costas*) — Saí do emprego.

SELMINHA — Te despediram?

ARANDIR — Eu me despedi. (*andando de um lado para outro, com uma excitação progressiva*) Hoje, cheguei no emprego. Logo que cheguei, começaram com piadinhas. (*mais exaltado*) — piadinhas. (*subitamente*

em pânico, pondo-se à escuta) Parou um automóvel! na porta! Não parou um automóvel na porta? (*crispando a mão no braço da mulher*) Não está ouvindo?

SELMINHA — Não é aqui!

ARANDIR (*quase sem voz*) — Não é aqui?

SELMINHA (*um pouco contagiada pelo medo*) — No vizinho! (*com súbito desespero, agarrando o marido*) Mas que piadinhas?

ARANDIR (*de costas para a mulher e com a voz nítida e vibrante*) — Eles me chamaram de viúvo!

SELMINHA — De quê?

ARANDIR (*com desesperado cinismo*) — Viúvo! Do rapaz que morreu! Entende? Você acha que depois disso?

SELMINHA (*atônita*) — E você?

ARANDIR — Eu?

SELMINHA (*fora de si*) — Você reagiu?

ARANDIR — Eu não podia! Eu não!

SELMINHA (*furiosa*) — Você devia lhe ter quebrado a cara!

ARANDIR — Até o chefe. Falou comigo, e olhava para mim. Estava espantado. Espantado. Eu tive a impressão. É um bom sujeito. Um homem de bem. Não sei, mas tive a impressão de que tinha nojo de mim, como se eu!

SELMINHA (*segurando-o com energia*) — Arandir!

ARANDIR — Querida!

SELMINHA — Como tua mulher, eu te peço. Você vai lá amanhã e quebra. Quebra mesmo! A cara do sujeito!

ARANDIR — Eu acho, entende? Acho que, nunca mais, em emprego nenhum. Acho que em todos os empregos, os caras vão me olhar como se. As mesmas piadinhas, em toda a parte.

SELMINHA (*frenética*) — Ao menos, responde!

ARANDIR — Senta comigo.

SELMINHA — É verdade quê?

ARANDIR — Um beijo.

SELMINHA (*com surda irritação*) — Primeiro, responde. Preciso saber. O jornal botou que você beijou.

ARANDIR — Pensa em nós.

SELMINHA — Com outra mulher. Eu sou tua mulher. Você beijou na…

ARANDIR (*sôfrego*) — Eu te contei. Propriamente, eu não. Escuta. Quando eu me abaixei. O rapaz me pediu um beijo. Um beijo. Quase sem voz. E passou a mão por trás da minha cabeça, assim. E puxou. E, na agonia, ele me beijou.

SELMINHA — Na boca?

ARANDIR — Já respondi.

SELMINHA (*recuando*) — E por que é que você, ontem!

ARANDIR — Selminha.

SELMINHA (*chorando*) — Não foi assim que você me contou. Discuti com meu pai. Jurei que você não me escondia nada!

ARANDIR — Era alguém! Escuta! Alguém que estava morrendo. Selminha. Querida, olha! (*Arandir agarra a mulher. Procura beijá-la. Selminha foge com o rosto*) Um beijo.

SELMINHA (*debatendo-se*) — Não! (*Selminha desprende-se com violência. Instintivamente, sem consciência do próprio gesto, passa as costas da mão nos lábios, como se os limpasse*)

ARANDIR — Você me nega um beijo?

SELMINHA — Na boca, não!

ARANDIR (*sem se aproximar e estendendo as duas mãos crispadas*) — Coração, olha. No emprego e aqui na rua. Eu sei que aqui na rua. Ninguém acredita em mim. E, hoje, quando eu saí do emprego. Meu bem, escuta. Fiquei andando pela cidade. Tive a impressão de que todo mundo me olhava. No lotação, em todo lugar, eu acho que me reconheciam pelo retrato. Eu saltava de um lotação e apanhava outro. A mesma coisa. Eu então pensei: — "Bem: Mas eu tenho Selminha!" Escuta, Selminha, escuta! Eu quero sentir, saber, entende! Saber que você está comigo, a meu lado! Você é tudo que eu tenho! (*Selminha está chorando com o rosto coberto por uma das mãos*)

SELMINHA (*soluçando*) — Oh, cala a boca!

ARANDIR (*com súbito pânico*) — Barulho. Está ouvindo?

SELMINHA — Nada.

ARANDIR (*recuando*) — Abriram o portão. Alguém entrou.

SELMINHA (*com surda irritação*) — Não é ninguém. (*Dália aparece*)

ARANDIR — Oh, Dália.

DÁLIA (*surpresa para a irmã*) — Chorando por quê?

ARANDIR — Nervosa.

DÁLIA (*para Arandir*) — Eu não vou mais, Arandir. (*para a irmã*) Sua boba! Parece até nem sei! Faz como eu. Olha! Agora mesmo, eu disse à d. Matilde. Ouviu, Arandir? Quando eu vinha voltando da igreja, encontrei a d. Matilde. D. Matilde, essa de. Disse a ela o que não se diz a um cachorro. Quase que. Disse: — Olha! Limpe a boca, limpe a boca. E fique sabendo que meu cunhado é muito mais, mas muito mais homem que seu marido! (*toca a campainha*)

ARANDIR (*sob o impacto*) — Agora estão batendo!

SELMINHA (*também em sobressalto*) — Dália, vai atender, vai. Arandir não está.

DÁLIA — Não está?

ARANDIR — Ninguém, pra ninguém!

SELMINHA — Anda. (*Dália abandona a sala*)

ARANDIR (*sôfrego*) — Diz que me ama!

SELMINHA (*saturada*) — Você sabe.

ARANDIR — Mas eu queria que você repetisse. Me ama? Você não é capaz de repetir que me ama? (*entra Dália*)

DÁLIA — Polícia!…

TREVAS

FINAL DO SEGUNDO ATO

Terceiro ato

(O *delegado Cunha e Amado Ribeiro estão na casa de um amigo, em Boca do Mato. Entram o investigador Aruba e Selminha. (Esta vem assustadíssima) Só vê-la, o delegado Cunha, em mangas de camisa, os suspensórios arriados, um vasto revólver na cinta, vem ao seu encontro. Exuberante e sórdida cordialidade de cafajeste.*)

CUNHA — Tenha a bondade, minha senhora! Tenha a bondade!
SELMINHA (*quase chorando*) — O senhor que é o comissário?
CUNHA (*numa mesura subserviente*) — Delegado!
ARUBA — O doutor!
SELMINHA (*fremente*) — Eu fui ameaçada! Ameaçada!
CUNHA — Mas minha senhora!
SELMINHA (*apontando*) — Esse moço me ameaçou!
ARUBA (*numa gesticulação de cafajeste*) — Ela quis botar banca! Não queria vir! Resistiu, já sabe!
SELMINHA (*ora para um, ora para outro*) — Mentira. (*para delegado*) Doutor, eu apenas, olha. Apenas perguntei: — "Pra onde o senhor me leva?"
CUNHA (*com um descaro grandiloquente*) — Aruba! Você maltratou essa senhora, hem, Aruba?
ARUBA — Não!
SELMINHA (*chorando de humilhação*) — Disse que. Disse! Que se eu gritasse, que eu apanhava na boca! E me torceu o braço. (*para investigador*) — torceu!
AMADO (*intervindo pela primeira vez*) — Minha senhora, isso é um cavalo! Uma besta!
ARUBA (*impulsivamente*) — Besta é você!
AMADO — O cara não dá uma dentro!
CUNHA (*aos berros e espetando o dedo na cara do auxiliar*) — Cala a boca! (*muda de tom, para Selminha*) — Infelizmente, minha senhora, a polícia tem elementos que, (*para Aruba, com uma falsa cólera*) Retire-se! (*para Selminha, com humildade*) — Peço-lhe, creia que (*para Aruba*) — Saia!
ARUBA — Mas doutor!

CUNHA — E olha! Vou lhe meter uma suspensão!

ARUBA (*numa confusão total*) — Cumpri ordens!

CUNHA — Eu não admito, entende? Não admito! Cai fora! (*Aruba sai. Cunha volta-se para Selminha. Falsíssima humildade. Selminha olha em torno*)

SELMINHA — Eu reclamei porque (*mais incisiva*) — Isso aqui não é distrito!

AMADO — Calma, d. Selminha!

SELMINHA (*próxima da histeria*) — Isso é uma casa!

CUNHA (*melífluo*) — Exato, exato. Casa. Não nego. Escuta, minha senhora.

SELMINHA — Mas doutor!

AMADO (*apaziguador*) — Um momento!

CUNHA — Pra evitar escândalo. Escuta. Pra evitar escândalo eu preferi que fosse aqui.

SELMINHA (*olhando em torno*) — Aqui onde?

CUNHA (*com um princípio de irritação e já insinuando uma ameaça*) — Aqui, d. Selminha, aqui! Na delegacia, propriamente, não se pode trabalhar. Está assim de repórter, de fotógrafos! Não há mistério, d. Selminha. Estamos em São João de Meriti. Essa casa é de um amigo do Amado Ribeiro. (*voltando-se para o repórter*) Amado Ribeiro, da Última Hora!

AMADO (*cínico*) — Prazer.

SELMINHA (*disparando, numa volubilidade febril*) — O senhor é que é Samuel Wainer?

AMADO — Amado Ribeiro.

SELMINHA (*desorientada por um detalhe imprevisto*) — Mas o Samuel Wainer não trabalha na Última Hora?

AMADO — Exato.

SELMINHA (*confusa*) — Ah, é. E o Carlos Lacerda na Tribuna da Imprensa.

CUNHA (*de supetão e chocado pela surpresa*) — D. Selminha, onde está seu marido?

SELMINHA (*crispando-se*) — Meu marido?

CUNHA (*mudando de tom e com uma satisfação gratuita, exagerada*) — Não responda já! (*sem transição*) Amado, escuta. (*para Selminha*) Temos um barzinho, ali. A senhora não toma nada? Por exemplo: — não quer tomar um.

SELMINHA — Nada.

AMADO — Nem aguinha?

CUNHA — Apanha lá, Amado.

SELMINHA (*vivamente*) — Não, não! (*sôfrega*) Muito obrigada.

CUNHA (*para Amado*) — Não precisa, Amado. (*para Selminha, novamente melífluo*) Mais calma?

SELMINHA — Sim.

CUNHA (*com um riso surdo*) — Ou tem medo?

SELMINHA (*realmente apavorada*) — Um pouco. (*Cunha faz, ali, um pequeno e divertido escândalo. Estava sentado, ergue-se*)

CUNHA (*com um riso exagerado e bestial*) — Medo de mim? (*abrindo os braços para o repórter*) — Tem medo de mim, Amado! De mim!

AMADO — D. Selminha, com licença!

SELMINHA (*desorientada*) — Não é isso! O senhor não me entendeu. Nervosa!

CUNHA (*rindo ainda, com certa ferocidade*) — Diz pra ela, Amado. Conta! (*andando de um lado para outro e sempre exagerando*) Medo de mim, qual!

AMADO (*incisivo*) — D. Selminha, aqui o Cunha. Ouviu d. Selminha? Está ouvindo? O Cunha não é como os outros!

CUNHA (*andando de um lado para outro, numa agitação jocunda*) — Fala, Amado, fala!

AMADO — Posso falar porque. Tenho metido o pau na polícia. Mas o Cunha é um dos raros. Um dos raros, entende? (*cínico e enfático*) — Humano! (*Cunha vem sentar-se, novamente, com os dois*)

CUNHA — Menina, escuta. Pra mim você é uma menina. Mas escuta.

SELMINHA (*querendo desculpar-se*) — Em absoluto, eu!

CUNHA — E, de mais a mais, eu sou pai. Antes de tudo, sou pai. O Amado sabe. Eu tenho uma filha. Única.

AMADO — Noiva.

CUNHA — Noiva. Vai se casar. E quando eu olho pra você, penso na minha filha. Nunca se sabe o dia de amanhã. Vamos que o meu genro. Essas coisas, sabe como é. Casamento é loteria, mas eu, quero que você, entende? (*para o repórter*) Você não acha, Amado? (*para Selminha novamente*) Quero que você me veja como um pai. Agora responda: — ainda tem medo de mim?

SELMINHA — Não.

AMADO — Natural.
CUNHA (*com um riso surdo e ofegante*) — Podemos conversar?
SELMINHA (*com uma docilidade de menina*) — Podemos.
AMADO (*baixo e persuasivo*) — Pode confiar no Cunha.
CUNHA (*docemente*) — É uma pergunta. Uma perguntinha só. O seguinte.
SELMINHA (*olhando ora um ora outro*) — Pois não.
CUNHA (*de supetão e com uma agressividade inesperada*) — Onde está seu marido? (*pausa. Selminha olha um e depois outro*)
SELMINHA (*crispada*) — Não sei.
AMADO (*persuasivo*) — Sabe. D. Selminha.
CUNHA (*já ameaçador*) — Ai o meu cacete! (*mudando de tom*) Menina, eu lhe falo como um pai! Como um pai! E se você!
SELMINHA — Juro! (*Cunha vira-se para Amado. Agarra-o pelos dois braços*)
CUNHA — Oh porque é que eu tenho uma filha! É minha filha que me impede de! (*larga o repórter e volta-se para Selminha*) Menina, pense bem antes de responder!
SELMINHA (*numa espécie de histeria*) — Eu não sei onde está meu marido!
CUNHA — Você está diante da polícia. E olha! Vai dizer a verdade. A verdade! (*muda de tom, novamente caricioso*) Não se engana a polícia!
SELMINHA — Escuta, doutor! Meu marido saiu de casa…
CUNHA (*furioso*) — Seu marido fugiu!
SELMINHA — Fugiu como?
CUNHA — Fugiu, entende? Está fugindo! Fugindo da polícia!
AMADO — Não lhe parece que a fuga é. D. Selminha, escuta. A fuga é a confissão. Confissão!
SELMINHA — Mas meu marido! Afinal de contas!
CUNHA (*apertando a cabeça entre as mãos*) — Não é possível!
SELMINHA (*erguendo-se e com exaltação*) — O senhor está enganado.
CUNHA (*num berro*) — Fugiu!
AMADO (*para o delegado*) — Cunha, calma! (*para Selminha*) Um momento! (*para Cunha*) Calma!
SELMINHA — Fugir por quê, se ele não fez nada? Nem conhecia o morto!
CUNHA (*rápido e agressivo*) — Tem certeza? Note bem: — certeza? (*elevando a voz*) Tem!?

SELMINHA (*afirmativa, embora desconcertada*) — Tenho! (*Cunha tem um lance teatral*)

CUNHA (*exultante*) — Amado, manda entrar a moça! (*para Selminha*) Vou lhe provar que. Ri melhor quem ri por último.

AMADO (*faz um gesto para dentro*) — Pode vir! Vem, vem!

CUNHA (*para a moça que vem entrando*) — Tenha a bondade. (*a viúva do atropelado é moça*) — Aqui é a viúva do rapaz, o atropelado. A viúva. O tal que seu marido beijou. O tal!

AMADO — A senhora vai repetir aqui. (*indica Selminha, sem dizer-lhe o nome*) A senhora conhece o Arandir?

VIÚVA — Conheço.

AMADO (*para Selminha*) — Conhece! (*para a viúva*) E conhece de onde?

VIÚVA — De minha casa.

AMADO — Frequentava a sua casa. Muito bem. (*para Selminha*) Ia lá! (*para a viúva*) Agora conta aquilo. Aquilo que a senhora me contou. Aquilo, sim!

CUNHA (*para Selminha*) — Presta atenção.

VIÚVA — De fato. Uma vez, ele foi lá em casa. Foi lá em casa e os dois. (*para, em pânico, olhando para o delegado, ora o repórter, ora Selminha*)

AMADO — Os dois. Continue!

VIÚVA (*sôfrega de um jato*) — Os dois tomaram banho juntos.

SELMINHA (*atônita*) — Meu marido?

AMADO (*já despedindo a viúva*) — Madame, muito obrigado. Pode ir.

SELMINHA (*precipitando-se*) — Mas escuta. Vem cá! (*Cunha barra a passagem de Selminha*)

CUNHA — Não, senhora. Quem interroga somos nós! A senhora não se mete!

AMADO (*feroz e exultante*) — D. Selminha, o banho é um detalhe mas que basta! Pra mim basta! O resto a senhora pode deduzir.

SELMINHA (*lenta e estupefata*) — O senhor quer dizer que meu marido!…

AMADO (*forte*) — Exatamente!

CUNHA (*também feroz*) — Seu marido, sim! Seu marido! Batata! (*Selminha olha, ora um, ora outro. Está lívida de espanto*)

AMADO (*ofegante*) — Ou a senhora prefere que eu fale português claro?

SELMINHA (*que se crispa para uma crise de histeria*) — Prefiro. Fale, sim! Fale português claro!

AMADO — Bem. É o seguinte.

CUNHA (*bestial*) — Escracha! Escracha que eu já estou de saco cheio!

AMADO — A polícia sabe que havia. Havia entre seu marido e a vítima uma relação íntima.

SELMINHA (*no seu espanto*) — Relação íntima?

AMADO — Uma intimidade, compreendeu? Um tipo de intimidade que não pode existir entre homens. Um instante, Cunha. A viúva já desconfiava. O negócio do banheiro, entende? E quando leu o beijo no asfalto, viu que era batata. Basta dizer o seguinte: — ela. Sim, a viúva! (*triunfante*) não foi ao cemitério!

CUNHA (*com uma satisfação bestial*) — Menina, olha. Está na cara que seu marido não é homem. (*Selminha vira-se com súbita agressividade*)

SELMINHA — Eu estou grávida!

AMADO — Quem?

SELMINHA (*feroz*) — Eu! É homem! Eu estou grávida! (*para um e outro*) E outra coisa. Agora vocês vão me ouvir. Vão me ouvir. O meu marido foi à Caixa Econômica. Um momento! Foi lá pôr uma joia no prego!

CUNHA — Escuta.

AMADO (*para o delegado*) — Deixa ela falar!

SELMINHA — E falo, sim! Foi pôr a joia, sabe pra quê? Por que ele me pediu pra tirar. Tirar o filho. Meu marido acha que a gravidez estraga a lua de mel! Prejudica! E como eu. Eu nunca tive barriga. Seria uma pena que a gravidez. Ele então preferia que mais tarde e já não. Foi na Caixa Econômica apanhar o dinheiro do aborto.

AMADO — Mas e daí?

SELMINHA (*desesperada com a ironia ou incompreensão*) — Ou o senhor não entende quê? Eu conheço muitas que é uma vez por semana, duas e, até, 15 em 15 dias. Mas meu marido todo o dia! Todo o dia! Todo dia! (*num berro selvagem*) Meu marido é homem! Homem! (*Selminha está numa histeria medonha. Soluça. Cunha a segura pelos dois braços e a domina, solidamente*)

CUNHA (*com um riso sórdido*) — Você nunca ouviu falar em gilete? Em barca da cantareira?

SELMINHA (*subitamente hirta*) — O quê?

CUNHA (*num total achincalhe*) — Gilete! Barca da cantareira! (*Selminha desprende-se com violência. Desfigurada pela cólera, esganiça a voz*)
SELMINHA — Seus indecentes! Indecentes! E você! (*marcando o delegado*) Você que é pai! Sua filha é noiva e olha! Tomara que o noivo de sua filha seja tão homem como o meu marido! (*Cunha atira-se contra Selminha*)
CUNHA — Ó sua! Lhe quebro os cornos!
AMADO (*interpondo-se*) — Espera! Calma! (*para Selminha, feroz*) Tira a roupa! Fica nua. Tira tudo!

(*Trevas. Casa de Selminha. O pai entra. Dália precipita-se.*)

DÁLIA — Oh, papai!
APRÍGIO (*sôfrego*) — Onde está tua irmã?
DÁLIA (*soluçando*) — Presa!
APRÍGIO — Quem?
DÁLIA (*num começo de histeria*) — Presa!
APRÍGIO (*estupefato*) — Prenderam? (*furioso*) Não chora! (*muda de tom*) Fala!
DÁLIA — A polícia esteve aqui!
APRÍGIO (*repetindo*) — Não chora! A polícia?
DÁLIA (*repetindo*) — Esteve aqui e perguntou, primeiro. Primeiro perguntou por Arandir. (*tomando respiração*) Eu disse que Arandir não estava. Então, levaram a Selminha!
APRÍGIO (*agarrando a filha e com energia*) — Pra onde? (*Dália reage como uma menina realmente traumatizada*)
DÁLIA (*numa explosão*) — Sei lá! Papai! Sei lá!
APRÍGIO (*novamente furioso*) — Menina chata! Para de chorar! (*sem transição e desviando a sua fúria*) — E meu genro? Onde é que está o meu genro?
DÁLIA — Papai, quando a polícia chegou! Ouviu, papai?
APRÍGIO (*praguejando sem sentido*) — O cúmulo!
DÁLIA — Arandir escondeu-se no meu quarto!
APRÍGIO — Escondeu-se?
DÁLIA — Escuta, aqui. Ficou lá até que. (*incoerente e com veemência*) Ou o senhor queria que Arandir fosse preso?
APRÍGIO (*furioso*) — Meu genro não pode ser preso, minha filha pode!

DÁLIA (*desorientada*) — Papai, não é isso!
APRÍGIO (*ameaçando não se sabe o que ou a quem*) — Mas olha! Olha!
DÁLIA (*agarrando o velho*) — Papai, escuta!
APRÍGIO (*urrando*) — Onde está o canalha do meu genro?
DÁLIA (*recuando como diante de uma blasfêmia*) — O quê?
APRÍGIO (*mais forte*) — O canalha de meu genro!
DÁLIA (*ressentida*) — Arandir não é canalha.
APRÍGIO (*ofegante e sem completar*) — Você ainda!
DÁLIA — O senhor não! Não pode chamar!
APRÍGIO (*triunfante*) — Chamo! Posso chamar! Perfeitamente! Um canalha que. Se esconde e larga a mulher! Dá o fora, a mulher que se dane! E tudo por quê? Porque esse pulha!
DÁLIA (*quase sem voz*) — Não, papai, não!
APRÍGIO — Esse pulha. Na minha frente. Nem respeitou a minha presença. Na minha frente, sim! Na frente de toda a cidade. Toda a cidade estava lá, vendo, espiando! (*exultante e feroz*) E ele beijou na boca um homem! Por isso, Selminha. Selminha foi presa!
DÁLIA — Papai, o senhor não entende!
APRÍGIO (*estrebuchando*) — Um genro que! (*Dália atraca-se com o pai*)
DÁLIA (*desesperada*) — Ouve, papai. Arandir explicou!
APRÍGIO (*violento e cortante*) — Mentira!
DÁLIA — Conheço, papai! E Arandir, olha. Se fez isso. Papai, escuta. Fez isso porque. Teve pena! Foi a caridade. Arandir tem um coração, papai!
APRÍGIO (*como se desse cusparada*) — Humilhou a minha filha.
DÁLIA — E o rapaz antes de morrer. Ele não podia recusar. Antes de morrer, o rapaz pediu o beijo. Antes de morrer.
APRÍGIO (*agarra a filha. Está sinistramente divertido*) — Antes de morrer?
DÁLIA — Pediu.
APRÍGIO (*com súbita energia*) — Agora você vai me ouvir.
DÁLIA — Papai, eu!
APRÍGIO (*desesperado*) — Cala a boca! (*muda de tom e falando com súbita ferocidade*) Eu estava junto de meu genro. Quando ele se abaixou, eu estava ao lado. Juntinho, ao lado. E vi e ouvi tudo. (*baixo e violento*) Olha! Ninguém pediu beijo! (*radiante*) O rapaz já estava morto!
DÁLIA (*quase sem voz e num espanto brutal*) — Morto?

APRÍGIO — Morto. Meu genro te contou que. Mentira! O rapaz não disse uma palavra. Estava morto. De olhos abertos e morto.

DÁLIA (*ainda sem voz*) — Não acredito.

APRÍGIO (*exultante*) — Meu genro mentiu pra ti e pra Selminha.

DÁLIA (*cara a cara com o pai*) — Arandir não mente!

APRÍGIO — Beijou porque quis e não era um desconhecido. (*agarra a filha pelos dois braços. Fala cara com cara*) Eram amantes! (*pausa*)

DÁLIA (*sussurrando*) — Não! Não!

APRÍGIO (*triunfal*) — Amantes! (*Dália desprende-se com inesperada violência*)

DÁLIA (*com súbita ferocidade*) — Papai, descobri o seu segredo.

APRÍGIO (*realmente em pânico*) — Que segredo!? (*rápido, segura a filha pelo pulso*)

DÁLIA — Descobri!

APRÍGIO (*desatinado*) — Não tenho segredo nenhum! (*com um esgar de choro*) — Nem admito. Ouviu? Nem admito!

DÁLIA (*cruel e lenta*) — Quer que eu diga?

APRÍGIO (*num berro*) — Cala essa boca! (*muda de tom. Quase sem voz*) Ou, então, diz. Pode dizer. Se você sabe, diz. (*com a voz estrangulada*) Qual é o meu segredo?

DÁLIA (*lenta e má*) — O senhor não gosta de Selminha como pai.

APRÍGIO (*assombrado*) — Como o quê?

DÁLIA (*hirta*) — Gosta como. É amor. Amor de homem por mulher. (*diante da afirmativa de Dália, o velho tem uma reação que, de momento, o espectador não vai compreender. Essa reação é de uma euforia brusca. Total, sem nenhuma motivação aparente*)

APRÍGIO (*começando a rir*) — Amor de homem por mulher? E é esse o segredo? (*repete, recuando o espanto para a filha*) Meu segredo é esse?

DÁLIA (*esganiçando a voz, num frenético desespero infantil*) — Por isso o senhor odeia Arandir!

APRÍGIO (*na sua euforia*) — Pensei que. (*abrindo o riso*) Mas quem sabe? Talvez você tenha. (*muda de tom, com uma seriedade divertida*) Realmente, quando uma filha se casa, o pai é um pouco traído. Não deixa de ser traído. O sujeito cria a filha para que um miserável venha e. (*muda de tom, novamente, com uma ferocidade jocunda*) Em certo sentido, Selminha cometeu um adultério contra mim! (*numa gargalhada*

selvagem e canalha, que ninguém entende) Boa! boa! (*termina a cena com as gargalhadas do pai e os soluços da filha*)

(*Trevas. Luz no quarto de Amado Ribeiro. O repórter está sem paletó com a fralda da camisa para fora das calças. Empunha uma garrafa de cerveja. De vez em quando bebe pelo gargalo com uma sede feliz. O repórter está, na melhor das hipóteses, semibêbado.*)

AMADO — Quem? Quem? Falar comigo? Olha! Manda subir. Sobe, sobe!… (*Aprígio entra*)

AMADO (*incerto*) — O senhor é?

APRÍGIO (*formal*) — O sogro de.

AMADO — O sogro, exatamente. Eu estava reconhecendo. Graças a Deus, sou bom fisionomista.

APRÍGIO (*com uma grave amabilidade*) — Boa noite. (*Amado faz um gesto circular, que abrange todo o quarto*)

AMADO — Desculpe a esculhambação. O quarto está uma bagunça.

APRÍGIO — Absolutamente.

AMADO — Estou safado da vida. Imagine que a arrumadeira, uma preta gorda. (*baixo e sórdido*) Emprenhou. Ela faz aborto em si mesma. Com talo de mamona. (*com fina malícia*) Não deixa de ser uma solução. (*muda de tom*) Mas parece que, desta vez, houve perfuração. Perfuração. Está morre, não morre. Vai morrer. (*pigarreando e com certo quê de culpado*) Mas olha cá: — eu não tenho nada com o peixe. O filho não é meu! (*muda de tom, um pouco perturbado*) Vamos nós. Qual é o drama?

APRÍGIO — Seu Amado, eu desejava, aliás.

AMADO — É sobre o beijo do asfalto?

APRÍGIO (*incerto*) — Propriamente.

AMADO — Meu amigo, com licença. Um momento. O senhor veio me cantar?

APRÍGIO (*perturbado*) — Mas cavalheiro!

AMADO — Veio me cantar. Um momento. Claro. Veio me cantar. E eu não quero. Em absoluto. Meu amigo, eu sou batata, entende? E não me vendo!

APRÍGIO — O senhor não me entendeu.

AMADO — Sou macaco velho!

APRÍGIO (*sôfrego*) — Queria apenas, entende? Ter uma conversa. Uma conversa, a propósito de…

AMADO — Escuta, nossa amizade, escuta! Fala um de cada vez. Essa conversa, é velha pra chuchu! Mas olha: — dinheiro não me compra.

APRÍGIO (*incisivo*) — Nem eu, ora!

AMADO — Com licença. O senhor está aqui por causa de seu genro e de sua filha. Batata! Mas escuta! A única coisa que me compra é mulher! (*faz o adendo rápido e incisivo*) E magra!

APRÍGIO — Seu Amado.

AMADO (*no seu deslumbramento erótico*) — As magras! As magras. (*retifica*) Sem alusão à sua filha. (*com uma amabilidade obscena de bêbado*) Magrinha, sua filha. (*muda de tom*) Vou lhe contar uma passagem. Eu tive uma dona, uma cara, nem sei que fim levou. (*novamente, exultante*) O corpo de sua filha, direitinho. Sem barriga nenhuma. (*com um riso vil*) Na cama, era bárbara! (*ri*) Subia pelas paredes assim como uma lagartixa profissional! Magrinha, ossuda!

APRÍGIO (*com surda irritação*) — O senhor quer me ouvir?

AMADO — Como é mesmo sua graça?

APRÍGIO — Aprígio.

AMADO — Aprígio, agora é tarde! Tarde!

APRÍGIO — Mas eu ainda não disse nada! Eu queria, justamente.

AMADO — O senhor vai dizer que é mentira. Que é uma mistificação colossal, não sei o que lá. Não adianta. O jornal está rodando. Rodando. Tem uma manchete do tamanho de um bonde. Assim: — "O Beijo no Asfalto foi crime! Crime!"

APRÍGIO (*apavorado*) — Crime?

AMADO — Crime! E eu provo! Quer dizer, sei lá se provo, nem me interessa. Mas a manchete está lá, com todas as letras: — CRIME!

APRÍGIO — Mas eu não entendo!

AMADO (*exultante e feroz*) — Aprígio, você não me compra. Pode me cantar. Me canta! Canta! (*rindo, feliz*) Eu não me vendo! (*muda de tom*) Eu botei que. Presta atenção. O negócio é bem-bolado pra chuchu! Botei que teu genro esbarrou no rapaz. (*triunfante*) Mas não esbarrou! Aí é que está. Não esbarrou. (*lento e taxativo*) Teu genro empurrou o rapaz, o amante, debaixo do lotação. Assassinato. Ou não é? (*maravilhado*)

Aprígio, a pederastia faz vender jornal pra burro! Tiramos, hoje, está rodando, trezentos mil exemplares! Crime, batata!

APRÍGIO — Tem certeza?

AMADO — Ou duvida?

APRÍGIO (*mais incisivo*) — Tem certeza?

AMADO (*sórdido*) — São outros quinhentos! Sei lá! Certeza, propriamente. A única coisa que sei é que estou vendendo jornal como água. Pra chuchu.

APRÍGIO (*saturado de tanta miséria*) — Já vou.

AMADO (*fazendo uma insinuação evidente de miserável*) — Vem cá. Escuta aqui. Sabe que. Sinceramente. Se eu fosse você. Um pai. Se tivesse uma filha e minha filha casasse com um cara assim como o. Entende? Palavra de honra! Dava-lhe um tiro na cara!

APRÍGIO — Você quer vender mais jornal?

AMADO (*com a sua seriedade de bêbado*) — Fora de brincadeira. Não é piada. Sério. E olha. A absolvição seria a maior barbada. Nenhum juiz te condenaria, nenhum! (*caricioso*) Escuta, Aprígio. O Arandir não é homem pra. Não é homem pra tua filha. Ela é magra e tão sem. Sem barriga. Um certo histerismo na mulher. E d. Selminha. (*enfático*) Esse cara não aguenta o repuxo com tua filha.

APRÍGIO (*desesperado de ódio*) — Bêbado imundo! (*Aprígio abandona o quarto, como se fugisse. Sempre com a garrafa na mão, Amado avança cambaleante*)

AMADO — Vem cá, seu! Vem cá! (*vendo o outro sumir*) Filho da. (*rindo surdo*) Seu bêbado. Bêbado e pau de arara. (*Amado tem um súbito rompante triunfal*)

AMADO (*num berro*) — Mas parei a cidade! Só se fala do "Beijo no Asfalto"! Eles têm que respeitar! Têm que respeitar! Eu não dou bola! Não dou pelota! (*Amado parte o grito num soluço*)

(*Trevas. Luz na casa de Selminha. Dália vai entrando. Sente-se em tudo o que Selminha diz ou faz o trauma da polícia. Ela, que está lendo um jornal, ergue-se ao ver Dália*.)

SELMINHA (*sempre em tensão*) — Quem era?

DÁLIA (*sôfrega*) — Arandir!

SELMINHA (*frenética e esganiçando*) — E só telefona agora?
DÁLIA (*querendo acalmá-la*) — Selminha, você está nervosa.
SELMINHA (*anda de um lado para outro numa angústia de insana e na sua cólera*) — Passa uma noite e um dia sem telefonar!
DÁLIA (*gritando também*) — O telefone aqui está desligado!
SELMINHA (*mais contida*) — Fala!
DÁLIA — Arandir telefonou.
SELMINHA (*varada de arrepios*) — Arandir.
DÁLIA — Escuta. Está num hotel.
SELMINHA (*repetindo por um mecanismo de angústia*) — Hotel?
DÁLIA (*sôfrega*) — Mandou dizer que.
SELMINHA (*com brusca irritação*) — Mas que hotel?
DÁLIA — E te espera lá. Disse que.
SELMINHA — Onde?
DÁLIA — O endereço. Eu tomei nota. É no. (*sente-se, pouco a pouco e de uma maneira cada vez mais nítida, que Selminha não quer ir*)
SELMINHA (*para si mesma com voz surda*) — E quer que eu vá lá!
DÁLIA — Arandir pediu. Olha, Selminha, pediu que você fosse imediatamente. Agora. Fosse agora. O endereço. Está escondido num hotel. A rua é.
SELMINHA (*cortando*) — Dália, escuta. É claro que eu. Mas todo o mundo! Todo o mundo acha, tem certeza. Certeza! Que os dois eram amantes!
DÁLIA (*com desprezo*) — É uma gente que nem sei!
SELMINHA (*na sua obsessão*) — Amantes!
DÁLIA — Mas, o Arandir mandou dizer que o hotel. O hotel é pertinho do Largo de São Francisco. Olha. Escolheu, de propósito, está ouvindo, Selminha? Selminha, ouve, escolheu um hotel ordinário, porque dá menos na vista. Agora vai, Selminha, vai.
SELMINHA — Vou.
DÁLIA (*sôfrega*) — Apanha um táxi. (*Selminha não se mexe*)
SELMINHA (*com súbita revolta*) — E se a polícia me seguir?
DÁLIA (*com irritação*) — Arandir está esperando!
SELMINHA (*com certa malignidade*) — E daí?
DÁLIA — Você é a mulher!
SELMINHA (*gritando*) — Mas se eu for presa. (*desatando a chorar*) Você quer que eu seja presa. (*com desespero*) E que façam outra vez aquilo

comigo, outra vez?

DÁLIA (*conciliatória*) — Selminha!

SELMINHA (*trincando os dentes*) — Nunca pensei que. Me puseram nua! Fiquei nua pra dois sujeitos!

DÁLIA — Mas não vá contar isso pra o Arandir!

SELMINHA — E o miserável, o cachorro ainda me disse que me queimava o seio com o cigarro! (*soluçando*) Nua! Nua! (*Dália agarra a irmã pelos dois braços com súbita energia*)

DÁLIA — Você vai?

SELMINHA (*ofegante e caindo em si*) — Vou. Claro que vou. Eu disse que ia e vou. Mas olha. (*muda de tom*) E se ele quiser me beijar?

DÁLIA (*sem entender*) — Ora, Selminha!

SELMINHA (*com angústia*) — Vai me beijar e eu! (*continua sem coerência*) Quando a viúva disse, cara a cara comigo, que tinham tomado banho juntos.

DÁLIA (*com violência*) — Nem se conheciam!

SELMINHA (*sem ouvi-la e só escutando a própria voz interior*) — Uma coisa que me dá vontade de morrer. Como é que um homem pode desejar outro homem. (*veemente e voltando-se para a irmã*) Dália, você entende? Entende eu? Sei que, agora, quando um homem olhar para o meu marido. Vou desconfiar de qualquer um, Dália! (*com uma brusca irritação*) Aliás, Arandir tem certas coisas. Certas delicadezas! E outra que eu nunca disse a ninguém. Não disse por vergonha. (*com mais veemência*) Mas você sabe que a primeira mulher que Arandir conheceu fui eu. Acho isso tão! Casou-se tão virgem como eu, Dália!

DÁLIA — Arandir só tem você!

SELMINHA (*numa explosão*) — Se eu for, já sei. Ele vai querer beijar. Na certa. Eu não quero um beijo sabendo que. (*hirta de nojo*) O beijo do meu marido ainda tem a saliva de outro homem!

(*Trevas. Quarto de hotel ordinário, onde Arandir está hospedado. Jornais pelo chão. Supõe-se que Dália acaba de chegar. Arandir segura a cunhada pelos dois braços.*)

ARANDIR (*na sua angústia*) — Selminha não veio?

DÁLIA (*sem saber como dar a notícia*) — Arandir, olha.

ARANDIR (*fora de si*) — Não vem?

DÁLIA (*meio atônita e diante do desespero iminente*) — Eu acho que.

ARANDIR (*violentíssimo*) — Minha mulher não vem? Não quer vir? Fala! (*muda de tom*) Olha pra mim. (*com voz súplice, entre o desespero e a esperança*) Ela não vem? Diz pra mim? Não vem?

DÁLIA (*a medo*) — Espera.

ARANDIR (*com violência*) — Dália, eu preciso de minha mulher. Preciso. O jornal me chama de assassino. Assassino, Dália! (*com um esgar de choro*) Você acha que eu sou assassino?

DÁLIA — Arandir, eu só acredito em você.

ARANDIR — Mas eu preciso de Selminha! Vai, Dália e diz à Selminha. Pede. Traz Selminha. Não tenho ninguém. Estou só.

DÁLIA — E eu?

ARANDIR (*brutal*) — Ninguém! Olha o que o jornal diz. Está aqui. (*Arandir apanha o jornal*)

DÁLIA (*exasperada*) — Joga fora esse jornal! (*Arandir atira fora o jornal*)

ARANDIR — Diz lá que eu empurrei o rapaz. Como se eu. E não entendo a viúva. (*falando para si mesmo*) Será que esbarrei no rapaz? Sem querer, claro. Mas, nem isso. Tenho certeza, Dália. Não toquei no rapaz. (*memorizando para si mesmo*) Uma senhora vinha em sentido contrário. O rapaz estava em cima do meio-fio. Aqui. Eu me desviei da senhora. Mas não cheguei a tocar no rapaz. (*num repente*) Dália, vai chamar Selminha! É minha mulher! Quero Selminha aqui!

DÁLIA (*muito doce*) — Não vem.

ARANDIR (*com um mínimo de voz*) — Quem?

DÁLIA — Selminha.

ARANDIR — Não vem.

DÁLIA (*mais incisiva*) — Arandir, Selminha mandou dizer. Não vem. (*Arandir agarra a cunhada pelos dois braços*)

ARANDIR (*estupefato*) — Nunca mais?

DÁLIA (*com pena e medo*) — Arandir, olha.

ARANDIR (*violento e gritando*) — Responde! (*estrangulando a voz*) Nunca mais?

DÁLIA (*chorando*) — Nunca mais. (*Dália desprende-se. Afasta-se ligeiramente do cunhado*)

ARANDIR (*repetindo para si mesmo*) — Nunca mais. Quer dizer que. Me chamam de assassino e. (*com súbita ira*) Eu sei o que "eles" querem, esses cretinos! (*bate no peito com a mão aberta*) Querem que eu duvide de mim mesmo! Querem que eu duvide de um beijo que. (*baixo e atônito, para a cunhada*) Eu não dormi, Dália, não dormi. Passei a noite em claro! Vi amanhecer. (*com fundo sentimento*) Só pensando no beijo do asfalto! (*com mais violência*) Perguntei a mim mesmo, a mim, mil vezes: — se entrasse aqui, agora, um homem. Um homem. E. (*numa espécie de uivo*) Não! Nunca! Eu não beijaria na boca um homem que. (*Arandir passa as costas da mão na própria boca, com um nojo feroz*) Eu não beijaria um homem que não estivesse morrendo! Morrendo aos meus pés! Beijei porque! Alguém morria! "Eles" não percebem que alguém morria?

DÁLIA (*muito doce e muito triste*) — Eu vim para.

ARANDIR (*sem ouvi-la*) — Mas eu acredito em mim! (*brutal sem transição*) Por que Selminha não vem?

DÁLIA — Não gosta de você!

ARANDIR (*com uma certeza cândida e fanática*) — Gosta! Ama! (*sôfrego e ingênuo*) É um amor de infância! De infância! Eu era menino, menino. E ela garotinha. Já gostava de mim. E eu dela. Dália, você não entende, ninguém entende. Selminha só teve um namorado, que fui eu. Só, Dália. E eu nunca, nunca. Deus me cegue se. Nunca tive outra namorada. Só gostei de Selminha.

DÁLIA — Selminha não quer mais ser tua mulher!

ARANDIR (*sem entender*) — Não quer?

DÁLIA — Arandir, escuta. Selminha me disse. Ouve, meu bem.

ARANDIR (*estrangulado*) — Selminha tem que!

DÁLIA (*violenta*) — Selminha disse que você e o rapaz eram amantes. Amantes!

ARANDIR (*numa alucinação*) — Dália, faz o seguinte. Olha, o seguinte: — diz a Selminha. (*violento*) Diz que, em toda minha vida, a única coisa que se salva é o beijo no asfalto. Pela primeira vez. Dália, escuta! Pela primeira vez, na vida! Por um momento, eu me senti bom! (*furioso*) Eu me senti quase, nem sei! Escuta, escuta! Quando eu te vi no banheiro, eu não fui bom, entende? Desejei você. Naquele momento, você devia ser a irmã nua. E eu desejei. Saí logo, mas desejei a cunhada. Na Praça da

Bandeira, não. Lá, eu fui bom. É lindo! É lindo, eles não entendem. Lindo beijar quem está morrendo! (*grita*) Eu não me arrependo! Eu não me arrependo!

DÁLIA — Selminha te odeia! (*Arandir volta para a cunhada, cambaleante. Passa a mão na boca encharcada*)

ARANDIR (*com voz estrangulada*) — Odeia. (*muda de tom*) Por isso é que recusou. Recusou o meu beijo. Eu quis beijar e ela negou. Negou a boca. Não quis o meu beijo.

DÁLIA — Eu quero!

ARANDIR (*atônito*) — Você?

DÁLIA (*sofrida*) — Selminha não te beija, mas eu.

ARANDIR (*contido*) — Você é uma criança. (*Dália aperta entre as mãos o rosto de Arandir*)

ARANDIR — Dália. (*Dália beija-o, de leve, nos lábios*)

DÁLIA — Te beijei.

ARANDIR (*maravilhado*) — Menina!

DÁLIA (*quase sem voz*) — Agora me beija. Você. Beija.

ARANDIR (*desprende-se com violência*) — Eu amo Selminha!

DÁLIA (*desesperada*) — Eu me ofereço e. Selminha não veio e eu vim.

ARANDIR — Dália, eu mato tua irmã. Amo tanto que. (*muda de tom*) — Eu ia pedir. Pedir à Selminha para morrer comigo.

DÁLIA — Morrer?

ARANDIR (*desesperado*) — Eu e Selminha! Mas ela não veio!

DÁLIA (*agarra o cunhado. Quase boca com boca, sôfrega*) — Eu morreria.

ARANDIR — Comigo?

DÁLIA (*selvagem*) — Contigo! Nós dois! Contigo! Eu te amo!

ARANDIR (*num sopro*) — Morrer.

DÁLIA (*feroz*) — Eu não te julgaria nunca. Eu te perdoaria sempre! Acredito em ti. Só eu acredito em ti.

ARANDIR (*violento*) — Oh, graças! graças!

DÁLIA (*macia, insidiosa, com uma leve, muito leve malignidade*) — Diz pra mim. Eu não te julgo. Não te condeno. Responde: — Você o amava?

ARANDIR (*atônito*) — O quê?

DÁLIA (*numa espécie de histeria*) — Amava o rapaz? Pode dizer. Escuta. Você era amante do rapaz? Do atropelado?

ARANDIR (*recuando*) — Amante?

DÁLIA — Querido! Pode dizer a mim. A mim, pode dizer. Confessar. Escuta, escuta! Meu bem, eu não sou como Selminha. Selminha não compreende, nem aceita. Eu aceito. Tudo! Fala. Eu não mudo. Serei a mesma! Fala! (*Dália quer abraçar-se ao cunhado. Arandir desprende-se com violência*)

ARANDIR (*gritando*) — Você é como os outros. Igual aos outros. Não acredita em mim. Pensa que eu. Saia daqui. (*mais forte num berro de louco*) — Saia! (*Aprígio entra*)

APRÍGIO — Saia, Dália! (*Dália abandona o quarto, correndo, em desespero. Sogro e genro, face a face*) Vim aqui para.

ARANDIR (*para o sogro, quase chorando*) — Está satisfeito?

APRÍGIO — Vim aqui.

ARANDIR (*na sua cólera*) — Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por trás…

APRÍGIO — Quem sabe?

ARANDIR — Por trás desse repórter. O senhor teve a coragem, a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações. Insinuações! A meu respeito!

APRÍGIO — Você quer me.

ARANDIR (*sem ouvi-lo*) — O senhor fez tudo! Tudo pra me separar de Selminha!

APRÍGIO — Posso falar?

ARANDIR (*erguendo a voz*) — O senhor não queria o nosso casamento!

APRÍGIO (*violento*) — Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia esse rapaz?

ARANDIR (*desesperado*) — Nunca vi.

APRÍGIO — Era um desconhecido?

ARANDIR — Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

APRÍGIO — Mentira!

ARANDIR (*desesperado*) — Vi pela primeira vez!

APRÍGIO — Cínico! (*muda de tom, com uma ferocidade*) Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes! E você matou. Empurrou o rapaz!

ARANDIR (*violento*) — Deus sabe!

APRÍGIO — Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rádios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!

ARANDIR (*com a voz estrangulada*) — Ninguém acredita, mas eu! Eu acredito, acredito em mim!

APRÍGIO — Você, olha!

ARANDIR — Selminha há de acreditar!

APRÍGIO (*fora de si*) — Cala a boca! (*muda de tom*) Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo. Você tentando seduzir a minha filha menor!

ARANDIR — Nunca!

APRÍGIO — Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.

ARANDIR — Mentira!

APRÍGIO (*ofegante*) — Eu perdoaria tudo. (*mais violento*) Só não perdoo o beijo no asfalto. Só não perdoo o beijo que você deu na boca de um homem!

ARANDIR (*para si mesmo*) — Selminha!

APRÍGIO (*muda de tom, suplicante*) — Pela última vez, diz! Eu preciso saber! Quero a verdade! A verdade! Vocês eram amantes? (*sem esperar a resposta, furioso*) Mas não responda. Eu não acredito. Nunca, nunca, eu acreditarei. (*numa espécie de uivo*) Ninguém acredita!

ARANDIR — Vou buscar minha mulher. (*Aprígio recua, puxando o revólver*)

APRÍGIO (*apontando*) — Não se mexa! Fique onde está!

ARANDIR (*atônito*) — O senhor vai.

APRÍGIO — Você era o único homem que não podia casar com a minha filha! O único!

ARANDIR (*atônito e quase sem voz*) — O senhor me odeia porque. Deseja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.

APRÍGIO (*num berro*) — De você! (*estrangulando a voz*) Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Por que beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver. (*Aprígio atira, a primeira vez. Arandir cai de joelhos. Na queda, puxa uma folha de jornal, que estava aberta na cama. Torcendo-se, abre o jornal, como uma espécie de escudo ou de bandeira. Aprígio atira, novamente, varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba, enrolando-se no jornal. Assim morre*)

APRÍGIO — Arandir! (*mais forte*) Arandir! (*um último canto*) Arandir!

(*Cai a luz, em resistência, sobre o cadáver de Arandir. Trevas.*)

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

CONTOS

O INFERNO

Quando ela disse que tinha um filho, um garoto, já de 12 anos, Romualdo caiu das nuvens:

— Filho?

— Você não sabia?

Foi enfático:

— Nem desconfiava.

E ela:

— Pois tenho. Fez 12 anos, está no colégio.

— Engraçado!

— Por quê?

Ele foi, então, gentilíssimo. Disse que ela não parecia mãe de ninguém e muito menos de um garoto, quase rapaz. E, na verdade, a idade do menino o espantara. Lucília, com seu tipo frágil e pequeno, o ar de menina, um quê de infantil nos olhos, no sorriso, nas maneiras, parecia uma garota solteirinha. E não foi somente de espanto sua reação. Experimentou também um certo alarme. Aquele filho, aquele marmanjo, inesperado e taludo, assustava. Foi, porém, bastante hábil e educado para dissimular o desconforto e bastante cínico para a seguinte promessa:

— Vou ser para ele um segundo pai!

— Deus me livre!

— Como?

Lucília suspirou:

— Eu te explico. Vamos entrar ali, um momentinho.

O filho

Entraram numa sorveteria. Depois de sentados e servidos, ela foi tomando sorvete e explicando.

— O Odésio não pode saber, nem desconfiar.

Esta era uma condição que ela impunha. Ou ele aceitava ou, então, nada feito. Romualdo ainda ponderou:

— Acho que você exagera!

— Ora, Romualdo, tem dó! Você se esquece que é casado, que vive com outra, que tem filhos, esquece?

— Realmente.

— Pois é, meu filho, pois é!

Eram seis horas quando Romualdo a largou num ônibus apinhadíssimo. Ela fez a viagem em pé. A promiscuidade, ali, era uma coisa abjeta. Espremida, imprensada, triturada em meio dos passageiros, teve uma sensação de ultraje, de profanação, de aviltamento. Um cavalheiro que ia saltar no poste seguinte foi varando a massa humana; ao passar por ela quase a derruba. A sensação do ultraje recrudesceu em Lucília. Resmungou:

— Animal!

Mas ia bastante atribulada com seus problemas. E não ligou mais para os contatos indesejados e brutais que, nos ônibus cheios, são inevitáveis. O drama de Lucília era, em suma, o seguinte: o medo, o pavor, de que o filho enfim soubesse… A opinião, o julgamento do garoto era a coisa que mais a impressionava no mundo. Temia-o mais do que o Juízo Final. Ao mesmo tempo, tinha loucura por Romualdo e a vida sem ele seria de uma monotonia medonha. Pendurada no ônibus, gemeu interiormente:

— Oh! Meu Deus do céu!

História de amor

Então, começou a mais doce, a mais sofrida história de amor. Voltava, dos seus encontros com Romualdo, em sobressalto. O filho estava sempre na rua, jogando bola ou em brincadeiras turbulentas com amigos, de sua idade. Uma vez, deu um chute, e com tanta infelicidade, que a unha do dedo grande do pé saltou longe. O negócio inflamou; e Lucília, quando chegou de uma entrevista amorosa, tomou-se de vergonha e de remorso. Pensou, lavando o pé machucado: enquanto ela se divertia com um homem, além do mais casado, o filho, sozinho, estava precisando de seus cuidados. Vamos que fosse uma coisa pior que um simples esfolamento de dedo. Que remorsos não sentiria? O menino, corajoso, quase não se queixava. E era ela quem tinha de perguntar:

— Está doendo?

— Mais ou menos.

E Lucília:

— Quando estiver doendo, diga!

No dia seguinte, Lucília apareceu triste. Suspirava:

— Que vida!

Romualdo acabou se enfezando:

— Que vida por quê?

Ela, então, pôs as cartas na mesa:

— Reconheço que a culpada sou eu, porque você, sendo casado, eu não devia… Não. Romualdo, não está direito.

Fez uma pausa, antes de completar:

— Se, ao menos, você vivesse só pra mim!

Foi brutal:

— Ora, Lucília, ora! No mínimo, você está querendo que eu deixe minha mulher! Sou capaz de apostar!

Despediram-se sem carinho. E ele, ressentido, mal se deixou beijar. Disse, apenas:

— Vai com Deus, vai!

Nessa noite, ele fez confidências a um amigo. Quando este soube que havia um filho no meio, um marmanjão de 12 anos, foi categórico:

— Abacaxi autêntico!

E Romualdo insistiu:

— Você não acha um desaforo que ela queira, imagine, que eu deixe minha mulher?

— Evidente!

No primeiro encontro, Romualdo rompeu fogo:

— Das duas, uma: ou você muda de cara, faz uma cara alegre ou então, minha filha, vamos acabar com esse negócio. Já não estou gostando, nada, nada!

Já o termo "negócio" pareceu-lhe de uma abominável grosseria, de um prosaísmo ultrajante. Além disso, a agressividade, como se ela fosse uma qualquer! Exaltou-se, também:

— Não grite! Está pensando que eu sou o quê?

— Grito, pronto, grito! Não topo chiquê! Comigo, não!

Ela não disse uma, nem duas. Apanhou a bolsa, que estava em cima da mesa: olhou-se instintivamente, no pequeno espelho; e, num passo lento, encaminhou-se para a porta. Parou um segundo, uma fração de segundo. Esperava talvez que Romualdo a chamasse. Teria, então, voltado, e tudo terminaria numa reconciliação feroz. Mas ele esbravejou:

— Mulheres é que não faltam, inclusive a minha!

Podia haver pontapé mais claro, mais insofismável, mais absoluto? Saiu para nunca mais.

O abandono

Tinha do próprio casamento e do marido morto uma lembrança penosa. O marido era uma nobre alma, que vivia para a esposa e para o filho. Mas tudo que ele fizesse, de bom, de heroico, de sublime, esbarrava diante de sua falta de amor. E isso, essa falta de amor, era pior do que o ódio. Crispava-se quando o pobre-diabo vinha fazer-lhe festa. Houve uma vez em que não pôde, não aguentou, explodindo:

— Não me beija! Não quero seu beijo! Que coisa aborrecida!

Ele já estava doente, na ocasião. Foi talvez este episódio que antecipou o fim. Seis meses depois ela, sem nenhum luto interior, tinha a sua primeira experiência amorosa, na pessoa do casado Romualdo. Viu, então, que o marido a interessava menos que o mata-mosquito anônimo que vinha pôr creolina no ralo. Foi uma paixão feroz que acabou, como vimos, da maneira mais estúpida do mundo. Durante dias, Lucília, numa tristeza obtusa, esperou um telefonema, um bilhete, um recado. Nada. Absolutamente nada. Depois soube, por terceiros, que ele andava com uma datilógrafa extranumerária numa autarquia; tinham sido vistos no Passeio Público, onde tiravam retratos, no lambe-lambe. Lucília, fora de si, encerrava-se no quarto, ficava horas, de bruços, na cama, chorando. Já o julgamento do filho não a interessava mais. O garoto, diante do seu pranto, perguntava:

— Que é que a senhora tem, mamãe?

— Não aborrece! Não amola! Sai daqui, anda!

Na presença do filho, ligava para o escritório do bem-amado. De lá, queriam saber quem era.

Lucília se identificava. Então, a resposta infalível era: “Não está.” Uma vez, porém, coincidiu que o próprio atendesse. Mas quando percebeu que

era ela, explodiu:

— Me deixa em paz, sim? Quero sossego! Vê se não me chateia.

O filho não fazia comentário. Era uma testemunha muda de tudo. Guardara, porém, o nome e o repetia: "Romualdo, Romualdo." Conhecia-o, de vista. Pensava nele, dia e noite, com essa obstinação de amor ou de ódio. E já não saía mais de casa, não jogava mais bola; passava as horas ao lado de Lucília, de olhos muito abertos, como se esse desespero o fascinasse, apesar de tudo. Ouviu quando a mãe, numa crise maior, amaldiçoou o homem que a abandonara:

— Tomara que ele morra, meu Deus! Fique debaixo de um automóvel! Tomara, meu Deus!

Por fim, ela já não queria mais nada; ou, por outra, queria morrer. Não comia e seu desmazelo, de atitudes, de roupas, de higiene, era aterrador. Passava dias com uma mesma combinação. Outras vezes, do fundo do seu desespero, fazia a reflexão: "Há três dias que não escovo os dentes." O filho se abraçava a ela, chorava:

— Não fique assim, mamãe! Não chore mais!

Certa vez, na rua, o garoto ouviu dizer que não se nega nada a quem está morrendo, a quem vai morrer. O "último" pedido de alguém, justamente por ser o "último" é alguma coisa de terrível e sagrado, que cumpre obedecer, sob pena de maldições tremendas. Então, afirmou:

— Ele volta, mamãe! Volta, sim! Juro por Deus!

A volta

Romualdo estava, no poste, esperando o ônibus. O garoto desconhecido aproximou-se e disse que era filho de d. Lucília e falou mais:

— Volta para minha mãe. É meu "último" pedido.

Romualdo não entendeu. Ou só entendeu quando o menino se atirou debaixo de um ônibus que passava a toda velocidade. A morte foi instantânea. Alta madrugada apareceu mais alguém para fazer quarto ao menino: era o assombrado, o enlouquecido Romualdo. Voltava, sim. E continuou voltando, escravo do "último pedido" de uma criança. Quando, finalmente, ela se cansou dele e quis deixá-lo, Romualdo lembrou, apenas, o desejo do menino. Então Lucília compreendeu que estavam unidos, e para sempre, dentro de um inferno.

A DAMA DO LOTAÇÃO

Às dez horas da noite, debaixo de chuva, Carlinhos foi bater na casa do pai. O velho, que andava com a pressão baixa, ruim de saúde como o diabo, tomou um susto:

— Você aqui? A essa hora?

E ele, desabando na poltrona, com profundíssimo suspiro:

— Pois é, meu pai, pois é!

— Como vai Solange? — perguntou o dono da casa.

Carlinhos ergueu-se; foi até a janela espiar o jardim pelo vidro. Depois voltou e, sentando-se de novo, larga a bomba:

— Meu pai, desconfio de minha mulher.

Pânico do velho:

— De Solange? Mas você está maluco? Que cretinice é essa?

O filho riu, amargo:

— Antes fosse, meu pai, antes fosse cretinice. Mas o diabo é que andei sabendo de umas coisas… E ela não é a mesma, mudou muito.

Então, o velho, que adorava a nora, que a colocava acima de qualquer dúvida, de qualquer suspeita, teve uma explosão:

— Brigo com você! Rompo! Não te dou nem mais um tostão!

Patético, abrindo os braços aos céus, trovejou:

— Imagine! Duvidar de Solange!

O filho já estava na porta, pronto para sair; disse ainda:

— Se for verdade o que eu desconfio, meu pai, mato minha mulher! Pela luz que me alumia, eu mato, meu pai!

A suspeita

Casados há dois anos, eram felicíssimos. Ambos de ótima família. O pai dele, viúvo e general, em vésperas de aposentadoria, tinha uma dignidade de estátua; na família de Solange havia de tudo: médicos, advogados,

banqueiros e até um tio ministro de Estado. Dela mesma se dizia, em toda parte, que era "um amor"; os mais entusiastas e taxativos afirmavam: "É um doce de coco." Sugeria nos gestos e mesmo na figura fina e frágil qualquer coisa de extraterreno. O velho e diabético general poderia pôr a mão no fogo pela nora. Qualquer um faria o mesmo. E todavia… Nessa mesma noite, do aguaceiro, coincidiu de ir jantar com o casal um amigo de infância de ambos, o Assunção. Era desses amigos que entram pela cozinha, que invadem os quartos, numa intimidade absoluta. No meio do jantar, acontece uma pequena fatalidade: cai o guardanapo de Carlinhos. Este curva-se para apanhá-lo e, então, vê, debaixo da mesa, apenas isto: os pés de Solange por cima dos de Assunção ou vice-versa. Carlinhos apanhou o guardanapo e continuou a conversa, a três. Mas já não era o mesmo. Fez a exclamação interior: "Ora essa! Que graça!" A angústia se antecipou ao raciocínio. E ele já sofria antes mesmo de criar a suspeita, de formulá-la. O que vira, afinal, parecia pouco. Todavia, essa mistura de pés, de sapatos, o amargurou como um contato asqueroso. Depois que o amigo saiu, correra à casa do pai para o primeiro desabafo. No dia seguinte, pela manhã, o velho foi procurar o filho:

— Conta o que houve, direitinho!

O filho contou. Então, o general fez um escândalo:

— Toma jeito! Tenha vergonha! Tamanho homem com essas bobagens!

Foi um verdadeiro sermão. Para libertar o rapaz da obsessão, o militar condescendeu em fazer confidências:

— Meu filho, esse negócio de ciúme é uma calamidade! Basta dizer o seguinte: eu tive ciúmes de tua mãe! Houve um momento em que eu apostava a minha cabeça que ela me traía! Vê se é possível?!

A certeza

Entretanto, a certeza de Carlinhos já não dependia de fatos objetivos. Instalara-se nele. Vira o quê? Talvez muito pouco; ou seja, uma posse recíproca de pés, debaixo da mesa. Ninguém trai com os pés, evidentemente. Mas de qualquer maneira ele estava "certo". Três dias depois, encontro acidental, com o Assunção, na cidade. O amigo anuncia, alegremente:

— Ontem, viajei no lotação com tua mulher.

Mentiu sem motivo:

— Ela me disse.

Em casa, depois do beijo na face, perguntou:

— Tens visto o Assunção?

E ela, passando verniz nas unhas:

— Nunca mais.

— Nem ontem?

— Nem ontem. E por que ontem?

— Nada.

Carlinhos não disse mais uma palavra; lívido, foi ao gabinete, apanhou o revólver e o embolsou. Solange mentira! Viu, no fato, um sintoma a mais de infidelidade. A adúltera precisa mesmo das mentiras desnecessárias. Voltou para sala; disse, à mulher, entrando no gabinete:

— Vem cá um instantinho, Solange.

— Vou já, meu filho.

Berrou:

— Agora!

Solange, espantada, atendeu. Assim que ela entrou, Carlinhos fechou a porta, à chave. E mais: pôs o revólver em cima da mesa. Então, cruzando os braços, diante da mulher atônita, disse-lhe horrores. Mas não elevou a voz, nem fez gestos:

— Não adianta negar! Eu sei de tudo!

E ela, encostada à parede, perguntava:

— Sabe de quê, criatura? Que negócio é esse? Ora veja!

Gritou-lhe, no rosto, três vezes a palavra “cínica”! Mentiu que a fizera seguir por um detetive particular; que todos os seus passos eram espionados religiosamente. Até então não nomeara o amante, como se soubesse tudo, menos a identidade do canalha. Só no fim, apanhando o revólver, completou:

— Vou matar esse cachorro do Assunção! Acabar com a raça dele!

A mulher, até então passiva e apenas espantada, atracou-se com o marido, gritando:

— Não, ele, não!

Agarrado pela mulher, quis se desprender, num repelão selvagem. Mas ela o imobilizou, com o grito:

— Ele não foi o único! Há outros!

A dama do lotação

Sem excitação, numa calma intensa, foi contando. Um mês depois do casamento, todas as tardes, saía de casa, apanhava o primeiro lotação que passasse. Sentava-se num banco, ao lado de um cavalheiro. Podia ser velho, moço, feio ou bonito; e uma vez — foi até interessante — coincidiu que seu companheiro fosse um mecânico, de macacão azul, que saltaria pouco adiante. O marido, prostrado na cadeira, a cabeça entre as mãos, fez a pergunta pânica:

— Um mecânico?

Solange, na sua maneira objetiva e casta, confirmou:

— Sim.

Mecânico e desconhecido: duas esquinas depois, já cutucara o rapaz: "Eu desço contigo." O pobre-diabo tivera medo dessa desconhecida linda e granfa. Saltaram juntos: e esta aventura inverossímil foi a primeira, o ponto de partida para muitas outras. No fim de certo tempo, já os motoristas dos lotações a identificavam a distância; e houve um que fingiu um enguiço para acompanhá-la. Mas esses anônimos, que passavam sem deixar vestígios, amarguravam menos o marido. Ele se enfurecia, na cadeira, com os conhecidos. Além do Assunção, quem mais?

Começou a relação de nomes: Fulano, Sicrano, Beltrano… Ele berrou: "Basta! Chega!" Em voz alta, fez o exagero melancólico:

— A metade do Rio de Janeiro, sim, senhor!

O furor extinguira-se nele. Se fosse um único, se fosse apenas o Assunção, mas eram tantos! Afinal, não poderia sair, pela cidade, caçando os amantes. Ela explicou, ainda, que, todos os dias, quase com hora marcada, precisava escapar de casa, embarcar no primeiro lotação. O marido a olhava, pasmo de a ver linda, intacta, imaculada. Como é possível que certos sentimentos e atos não exalem mau cheiro? Solange agarrou-se a ele, balbuciava: "Não sou culpada! Não tenho culpa!" E, de fato, havia, no mais íntimo de sua alma, uma inocência infinita. Dir-se-ia que era outra que se entregava e não ela mesma. Súbito, o marido passa-lhe a mão pelos quadris: "Sem calça! Deu agora para andar sem calça, sua égua!" Empurrou-a com um palavrão; passou, pela mulher, a caminho do quarto; parou, na porta, para dizer:

— Morri para o mundo.

O defunto

Entrou no quarto, deitou-se na cama, vestido, de paletó, colarinho, gravata, sapatos. Uniu bem os pés; entrelaçou as mãos, na altura do peito; e, assim ficou. Pouco depois, a mulher surgiu, na porta. Durante alguns momentos, esteve imóvel e muda, numa contemplação maravilhada. Acabou murmurando:

— O jantar está na mesa.

Ele, sem se mexer, respondeu:

— Pela última vez: morri. Estou morto.

A outra não insistiu. Deixou o quarto, foi dizer à empregada que tirasse a mesa e que não faziam mais as refeições em casa. Em seguida, voltou para o quarto e lá ficou. Apanhou um rosário, sentou-se perto da cama: aceitava a morte do marido como tal; e foi, como viúva, que rezou. Depois do que ela própria fazia nos lotações, nada mais a espantava. Passou a noite fazendo quarto. No dia seguinte, a mesma cena. E só saiu, à tarde, para sua escapada delirante, de lotação. Regressou horas depois. Retomou o rosário, sentou-se e continuou o velório do marido vivo.

A COROA DE ORQUÍDEAS

Estava levando um filme ótimo e, pela manhã, antes de sair, Rodolfo combinou: "Vamos, hoje, ao cinema, sessão das oito." De tarde, porém, Jupira telefona; deu a notícia:

— Meu filho, gorou o nosso cinema!

— Por quê?

Ela respirou fundo:

— Imagina tu: morreu o Maciel!

— O marido da tua amiga?

— Pois é. E não há escapatória: tenho que ir fazer o quarto. Vou já pra lá.

Rodolfo arriou na cadeira: "Papagaio!" Não podia ouvir falar na morte alheia que não pensasse na própria. De vez em quando fazia o comentário: "Acho a morte o tipo da mágica besta. Morrer por quê, ora bolas?" Por sua vontade, ninguém morreria, nunca. Impressionado, foi, de noite, fazer quarto ao marido de Alaíde. Entrou na câmara-ardente e, diante dos quatro círios, ocorreu-lhe a reflexão desagradabilíssima: um dia, ele teria também a sua câmara-ardente, etc., etc. Cumprimentou a viúva, que gemia num canto, entre amigas solidárias. Jupira arrastou-o, em seguida, para o corredor. Recomendou, como se ele fosse um menino indócil:

— Meu filho, faz cara triste!

A viúva

Não houve grande diferença entre este velório e qualquer outro. De vez em quando, Rodolfo olhava para a viúva, observando aquele rosto que a dor transformava numa máscara feia, desagradável, quase grotesca. Pensava: "Tomara que esse negócio acabe logo de uma vez!" E sempre que podia suspirava para a esposa: "Isso é muito chato!" Ao que a outra replicava: "Coitada de Fulana!" Quando, afinal, puderam ir para casa, Rodolfo

exclamou: “Graças, puxa!” Só em casa é que, já deitada, bocejando, Jupira anunciou:

— Olha: convidei Alaíde para passar uns dias conosco.

Ele, que enfiava o paletó de pijama, virou-se para a mulher: “Que ideia sinistra, a tua!” Então, a esposa, que era muito boa de coração, passou-lhe um sermão, de alto a baixo:

— Até me admira você, Rodolfo! Você acha o quê? Que eu vou abandonar uma amiga como Alaíde, de infância, quase uma irmã? Pelo amor de Deus! Não faça essa ideia de mim!

O marido estirou-se na cama. Ia faltar ao emprego por causa da noite perdida. Mas não estava conformado:

— Sou contra esse negócio de meter estranhos dentro de casa. Um abacaxi tremendo!

Dolorosa

E, subitamente, contra vontade, Rodolfo se viu obrigado a participar de uma dor que não era a sua. A sós com a mulher, desabafava: “É de amargar, meu anjo! Eu não tenho nada com o peixe e quando acaba…” Dois dias depois da morte do marido, Alaíde se passava para a casa do casal. Adeus cinema, teatro, passeios, liberdade. Rodolfo vinha do trabalho para casa e não saía mais. Ele e mais a mulher ficavam pajeando a viuvez de Alaíde. Desesperado, Rodolfo ironizava: “Renunciei ao mundo!” Com os dias, porém, foi adquirindo um certo hábito, e, no fim, já não estranhava a presença daquela senhora de preto, chorando um morto dia e noite, com uma constância na dor realmente impressionante. A verdade é que Alaíde fazia questão fechada de cultivar o próprio sofrimento. No fundo, talvez tivesse uma certa vaidade de uma dor que desafiava o tempo e parecia estar sempre viçosa. O próprio Rodolfo acabou impressionado: “Mas tua amiga gostava do marido, hein?” Jupira explicou, então, que Alaíde e Maciel tinham um amor de novela, de romance, de filme. Rodolfo deixou passar alguns minutos e fez a pergunta: “Será que ela não casa outra vez?” No dia seguinte, como se respondesse essa pergunta, Alaíde diria: “Morri para o mundo!” Então, o casal sentiu como se a amiga levasse consigo um amor imortal.

O beijo

Um mês e meio depois, houve uma cena penosíssima. Depois do jantar, na presença da viúva, Rodolfo fez uma coisa que, vamos e venhamos, é banal entre esposos: deu na mulher um rápido e convencional beijo na boca. Tanto bastou para que Alaíde se levantasse, corresse, numa explosão de soluços. O casal, em pânico, foi no seu encalço. Que foi? Que não foi? Então, chorando suas lágrimas vivas e fartas — a viúva explicou:

— É que eu me lembrei… Quando vocês se beijaram, eu me lembrei que não serei mais beijada… Que Maciel não me beijará nunca mais, oh, meu Deus!…

Marido e mulher se entreolharam, com um atroz sentimento de culpa. Mais tarde, no quarto, mudando a roupa, Rodolfo bufou: "Ora veja!" E Jupira: "Pois é, meu filho, pois é!" Deitaram-se e Rodolfo já estava dormindo, quando a mulher o acorda para dizer:

— Meu filho, sabe qual é a solução? A solução batata?

— Qual?

E ela:

— Vamos casar Alaíde. Ela é moça, bonita, parecida à beça com a Kay Francis. Tu te lembras da Kay Francis?

Amor

O marido quis pôr um pouco de água fria no entusiasmo da mulher: "Não te metas nisso. Não dá palpite." Mas a própria Jupira confessava: "Quando cismo com uma coisa, sou um caso sério." Dedicou-se, com todas as forças de sua alma, à sua missão. Justiça se lhe faça: foi bastante hábil, maneirosa, oportunista. Deixou que passasse algum tempo e começou a agir de maneira mais indireta e insidiosa possível. Assim é que, um dia, sugeriu: "Por que é que você não se pinta?" A reação foi drástica: "Deus me livre!" Dias depois, Jupira, com extrema naturalidade, voltava à carga:

— Faz o seguinte: põe ruge. Um pouquinho de ruge nas faces. Só.

Encontrou resistência, embora não absoluta, mas ela se ofereceu: "Eu mesma ponho." E, de fato, coloriu, levemente, as faces de Alaíde. Ato contínuo, convidou-a para ver o efeito no espelho. Durante um minuto, dois, Alaíde viu a própria fisionomia, com surpresa e encanto. De noite, com o marido, Jupira esfregava as mãos, radiante: "O negócio está indo que é uma beleza!" A partir de então, passou a ser mais clara com a amiga, foi dizendo as verdades: "Minha filha, tu deixa de ser boba. Quem tem um

palminho de cara, como o teu, e esse corpo, não tem o direito de se enterrar.” Batia sempre na mesma tecla: “Teu corpo põe qualquer homem maluco.” Pouco a pouco, sem querer, sem sentir, Alaíde foi se deixando tocar, envolver pela sugestão doce e contínua. Por vezes, com falsa modéstia, suspirava: “Já não dou mais no couro.” Jupira, então, exagerava:

— Olha aqui: um homem, para não gostar de ti, tem que ser de pedra! Teu corpo abafa!

Fatalidade

No dia em que tirou o luto, Alaíde telefonou para a amiga. Embora com certo escrúpulo, deu a notícia: “Parece que eu estou amando…” Jupira, efusiva, escandalosa, deu parabéns e crivou a outra de perguntas: queria saber tudo, na sua minuciosa curiosidade de mulher. Mas Alaíde foi discreta: “Por enquanto, é segredo… Um dia você saberá…” Jupira correu para o marido: “Sabes da última?” Rodolfo ouviu e bocejou: “Queres um conselho? Deixa pra lá!” A mulher, entusiasmada, acrescentou: “E desconfio que o cara é casado.” De qualquer maneira, Jupira foi uma animadora do romance:

— Aproveita, minha filha, aproveita! — E fez a exigência: — Mas quero estar a par de tudo, faço questão!

No dia seguinte, novo telefonema de Alaíde, à noite: “Deu-se a melodia!” Jupira perguntou, sôfrega: “Já?” A outra confirmou: naquela tarde, num lugar assim, assim… Veio outra pergunta de Jupira: “Que tal?” A amiga suspirou: “Espetacular!” Quinze dias depois, Alaíde faria a revelação extrema, sacrílega: “Muito mais interessante que o meu marido.” Dir-se-ia que só agora, e pela primeira vez, conhecia o amor. Repetiu: “Amor é isso. Isso é que é amor.” Quanto a casamento, havia uma impossibilidade: o ser amado era casado, vivia com a mulher. E Jupira teria continuado com a mesma e insaciável curiosidade, se, de repente, não acontecesse o imprevisto: Rodolfo caiu doente, gravemente doente.

O golpe

Fez-se tudo. Durante cerca de dois meses, desfilaram os médicos. E o enfermo cada vez pior. Passou a viver na câmara de oxigênio. O médico da família, porém, já advertira os parentes das possibilidades mais desagradáveis. Até que, um dia, no limite da tarde para a noite, teve uma

breve, quase imperceptível agonia: morreu nos braços da esposa. Horas depois, num terno azul-marinho, sapatos de verniz, estava ele deitado entre quatro círios, na sala. A viúva preferira que o enterro saísse da casa, onde tinham sido tão felizes, e não de uma capelinha qualquer. Uma amiga apanhara no guarda-roupa um vestido preto e sóbrio, e, assim, se improvisou o luto. A partir da meia-noite, começaram a chegar as flores. E, de repente, aparece uma coroa de orquídeas, tão descomunal que houve entre os presentes um murmúrio de assombro. De quem seria? A própria viúva, embora a sua dor, não reprimiu um movimento de curiosidade. Era uma dessas coroas que fariam sensação mesmo num enterro de rei, de chefe de Estado. Foi colocada na sala, perto do caixão, e o mensageiro desdobrou a fita. Que misterioso impulso fez a viúva erguer-se e vir, espantada, olhar a dedicatória, em letras de ouro sobre o fundo negro? Lá estava escrito: "Leva todo meu amor. Tua Alaíde." Durante duas horas, Jupira sofreu na carne e na alma a humilhação. Teria perdoado talvez o amor secreto, inconfessado. Mas aquela ostentação súbita e cínica, aquele desafio à luz dos círios fundiu seu desespero. Todos viram quando, de repente, encaminhou-se para a escada, subiu — o rosto inescrutável como uma máscara de teatro. Alguém quis acompanhá-la e desistiu. Voltou uns quarenta minutos depois. Substituíra o luto de emergência e retornara com um vestido quase juvenil, estampado, leve e gracioso. Pintara-se escandalosamente. Acompanhada por uma amiga ou parente, deixou aquela casa, sem olhar para o morto. Ao amanhecer, chegava Alaíde.

Abraçou-se ao caixão, gritando:

— Meu amor!

O CANALHA

Quando soube que a noiva tinha viajado de lotação com o Dudu, sentada no mesmo banco, pôs as mãos na cabeça:

— Com o Dudu?

E ela:

— Com o Dudu, sim.

As duas mãos enfiadas nos bolsos, andando de um lado para outro, ele estaca, finalmente, diante da pequena:

— Olha, Cleonice, vou te pedir um favor de mãe pra filho. Pode ser?

— Claro.

Puxa um cigarro:

— É o seguinte: de hoje em diante, ouviu?, de hoje em diante, tu vais negar o cumprimento ao Dudu.

Admirou-se:

— Por quê, meu anjo?

Ele explicou:

— Porque o Dudu é um cínico, um crápula, um canalha abjeto. Um sujeito que não respeita nem poste e que é capaz até de dar em cima de uma cunhada. O simples cumprimento de Dudu basta para contaminar uma mulher. Percebeste?

— Percebi.

Ainda excitado, ele enxuga com o lenço o suor da testa:

— Pois é.

Passou. Mas a verdade é que Cleonice ficou impressionadíssima. Dava-se com o Dudu, sem intimidade, mas cordialmente. Dançara com ele umas duas ou três vezes. Mas como o Dudu fosse fisicamente simpático e educadíssimo, Cleonice guardara dos seus contatos acidentais uma boa impressão. Caiu das nuvens ao saber que ele era capaz de “dar em cima de

uma cunhada". Teria, porém, esquecido. Voltando à carga, sentado com a noiva num banco de jardim público, ele começa:

— Meu anjo, tu sabes que eu não tenho ciúmes. Não sabes?

— Sei.

Pigarreia:

— Só tenho ciúmes de uma pessoa: o Dudu. E nunca te esqueças: é um canalha, talvez o único canalha vivo do Brasil. Todo mundo tem defeitos e qualidades. Mas o Dudu só tem defeitos.

Inexperiente da vida e dos homens, ela fazia espanto:

— Mas isso é verdade? Batata?

Exagerou:

— Batatíssima! Quero ser mico de circo se estou mentindo! — E repetia, num furor terrível e inofensivo: — Indigno de entrar numa casa de família!

Obsessão

Então, sem querer, sem sentir, Lima foi fazendo do Dudu o grande e absorvente personagem de suas conversas. Argumentava:

— Você é muito boba, muito inocente, nunca teve outro namorado senão eu. Queres um exemplo? Sou teu noivo, vou casar contigo. Muito bem. O que é que houve entre nós dois? Uns beijinhos, só. É ou não é?

Impressionada, admitiu:

— Lógico!

Lima continua:

— Figuremos a seguinte hipótese: que, em vez de mim, fosse teu namorado o Dudu. Tu pensas que ele ia te respeitar como eu te respeito? Duvido! Duvido! Dudu não tem sentimento de família, de nada! É uma besta-fera, uma hiena, um chacal!

Crispando-se, Cleonice suspira: "Parece impossível que existam homens assim." Lima prossegue: "Vou te dizer uma coisa mais: o Dudu olha para uma mulher como se a despisse mentalmente!"

A festa

Dias depois, Cleonice está conversando com umas coleguinhas quando alguém fala do Dudu. Então, ela olha para os lados e baixa a voz: "Ouvi dizer que o Dudu deu em cima de uma cunhada!" Uma das presentes, que

conhecia o rapaz, a família do rapaz, protesta: “Mas o Dudu nem tem cunhada!” Mais tarde a espantadíssima Cleonice interpela o Lima. Ele não se dá por achado:

— Eu não disse que o Dudu deu em cima de uma cunhada. Eu disse que “daria” caso tivesse. Você entendeu mal.

Mais alguns dias e os dois vão a uma festa, em casa de família. Entram e têm, imediatamente, o choque: Dudu estava lá! Junto de uma janela, com o seu bonito perfil, fumando de piteira, pálido e fatal, atraía todas as atenções. Lima aperta o braço da noiva. Diz, entredentes: “Vamos embora.” Ela, espantada, pergunta: “Por quê?” O noivo a arrasta:

— O Dudu está aí. E não convém, ouviu? Não convém! Imagina se ele tem o atrevimento de te tirar para dançar. Deus me livre!

O medo

Na volta da festa, Cleonice faz, pela primeira vez, um comentário irritado:

— Fala menos nesse Dudu! Sabe que eu só penso nele? Te digo mais: tenho medo!

Lima estaca: “Medo de quê e por quê, ora essa?” Ela parece confusa:

— Essas coisas impressionam uma mulher. — E repete o apelo: — Não fala mais nesse cara! É um favor que te peço!

Ele obstinou-se: “Falo, sim, como não? Você precisa olhar o Dudu como um verme!” Cleonice suspirou:

— Você sabe o que faz!

Ódio

Corria o tempo. Todos os dias, o Lima aparecia *com* uma novidade: “Vi aquela besta com outra!” E se havia uma coisa que doesse nele, como uma ofensa pessoal, era a escandalosa sorte do “canalha” com as outras mulheres. Nos seus desabafos com a noiva, Lima exagerava: “Cheio de pequenas! Tem namoradas em todos os bairros!” Um dia, explodiu:

— Vocês, mulheres, parece que gostam dos canalhas! Por exemplo: o meu caso. Sem falsa modéstia, sou um sujeito decente, respeitador e outros bichos. Pois bem. Não arranjava pequena nenhuma. Até hoje não compreendo como você gostou de mim, fez fé comigo e me preferiu ao Dudu. — Pausa e baixa a voz, na confissão envergonhada: — Porque o Dudu me tirou todas as outras namoradas, uma por uma.

Era essa, com efeito, a origem do seu ódio por Dudu, do despeito que o envenenava.

As bodas

Chega o dia do casamento. Poucos minutos antes da cerimônia civil, Lima, transfigurado, ainda diz ao ouvido da noiva: "O Dudu roubou todas as minhas pequenas, menos *você*!" Pois bem. Casam-se no civil e, mais tarde, no religioso. Quase à meia-noite, estão os dois sozinhos, face a face, no apartamento que seria a nova residência. Ele, nervosíssimo, baixa a voz e pede: "Um beijo!" Ela, porém, foge com o rosto: "Não!" Lima não entende. Cleonice continua:

— Falaste tanto e tão mal do Dudu que eu me apaixonei por ele. Eu não trairei o homem que eu amo nem com o meu marido.

Lima compreendeu que a perdera. Sem uma palavra deixa o quarto nupcial. De pijama e chinelos veio para a porta da rua. Senta-se no meio-fio e põe-se a chorar.

A MULHER DAS BOFETADAS

Chegou atrasado no emprego. Tirava o paletó, quando o Carvalhinho veio avisar:

— Olha, telefonaram pra ti.

— Homem ou mulher?

— Mulher.

— Deixou recado?

— Não. Disse que telefonava depois.

Arregaçando as mangas, bufou:

— O.k.! O.k.!

Uns dez minutos depois, estava pondo em ordem uns papéis, quando o telefone bate novamente. O contínuo, que atendeu, berrou:

— Aristides!

Larga o serviço e apanha o telefone. Era uma voz feminina que, a princípio, não identificou. A pessoa perguntava: — "Não me conheces mais?" Aristides, já impaciente, foi quase grosseiro:

— Quer dizer quem fala? Estou ocupadíssimo e não posso perder tempo.

Há uma pausa e, finalmente, a voz responde:

— Sou Dorinha.

Aristides quase cai para trás, duro.

Dorinha era o seu amor jamais esquecido ou, melhor, a sua dor de cotovelo confessa e imortal. Que idade teria ela, no momento? Uns vinte e cinco anos. Tinham se namorado na adolescência. Por um motivo bobo, haviam brigado. E, quando Aristides, devorado pela nostalgia, quis voltar, ela já estava apaixonada por um outro, o Gouveia. Durante uns seis meses, Aristides andou pensando, dia após dia, em meter uma bala na cabeça. Acabou renunciando ao suicídio, mas ficou-lhe, para sempre, o sofrimento surdo. Dorinha casara-se com o Gouveia, tinha dois filhos de Gouveia. E

sempre que a via, acidentalmente, na rua, Aristides precisava tomar um pileque dantesco. E, súbito, ela telefona, a inesquecível, a insubstituível Dorinha! Ao impacto da surpresa, gagueja:

— Ah, como vai você?

— Bem. E você?

— Navegando.

E, então, Dorinha diz-lhe:

— Preciso muito falar contigo.

— Comigo? E quando?

— Já.

— Pois não. Estou às tuas ordens. — E, na sua ternura sofrida, pergunta: — Tu sabes que mandas em mim, não sabes?

Combinaram o encontro, para daí a vinte minutos, numa sorveteria da rua da Carioca.

Aristides largou o serviço, que estava atrasadíssimo, e correu para o elevador. Daí a dez minutos, estava no local. Encontrou-a mais linda, mais fresca do que nunca. Diante da mulher que nunca deixara de amar, não se conteve. Com o coração disparando, começou:

— Sou todo teu. Nunca deixei de te amar.

Tomando refresco, com canudinho, Dorinha vai falando:

— Eu preciso de um favor teu. Mas quero que prometas que não pensarás mal de mim.

O espanto do rapaz foi uma coisa sincera e profunda:

— Você acha que eu posso fazer má ideia de ti? Oh, Dorinha!

Então, sem desfitá-lo, Dorinha disse:

— Meu marido partiu hoje, ao meio-dia, para São Paulo. De hoje para amanhã, eu sou uma espécie de solteira ou, então, de viúva. De qualquer maneira, uma mulher livre. Pensei em você, que merece toda a minha confiança e… Está compreendendo?

Numa confusão total, balbuciou:

— Mais ou menos.

E ela:

— Para falar português claro: estou oferecendo a minha tarde. Leva-me!

Deslumbrado, exclama:

— Oh, Dorinha!

Ele pagou, trêmulo, a despesa.

Saem e, lá fora, Dorinha observa:

— Mas não devo me expor. Arranja um interior, sim?

Acontece que Aristides mantinha, de sociedade com um amigo, um apartamento em Botafogo. Cheio de escrúpulos, baixa a voz: — "Eu tenho um lugar, assim, assim, discretíssimo." Dorinha interrompe: — "Ótimo!" Tomam um táxi, que ia passando. A caminho de Botafogo, a pequena começa:

— Você, naturalmente, está espantado e querendo uma explicação.

Protesta, veemente:

— Explicação nenhuma! Basta o fato em si! Você está aqui, comigo, a meu lado, e não interessam os motivos, argumentos, nada!

Quando entraram, uns quinze minutos depois, no apartamento, Aristides não sabia o que dizer. Ainda uma vez, Dorinha toma a iniciativa:

— Você não me beija?

Ofereceu-lhe a boca. Aristides experimentou uma espécie de vertigem. O primeiro beijo, depois de tanto tempo, foi uma dessas coisas que marcam para sempre. Em seguida, ele a carrega no colo, como uma noiva de fita de cinema. Uma hora e pouco depois, já a noite entrara no apartamento, e Dorinha estava diante do espelho, refazendo a pintura. Aristides veio, por trás, beijar-lhe os ombros nus; e suspira:

— Eu não sabia que gostavas tanto de mim!

Dorinha vira-se, com divertida surpresa:

— Mas eu não gosto de ti.

Atônito, pergunta:

— E isso que aconteceu entre nós? Não conta?

A pequena está de pé:

— Era a explicação que eu queria te dar e que tu recusaste. O meu marido, ontem, discutiu comigo e me deu uma bofetada. Estou aqui por causa da bofetada. Mas amo o meu marido e só meu marido.

Ele insiste, desesperado:

— Quer dizer que não vamos continuar?

Responde:

— Depende. Se meu marido me bater outra vez, já sabe: eu telefono pra ti.

Sem uma palavra, na maior humilhação de sua vida, deixou-a partir.

Mas, quando a porta fechou-se atrás da pequena, ele caiu, de joelhos, no meio do quarto, mergulhou o rosto nas mãos e soluçou como uma criança.

Durante uma semana, ele foi o ser mais humilhado e mais ofendido da Terra. Dizia de si para si: — "A cínica! A cínica!" E pior é que era incapaz de sentir atração por qualquer outra mulher. Uns quinze dias depois, ele atende o telefone: era ela. Perguntava, alegremente:

— Vamos lá, outra vez?

Foram. E, no apartamento, ela suspira:

— Imagina, deu-me outra bofetada.

Encontraram-se outras vezes, sempre em função de novas bofetadas. Até que, uma tarde, entre um beijo e outro, ela exclama:

— Os homens são muito burros!

— Por quê?

E Dorinha:

— Tu não percebeste que não houve bofetada nenhuma? Que meu marido não me esbofeteou nunca? E que eu te amo, te amo e te amo?

Os noivos

Quando Salviano começou a namorar Edila, o pai o chamou:

— Senta, meu filho, senta. Vamos bater um papo.

Ele obedeceu:

— Pronto, papai.

O velho levantou-se. Andou de um lado para outro e senta de novo:

— Quero saber, de ti, o seguinte: esse teu namoro é coisa séria? Pra casar?

Vermelho, respondeu:

— Minhas intenções são boas.

O outro esfrega as mãos.

— Ótimo! Edila é uma moça direita, moça de família. E o que eu não quero para minha filha, não desejo para a filha dos outros. Agora, meu filho, vou te dar um conselho.

Salviano espera. Apesar de adulto, de homem feito, considera o pai uma espécie de Bíblia. O velho, que estava sentado, ergue-se; põe a mão no ombro do filho:

— O grande golpe de um namorado, sabe qual é? No duro? — E baixa a voz: — É não tocar na pequena, não tomar certas liberdades, percebeu?

Assombro de Salviano: "Mas como? Liberdades, como?" E o pai:

— Por exemplo: o beijo! Se você beija sua namorada a torto e a direito, o que é que acontece? Você enjoa, meu filho. Batata: enjoa! E quando chega o casamento, nem a mulher oferece novidades para o homem, nem o homem para a mulher. A lua de mel vai-se por água abaixo. Compreende?

Abismado de tanta sabedoria, admitiu:

— Compreendi.

A sombra paterna

Na tarde seguinte, quando se encontrou com a menina, tratou de resumir a conversa da véspera. Terminou, com um verdadeiro grito de alma:

— Muito bacana, o meu pai! Tu não achas?

Edila, também numa impressão profunda, conveio.

— Concordas?

Foi positiva:

— Concordo.

Pouco antes de se despedir, Salviano batia no peito:

— Dizem que ninguém é infalível. Pois eu vou te dizer um negócio: meu pai é infalível, percebeu? Infalível, no duro.

O beijo

Nesse dia, coincidiu que a mãe de Edila também a doutrinasse sobre as possibilidades ameaçadoras de qualquer namoro. E insistiu, com muito empenho, sobre um ponto, que considerava importantíssimo:

— Cuidado com o beijo na boca! O perigo é o beijo na boca!

A garota, espantada, protestou:

— Ora, mamãe!

E a velha:

— Ora o quê? É isso mesmo! Sem beijo não há nada, está tudo muito bem, o.k. E com beijo, pode acontecer o diabo. Você é muito menina e talvez não perceba certas coisas. Mas pode ficar certa: tudo que acontece de ruim, entre um homem e uma mulher, começa num beijo!

O idílio

Foi um namoro tranquilo, macio, sem impaciências, sem arrebatamentos. Sob a inspiração paterna, ele planificou o romance, de alto a baixo, sem descurar de nenhum detalhe. Antes de mais nada; houve o seguinte acordo:

— Eu não toco em ti, até o dia do casamento.

Edila pergunta:

— E nem me beija?

Enfiou as duas mãos nos bolsos:

— Nem te beijo, o.k.?

Encarou-o, serena:

— O.k.

Dir-se-ia que este assentimento o surpreendeu. Insinua:

— Ou será que você vai sentir falta?

— De quê?

E Salviano, lambendo os beiços:

— Digo falta de beijos e, enfim, de carinho?

Sorriu, segura de si:

— Não. Estou cem por cento com teu pai. Acho que teu pai está com a razão.

Salviano não sabe o que dizer. Edila continua, com o seu jeito tranquilo:

— Sabe que essas coisas não me interessam muito? Eu acho que não sou como as outras. Sou diferente. Vejo minhas amigas dizerem que beijo é isso, aquilo e aquilo outro. Fico boba! E te digo mais: eu tenho, até, uma certa repugnância. Olha como eu estou arrepiada, olha, só de falar nesse assunto!

O velho

Desde menino, Salviano se habituara a prestar contas, quase diárias, ao pai, de suas ideias, sentimentos e atos. O velho, que se chamava Notário, ouvia e dava os conselhos que cada caso comportava. Durante todo o namoro com Edila, seu Notário esteve, sempre, a par das reações do filho e da futura nora. Salviano, ao terminar as confidências, queria saber: "Que tal, papai?" Seu Notário apanhava um cigarro, acendia-o e dava seu parecer, com uma clarividência que intimidava o rapaz:

— Já vi que essa menina tem o temperamento de uma esposa cem por cento. A esposa deve ser, mal comparando, e sob certo aspecto, um paralelepípedo. Essas mulheres que dão muita importância à matéria não devem casar. A esposa, quanto mais fria, mais acomodada, melhor!

Salviano retransmitia, tanto quanto possível, para a namorada, as reflexões paternas. Edila suspirava: "Teu pai é uma simpatia!" De vez em quando, o rapaz queria esquecer as lições que recebia em casa. Com uma salivação intensa, o olhar rutilante, tentava enlaçar a pequena. Edila, porém, era irredutível; imobilizava-o:

— Quieto!

Ele recuava:

— Tens razão!

Catástrofe

Um dia, porém, o dr. Borborema, que era médico de Edila e da família, vai procurá-lo no emprego. Conversaram no corredor. O velhinho foi sumário: "Sua noiva acaba de sair do meu consultório. Para encurtar conversa: ela vai ser mãe!" Salviano recua, sem entender:

— Mãe?!

E o outro, balançando a cabeça: "Por que é que vocês não esperaram, carambolas? Custava esperar?" Salviano travou-lhe o braço, rilhava os dentes: "De quantos meses?" Resposta: "Três." Dr. Borborema já se despedia: "O negócio, agora, já sabe: é apressar o casamento. Casar antes que dê na vista." Petrificado, deixou o médico ir. No corredor do emprego, apertava a cabeça entre as mãos: "Não é possível! Não pode ser!" Meia hora depois desembarcava e invadia, alucinado, a casa do pai. Arremessou-se nos braços de seu Notário, aos soluços.

— Edila está nessas e nessas condições, meu pai! — E, num soluço mais fundo, completa: — E não fui eu! Juro que não fui eu!

Misericórdia

Foi uma conversa que se alongou por toda uma noite. No seu desespero inicial, ele berrava: "Cínica! Cínica!" E soluçava: "Nunca teve um beijo meu, que sou seu noivo, e vai ter o filho do outro!" O pai, porém, conseguiu, aos poucos, aplacá-lo. Sustentou a tese de que todos nós, afinal de contas, somos falíveis e, particularmente, as mulheres: "Elas são de vidro", afirmava. Alta madrugada, o pobre-diabo pergunta: "E eu? Devo fazer o quê?" Justiça se lhe faça, o velho foi magnífico: "Perdoar. Perdoa, meu filho, perdoa!" Quis protestar: "Ela merece um tiro!" Mais que depressa, seu Notário, atalha:

— Ela, não, nunca! Ele, sim! Ele merece!

— Quem?

Baixa a voz: "O pai da criança! Esse filho não caiu do céu, de paraquedas! Há um culpado." Pausa. Os dois se entreolham. Seu Notário segura o filho pelos dois braços:

— Antes de ti, Edila teve um namorado. Deve ter sido ele. Se fosse comigo, eu matava o cara que…

Ergue-se, transfigurado, quase eufórico: "Tem razão, meu pai! O senhor sempre tem razão!"

O inocente

Pôde, assim, desviar da noiva o seu ódio. De manhã, passou pela casa de Edila. Com apavorante serenidade, em voz baixa, pediu o nome do culpado. Diante dele, a garota torcia e destorcia as mãos: “Não digo! Tudo, menos isso!” Ele sugeria, desesperado: “Foi o Pimenta?” O Pimenta era o antigo namorado de Edila. Ela dizia: “Não sei, não sei!” Salviano saiu, dali, certo. Procurou o outro, que conhecia de nome e de vista. Antes que o Pimenta pudesse esboçar um gesto, matou-o, com três tiros, à queima-roupa. E fez mais. Vendo um homem, um semelhante, agonizar aos seus pés, com um olhar de espanto intolerável, ele virou a arma contra si mesmo e estourou os miolos. Mais tarde, desembaraçado o corpo, foi instalada a câmara-ardente na casa paterna. Alta madrugada, havia, na sala, três ou quatro pessoas, além da noiva e de seu Notário. Em dado momento, o velho bate no ombro de Edila e a chama para o corredor. E, lá, ele, sem uma palavra, aperta entre as mãos o rosto da pequena e a beija na boca, com loucura, gana. Quando se desprendem, seu Notário, respirando forte, baixa a voz:

— Foi melhor assim. Ninguém desconfia. Ótimo.

Voltaram para a sala e continuaram o velório.

Delicado

Primeiro, o casal teve sete filhas! O pai, que se chamava Macário, coçava a cabeça, numa exclamação única e consternada:

— Papagaio!

Era um santo e obstinado homem. Sua utopia de namorado fora um simples e exíguo casal de filhos, um de cada sexo. Veio a primeira menina, mais outra, uma terceira, uma quarta e outro qualquer teria desistido, considerado que a vida encareceu muito. Mas seu Macário incluía entre seus defeitos o de ser teimoso. Na quinta filha, pessoas sensatas aconselharam: "Entrega os pontos, que é mais negócio!" Seu Macário respirou fundo:

— Não, nunca! Nunca! Eu não sossego enquanto não tiver um filho homem!

Por sorte, casara-se com uma mulher, d. Flávia, que era, acima de tudo, mãe. Sua gravidez transcorria docemente, sem enjoos, desejos, tranquila, quase eufórica. Quanto ao parto propriamente, era outro fenômeno estranhíssimo. Punha os filhos no mundo sem um gemido, sem uma careta. O marido sofria mais. Digo "sofria mais" porque o acometia, nessas ocasiões, uma dor de dente apocalíptica, de origem emocional. O caso dava o que pensar, pois Macário tinha na boca uma chapa dupla. Quando nasceu a sétima filha, o marido arrancou de si um suspiro em profundidade; e anunciou:

— Minha mulher, agora nós vamos fazer a última tentativa!

Novo parto

No dia que d. Flávia ia ter o oitavo filho, os nervos de seu Macário estavam em pandarecos. Veio, chamada às pressas, a parteira, que era uma senhora de cento e trinta quilos, baixinha e patusca. A parteira espiou-a

com uma experiência de mil e setecentos partos e concluiu: “Não é pra já!” Ao que, mais do que depressa, replicou seu Macário:

— Meus dentes estão doendo!

E, de fato, o grande termômetro, em qualquer parto da esposa, era a sua dentadura. A parteira duvidou, mas, daí a cinco minutos, foi chamada outra vez. Houve um incidente de última hora. É que a digna profissional já não sabia onde estava a luva. Procura daqui, dali, e não acha. Com uma tremenda dor de dentes postiços, seu Macário teve de passar-lhe um sabão:

— Pra que luvas, carambolas? Mania de luvas!

Eusebiozinho

Assim nasceu o Eusebiozinho, no parto mais indolor que se possa imaginar. Uma prima solteirona veio perguntar, sôfrega: “Levou algum ponto?” Ralharam:

— Sossega o periquito!

O fato é que seu Macário atingira, em cheio, o seu ideal de pai. Nascido o filho e passada a dor da chapa dupla, o homem gemeu: “Tenho um filho homem. Agora posso morrer!” E, de fato, quarenta e oito horas depois, estava almoçando, quando desaba com a cabeça no prato. Um derrame fulminante antes da sobremesa. Para d. Flávia foi um desgosto pavoroso. Chorou, bateu com a cabeça nas paredes, teve que ser subjugada. E, na realidade, só sossegava na hora de dar o peito. Então, assoava-se e dizia à pessoa mais próxima:

— Traz o Eusebiozinho que é hora de mamar!

Flor de rapaz

Eusebiozinho criou-se agarrado às saias da mãe, das irmãs, das tias, das vizinhas. Desde criança, só gostava de companhias femininas. Qualquer homem infundia-lhe terror. De resto, a mãe e as irmãs o segregavam dos outros meninos. Recomendavam: “Brinca só com meninas, ouviu? Menino diz nomes feios!” O fato é que, num lar que era uma bastilha de mulheres, ele atingiu os dezesseis anos sem ter jamais proferido um nome feio, ou tentado um cigarro. Não se podia desejar maior doçura de modos, ideias, sentimentos. Era adorado em casa, inclusive pelas criadas. As irmãs não se casavam, porque deveres matrimoniais viriam afastá-las do rapaz. E tudo

continuaria assim, no melhor dos mundos se, de repente, não acontecesse um imprevisto. Um tio do rapaz vem visitar a família e pergunta:

— Você tem namorada?

— Não.

— Nem teve?

— Nem tive.

Foi o bastante. O velho quase pôs a casa abaixo. Assombrou aquelas mulheres transidas com os vaticínios mais funestos: "Vocês estão querendo ver a caveira do rapaz?" Virou-se para d. Flávia:

— Isso é um crime, ouviu?, é um crime o que vocês estão fazendo com esse rapaz! Vem cá, Eusébio, vem cá!

Implacável, submeteu o sobrinho a uma exibição. Apontava:

— Isso é jeito de homem, é? Esse rapaz tem que casar, rápido!

Problema matrimonial

Quando o tio despediu-se, o pânico estava espalhado na família. Mãe e filhas se entreolharam: "É mesmo, é mesmo! Nós temos sido muito egoístas! Nós não pensamos no Eusebiozinho!" Quanto ao rapaz, tremia num canto. Ressentido ainda com a franqueza bestial do tio, bufou:

— Está muito bem assim!

A verdade é que já o apavorava a perspectiva de qualquer mudança numa vida tão doce. Mas a mãe chorou, replicou: "Não, meu filho. Seu tio tem razão. Você precisa casar, sim." Atônito, Eusebiozinho olha em torno. Mas não encontrou apoio. Então, espavorido, ele pergunta:

— Casar pra quê? Por quê? E vocês? — Interpela as irmãs: — Por que vocês não se casaram?

A resposta foi vaga, insatisfatória:

— Mulher é outra coisa. Diferente.

A namorada

Houve, então, uma conspiração quase internacional de mulheres. Mãe, irmãs, tias, vizinhas desandaram a procurar uma namorada para o Eusebiozinho. Entre várias pequenas possíveis, acabaram descobrindo uma. E o patético é que o principal interessado não foi ouvido, nem cheirado. Um belo dia, é apresentado a Iracema. Uma menina de dezessete anos, mas que tinha umas cadeiras de mulher casada. Cheia de corpo, um

olhar rutilante, lábios grossos, ela produziu, inicialmente, uma sensação de terror no rapaz. Tinha uns modos desenvoltos que o esmagavam.

E começou o idílio mais estranho de que há memória. Numa sala ampla da Tijuca, os dois namoravam. Mas jamais os dois ficaram sozinhos. De dez a quinze mulheres formavam a seleta e ávida assistência do romance. Eusebiozinho, estatelado numa inibição mortal e materialmente incapaz de segurar na mão de Iracema. Esta, por sua vez, era outra constrangida. Quem deu remédio à situação, ainda uma vez, foi o inconveniente e destemperado tio. Viu o pessoal feminino controlando o namoro. Explodiu: "Vocês acham que alguém pode namorar com uma assistência de Fla-Flu? Vamos deixar os dois sozinhos, ora bolas!" Ocorreu, então, o seguinte: sozinha com o namorado, Iracema atirou-lhe um beijo no pescoço. O desgraçado crispou-se, eletrizado:

— Não faz assim que eu sinto cócegas!

O vestido de noiva

Começaram os preparativos para o casamento. Um dia, Iracema apareceu, frenética, desfraldando uma revista. Descobrira uma coisa espetacular e quase esfregou aquilo na cara do Eusebiozinho: "Não é bacana esse modelo?" A reação do rapaz foi surpreendente.

Se Iracema gostara do figurino, ele muito mais. Tomou-se de fanatismo pela gravura:

— Que beleza, meu Deus! Que maravilha!

Houve, aliás, unanimidade feroz. Todos aprovaram o modelo que fascinava Iracema. Então, a mãe e as irmãs do rapaz resolveram dar aquele vestido à pequena. E mais, resolveram elas mesmas confeccionar. Compraram metros e metros de fazenda. Com um encanto, um *élan* tremendo, começaram a fazer o vestido. Cada qual se dedicava à sua tarefa como se cosesse para si mesma. Ninguém ali, no entanto, parecia tão interessado quanto Eusebiozinho. Sentava-se, ao lado da mãe e das irmãs, num deslumbramento: "Mas como é bonito! Como é lindo!" E seu enlevo era tanto que uma vizinha, muito sem cerimônia, brincou:

— Parece até que é Eusebiozinho que vai vestir esse negócio!

O ladrão

Uns quatro dias antes do casamento, o vestido estava pronto. Meditativo, Eusebiozinho suspirava: “A coisa mais bonita do mundo é uma noiva!” Muito bem. Passa-se mais um dia. E, súbito, há naquela casa o alarme: “Desapareceu o vestido da noiva!” Foi um tumulto de mulheres. Puseram a casa de pernas para o ar, e nada. Era óbvia a conclusão: alguém roubou! E como faltavam poucos dias para o casamento sugeriram à desesperada Iracema: “O golpe é casar sem vestido de noiva!” Para quê? Ela se insultou:

— Casar sem vestido de noiva, uma pinoia! Pois sim!

Chamaram até a polícia. O mistério era a verdade, alucinante: quem poderia ter interesse num vestido de noiva? Todas as investigações resultaram inúteis. E só descobriram o ladrão quando dois dias depois, pela manhã, d. Flávia acorda e dá com aquele vulto branco, suspenso no corredor. Vestido de noiva, com véu e grinalda — enforcara-se Eusebiozinho, deixando o seguinte e doloroso bilhete: “Quero ser enterrado assim.”

Divina comédia

No fim de sete anos de matrimônio, o único vínculo do casal eram os cravos do marido, que Marlene gostava de espremer. Fora esta distração profunda e imprescindível, não havia mais nada. Debaixo do mesmo teto, cercados pelas mesmas paredes, eles se sentiam como dois estranhos, dois desconhecidos, sem assunto, um interesse ou um ideal comum. E, como não tinham filhos, a inexistência de criança aumentava o tédio. Até que, um dia, Godofredo toma coragem e ataca, de frente, o problema da monotonia conjugal:

— Sabe qual é o golpe? O grande golpe? A solução batata?

— Qual?

E ele:

— A separação. Que é que você acha? Vamos nos separar?

No momento, Godofredo estava com a cabeça no colo da mulher. Muito entretida, Marlene coçava e catava os cravos do marido com inenarrável deleite. O rapaz insiste:

— Como é? Topas?

Ora, Marlene estava entregue a um mister que lhe parecia de suprema volutuosidade. Justamente acabava de fazer uma descoberta da maior gravidade. Com água na boca, anunciou:

— Achei um formidável! Grande mesmo!

E não sossegou enquanto não completou a extração do cravo monumental. Satisfeita, eufórica, vira-se, então, para Godofredo:

— O que é que você perguntou?

Ele repete:

— Vamos nos separar?

A princípio ela não entendeu:

— Separar?

Godofredo confirma: “Exato.” Sem horror, sem drama, apenas surpresa, ela indaga: “Separar por quê? A troco de quê? Sinceramente, não vejo razão.” Sóbrio, mas firme, ele protesta:

— Razão há. Tenha santíssima paciência, mas há. Você quer ver como há? Nossa vida é duma chatice inominável. Te juro o seguinte: não há no mundo uma vida mais sem graça, mais besta do que a nossa. Há? Fala francamente.

Marlene parece disposta a uma segunda pesquisa no rosto do marido. Pergunta, meio distraída:

— Você me dá três dias pra pensar?

Godofredo faz os cálculos:

— Três dias? Dou.

A vizinha

Na história matrimonial de ambos, não havia a lembrança de um atrito, de um incidente sério, de um ressentimento. Eles se aborreciam juntos, eis tudo. Para Godofredo, a monotonia era um motivo mais do que suficiente para a separação. Já Marlene, que respeitava mais a opinião dos parentes e vizinhos do que a do próprio Juízo Final, duvidava um pouco. De qualquer maneira, como era uma mártir, uma Joana d’Arc do tédio, é possível que acabasse concordando. Mas aconteceu uma coincidência interessante: no dia seguinte, conhece Osvaldina, sua nova vizinha. Conversa vai, conversa vem, e Osvaldina, sua vizinha, começa a pôr o seu marido nas nuvens.

— Esposa tão feliz como eu pode haver. Mas duvido!

Isto foi o princípio. Formara-se um grupo de mulheres na calçada. E Osvaldina continuou, no mesmo tom de comício: “Estou casada há cinco anos. Muito bem. Vocês pensam que a minha lua de mel acabou? Que esperança!” Houve em derredor um assombro mudo e, possivelmente, um despeito secreto. Uma lua de mel assim infantil e infinita era um fato sem precedente naquela rua, onde o fastio do matrimônio começava ao término da primeira semana. E a fulana prosseguia, cada vez mais cheia de si e do marido:

— Jeremias me beija, hoje, como na primeira noite etc. etc.

De noite, quando Godofredo chegou, Marlene estava indignada. Contou-lhe o caso da vizinha e explodiu:

— Uma mascarada! Pensa que é o quê? Melhor do que ninguém? Ora veja!

Godofredo rosna:

— Deixa pra lá!

Mas ela estava numa revolta sincera e profunda:

— Você conhece o marido dela? Viu? É um espirro de gente, um tampinha! E vou te dizer mais: não chega a teus pés, não é páreo pra ti!

De cócoras, ao pé do rádio, Godofredo estava procurando uma estação. Súbito, a mulher vira-se para ele. Foi misteriosa:

— Ela não perde por esperar! Vou tomar as minhas providências! Quando quero, sou maquiavélica!

Mudança

De manhã, quando o marido ia sair, ela avisou: "Vou te levar ao portão." Ele, que enfiava o paletó, espanta-se: "Que piada é essa?" O espanto era natural, considerando-se que, após dez dias de lua de mel, ela jamais rendera ao marido semelhante homenagem. Interpelada por Godofredo, eleva a voz:

— Piada por quê, ora bolas? Você não é meu marido? Devo tratar meu marido a pontapés?

Ele, sem entender patavina, rosna:

— É fantástico!

E vai saindo na frente. Então, Marlene, dando-lhe o braço, exige: "Presta atenção. Lá fora, vou te beijar, percebeste?" Houve no portão o que o próprio Godofredo chamaria depois de um verdadeiro show. Marlene dependurou-se no braço do esposo e deu-lhe um beijo cinematográfico na boca. Em seguida, enquanto o espantadíssimo Godofredo afasta-se, ela, num quimono rosa, debruçada no portão de madeira, esvazia-se em adeusinhos com os dedos.

A coisa fora tão insólita que, da cidade, o rapaz bateu o telefone para casa, fulo. Começou grosseiramente: "Você bebeu? Acordou com os azeites? Que papelão foi aquele?"

Marlene engrolou as palavras. Ele insistiu:

— Há uns duzentos anos que tu não me beijavas na boca. Por que esse carnaval?

Explicação

Quando voltou do serviço, e pôde conversar com a esposa, Godofredo soube de tudo. Quem tomara a iniciativa de proporcionar aos vizinhos e eventuais transeuntes cenas amorosas ao portão fora a nova vizinha. Osvaldina, com efeito, dava com o marido um espetáculo de incomensurável chamego. Marlene vira aquilo e se doera. Prometera de si para si: "Eu te dou o troco!" E dizia agora ao esposo:

— Essa lambisgoia me atira na cara a sua felicidade. Pensa, talvez, que é a única esposa amada. As outras não são, só ela é que é. Mas comigo não, uma ova!

Devidamente esclarecido, Godofredo esbravejava, por sua vez: "Você resolveu dar um espetáculo e quem paga o pato sou eu? Exatamente eu?" Exaltada, andando de um lado para o outro, Marlene estaca: "Você é marido pra quê, carambolas?" E ele, consternado:

— Mas, criatura, raciocina! Pensa um pouco! A gente não estava combinando o desquite? Separação?

Só faltou bater no marido:

— Você pensa que eu vou dar o gostinho a essa cavalheira? Se eu me separar, ela vai mandar repicar os sinos, vai espalhar que eu fracassei como mulher. Não, nunca! Você não casou comigo? Meu filho, aqui no Brasil não há divórcio, compreendeu? Agora aguenta!

Ele, pasmo, lívido, abria os braços para o teto:

— Essa é a maior! É a maior!

Rivalidade

E, então, todas as manhãs, era um duplo show de indescritível felicidade conjugal. No portão fronteiro, Osvaldina atracava-se ao esposo e submergia-se nas demonstrações mais deslavadas. Beijava-o como se o pobre homem fosse partir para a Coreia ou coisa que o valha. Por sua vez, Marlene não ficava atrás. Como os dois maridos saíssem quase na mesma hora, os dois espetáculos foram muitas vezes simultâneos. A princípio, Godofredo, envergonhado da comédia, quis relutar. Mas Marlene foi intransigente. Definiu em termos precisos a situação:

— O negócio é o seguinte: aqui, dentro de casa, você pode me tratar a pontapés. Mas lá fora, não. Lá fora, eu quero, eu faço questão que você

banque o apaixonado até debaixo d'água, sim? Eu nunca te pedi nada. Te peço isso!

Godofredo coçava a cabeça, impressionado. Mas era um bom sujeito, doce de caráter, fraco de coração. Compreendia que, para Marlene, aquela misteriosa mistificação matinal era um problema de vida e morte. Suspirou, arrasado:

— O.k.! O.k.!

Amor de verdade

Todos os dias, ela o instigava: "Vamos embasbacar essa gente, meu filho, conta pra eles que tu me amas com loucura e vice-versa." Pouco a pouco, o espírito de concorrência, de rivalidade, foi se apoderando de Godofredo. À noite, depois do jantar, os dois saíam num agarramento, numa inconveniência de namorados. Já se rosnava na rua: "Aqueles dois são impróprios para menores!" Simulavam também, no cinema, um falso assanhamento que indignava as pessoas próximas. Em casa, trancados, tiravam a máscara e agiam com a maior circunspeção. Mas tanto fingiram que, uma noite, a portas fechadas, ele se vira para a mulher: "Dá cá um beijinho." Então, espantado, inquieto, Godofredo saboreia o beijo, como se lhe descobrisse, subitamente, um sabor diferente e mágico.

Levanta-se e vem, transfigurado, beijar sôfrego e brutal a pequena. Arquejante, balbucia:

— Gostei.

Pronto. A partir de então, começaram uma nova e inenarrável lua de mel.

O DECOTE

Era uma mãe enérgica, viril, à antiga. Diabética, asmática, com sessenta anos nas costas, apanhou um táxi na Tijuca, e deu o endereço do filho, em Copacabana. Chegou de surpresa. A nora, que não gostava da sogra perspicaz e autoritária, torceu o nariz. Já o filho, que a respeitava acima de tudo e de todos, precipitou-se, de braços abertos, trêmulo de comoção:

— Oh, que milagre!

Deu-lhe o braço. Há dois anos, com efeito, que d. Margarida não entrava naquela casa. Indispôs-se com a nora, cuja beleza a irritava, e cortou o mal pela raiz: "Não ponho mais os pés aqui, nunca mais." Clara deu graças a Deus. Aquela sogra, sem papas na língua, a exasperava. E Aderbal, que era um bom filho e melhor marido, limitou-se a uma exclamação vaga e pusilânime: "Mulher é um caso sério!" Foi só. Eis que dois anos depois, abandonando sua rancorosa intransigência, d. Margarida punha os pés naquela casa. Foi um duplo sacrifício, físico e moral, que ela se impôs, heroicamente. Trancou-se com o filho, no gabinete. Perguntou:

— Sabe por que eu vim aqui?

E ele, impressionado:

— Por quê?

D. Margarida respirou fundo:

— Vim lhe perguntar o seguinte: você é cego ou perdeu a vergonha?

Não esperava por esse ataque frontal. Ergueu-se, desconcertado: "Mas como?" Apesar dos seus achaques, que faziam de cada movimento uma dor, d. Margarida pôs-se de pé também. Prosseguiu, implacável:

— Sua mulher anda fazendo os piores papéis. Ou você ignora? — E, já, com os olhos turvos, uma vontade doida de chorar, interpelava-o: — Você é ou não é homem?

Foi sóbrio:

— Sou pai.

O pai

Há 15 anos atrás, os dois se casaram, no civil e religioso, e, como todo o mundo, numa paixão recíproca e tremenda. A lua de mel durou o quê? Uns 15, 16 dias. Mas no 17º dia, encontrou-se Aderbal com uns amigos e, no bar, tomando uísque, ele disse, por outras palavras, o seguinte: "O homem é polígamo por natureza. Uma mulher só não basta!" Quando chegou em casa, tarde, semibêbado, Clara o interpelou: "Que papelão, sim, senhor!" Ele podia ter posto panos quentes, mas o álcool o enfurecia. Respondeu mal; e ela, numa desilusão ingênua e patética, o acusava: "Imagine! Fazer isso em plena lua de mel!" A réplica foi grosseira:

— Que lua de mel? A nossa já acabou!

Durante três dias e três noites, Clara não fez outra coisa senão chorar. Argumentava: "Se ele fizesse isso mais tarde, vá lá. Mas agora…" A verdade é que jamais foi a mesma. Um mês depois, acusava os primeiros sintomas de gravidez, que o exame médico confirmou. E, então, aconteceu o seguinte: enquanto ela, no seu ressentimento, esfriava, Aderbal se prostrava a seus pés em adoração. Sentimental da cabeça aos pés, não podia ver uma senhora grávida que não se condoesse, que não tivesse uma vontade absurda de protegê-la. Lírico e literário, costumava dizer: "A mulher grávida merece tudo!" No caso de Clara, ainda mais, porque era o seu amor. No fim do período, nasceu uma menina. E foi até interessante: enquanto Clara gemia nos trabalhos de parto, Aderbal, no corredor, experimentava a maior dor de dente de sua vida. Mas ao nascer a criança, a nevralgia desapareceu, como por milagre. E, desde o primeiro momento, ele foi, na vida, acima de tudo, o pai. Esquecia-se da mulher ou negligenciava seus deveres de esposo. Mas, jamais, em momento algum, deixou de adorar a pequena Mirna. Incidia em todas as inevitáveis infantilidades de pai. Perguntava: "Não é a minha cara?" Os parentes, os amigos, comentavam:

— Aderbal está bobo com a filha!

A esposa

Quando Mirna fez oito anos, ele recebeu uma carta anônima em termos jocosos: "Abre o olho, rapaz!" Pela primeira vez, caiu em si. Começou a

observar a mulher. Mãe displicente, vivia em tudo que era festa, exibindo seus vestidos, seus decotes, seus belos ombros nus. Um dia, chamou a mulher: "Você precisa selecionar mais suas amizades…" Clara, limando as unhas, respondeu: "Vê se não dá palpite, sim? Sou dona do meu nariz!" Desconcertado, quis insistir. E ela, porém, gritou: "Você nunca me ligou! Nunca me deu a menor pelota!" Aderbal teve que dar a mão à palmatória!

— Bem. Eu não me meto mais. Mas quero lhe dizer uma coisa: nunca se esqueça que você tem de prestar contas à sua filha.

Foi malcriada:

— Ora, não amola!

Foi esta a última vez. Nunca mais discutiram.

Aderbal passou a ser apenas uma testemunha silenciosa e voluntariamente cega da vida frívola da mulher. Tinha uma ideia fixa, que era a filha. Uma vez na vida, outra na morte, dizia à esposa: "Nunca se esqueça que você é mãe." E era só. Agora que Mirna completara 15 anos, d. Margarida invadia-lhe a casa. Discutiram os dois. A velha partia do seguinte princípio: Clara era infiel e, portanto, o casal devia separar-se e, depois, desquitar-se. Desesperado, Aderbal teve uma espécie de uivo: "E minha filha?" D. Margarida explodiu: "Ora, pílulas!" Ele foi categórico:

— Olhe, minha mãe, eu não existo. Compreendeu? Quem existe é a minha filha. Não darei esse desgosto à minha filha, nunca!

A velha usou todos os seus argumentos, mas em vão. Aderbal dava uma resposta única e obtusa: "Pode ter amante, pode ter o diabo, mas é mãe de minha filha. E se minha filha gosta dessa mulher, ela é sagrada para mim, pronto, acabou-se!" Por fim, já sem paciência, d. Margarida saiu, apoiada na sua bengala de doente. E, da porta, gritou:

— Você precisa ter mais vergonha nessa cara!

Pecadora

Uns quarenta minutos depois, Aderbal foi falar com Mirna: "Vem cá, minha filha, você gosta muito de sua mãezinha?" Ela pareceu maravilhada com a pergunta: "Você duvida, papai?" Pigarreou, disfarçando: "Brincadeira minha." Sentada no colo paterno, a pequena, que era parecida com Clara, suspirou: "Gosto muito de mamãe e gosto muito de você." Atormentado, ele deixou passar uns dois dias. No terceiro dia, discutiu com a mulher. E definiu a situação:

— Eu sei que você não gosta de mim. Mas respeite, ao menos, sua filha.

A discussão podia ter tido um tom digno. Mas Clara estava tão saturada daquele homem que não resistiu. A voz do marido, o gesto, a roupa, as mãos, a pele — tudo a desgostava. Com 16 anos de casada, percebia que, num casal, pior do que o ódio é a falta de amor. Perdeu a cabeça, disse o que devia e o que não devia. Aderbal quis conservar a serenidade: "Minha filha não pode saber de nada." Então, Clara teve um acinte desnecessário, uma crueldade inútil; interpelava-o: "Você fala de sua filha. E você? Afinal, o marido é você!" Muito pálido, Aderbal emudeceu. Ela continuou, agravando a humilhação do marido: "Ou você vai dizer que não sabe?" Na sua cólera, contida, quis sair do quarto. Mas já Clara se colocou na sua frente, resoluta, barrando-lhe o caminho. Voltara, há pouco, de uma festa. Estava de vestido de baile, num decote muito ousado, os ombros morenos e nus, perfumadíssima. E, então, com as duas mãos nos quadris, fez a desfeita:

— Não vá saindo, não. — E perguntava: — Você não me provocou? Agora, aguente!

E ele, em voz baixa:

— Fale baixo. Sua filha pode ouvir!

Sem querer, Clara obedeceu. Falou baixo, mas, pela primeira vez, disse tudo. Assombrado, diante dessa maldade que rompia, sem pretexto, gratuita e terrível, ele se limitava: "Por que você diz isso? Por quê?" Queria interrompê-la: "Cale-se! Cale-se! Eu não lhe perguntei nada! Eu não quero saber!" Mas a própria Clara não se continha mais:

— Você conhece Fulano? Seu amigo, deve favores a você, o diabo. Pois ele foi o primeiro!

— Fulano? Mentira!…

E ela:

— Quero que Deus me cegue, se minto! Sabe quem foi o segundo? Sicrano! Queres outro? Beltrano. Ao todo, 17! Compreendeu? Dezessete!

Então desfigurado, ele disse:

— Só não te mato agora mesmo porque minha filha gosta de ti!

Disse isso e saiu do quarto.

A filha

Dez minutos depois, de bruços no divã, ele chorava, no seu ódio impotente. E, súbito, sente que uma mão pousa na sua cabeça. Vira-se, rápido. Era a filha que, nas chinelinhas de arminho, no quimono rosa e bordado, descera, de mansinho. Ajoelhou-se, a seu lado. Desconcertado, passou as costas das mãos, limpando as lágrimas. Então, meiga como nunca, solidária como nunca, Mirna disse: "Eu ouvi tudo. Sei de tudo." Lenta e grave, continuou:

— Eu não gosto de minha mãe. Deixei de gostar de minha mãe.

Ele pareceu meditar, como se procurasse o sentido misterioso dessas palavras. Levantou-se, então. Foi a um móvel e apanhou o revólver na gaveta. Subiu, sem pressa. Diante do espelho, Clara espremia espinhas. Ao ver o marido, pôs-se a rir. Boa, normal, afável com os demais, só era cruel com aquele homem que deixara de amar. Seu riso, esganiçado e terrível, foi outra maldade desnecessária. Então, Aderbal aproximou-se. Atirou duas vezes no meio do decote.

Homem fiel

Até o quinto encontro, Simão foi um namorado exemplar. Tratava a pequena como se fora uma rainha e mais: levava-lhe, todos os dias, um saco de pipoca, ainda quentinho, que comprava num automático da esquina. Encantada, Malvina vivia dizendo, para a mãe, as irmãs e as vizinhas: "É o maior! O maior!" Mas no sexto encontro, faz-lhe uma pergunta:

— Tu acreditas em Deus?

Respondeu:

— Depende.

Admirou-se:

— Como depende?

Simão foi de uma sinceridade brutal:

— Acredito, quando estou com asma.

Malvina recuou, num pânico profundo. No primeiro momento, só conseguiu balbuciar: "Oh, Simão!" Mas ele, com a sinceridade desencadeada, continuou:

— Com asma, eu acredito, até, em Papai Noel!

Então, Malvina, que tinha suas alternativas místicas, rebentou em soluços. Por entre lágrimas, exclamava: "É pecado! É pecado!" E gemeu, ainda:

— Deus castiga, Simão, Deus castiga!

O asmático

O pranto da menina não estava nos seus cálculos. Era, no fundo, um sentimental, um derramado e só faltou ajoelhar-se aos seus pés. Pedia, fora de si: "Perdoa, meu anjo, perdoa." A garota apanhou o lencinho na bolsa, assoou-se e teve a acusação inofensiva: "Você é mau, Simão!" Apaixonado pela menina, tratou de reconquistá-la: "Escuta, coração." E começou a

explicar que não perpetrara nenhuma troça cruel e sacrílega. Afirmou que todos os seus defeitos e todas as suas qualidades, inclusive a fé, eram de fundo asmático.

Exemplificou:

— Quando eu me casar, hei de ser fiel. Mas podes ficar certa: como tudo o mais, a minha fidelidade [há] de ser de fundo asmático.

A menina toma um choque. Por um momento, esqueceu a irreverência que, a princípio, lhe parecera diabólica. Já que ele falava em fidelidade, ela dispõe-se a esquecer a duplicidade de ateu intermitente e de crente eventual. Era uma dessas criaturas para quem tudo se resume no problema de "ser ou não ser traída". Agarrou-se a ele:

— Responde: tu não me trairás nunca?

Bufa:

— Com minha asma, eu não aguento nem com uma, quanto mais com duas mulheres!

E ela:

— Meu filho, quero te dizer uma coisa: topo fome, pancada, tudo, menos traição. Traição, nunca!

Simão agarrou a pequena. Beijou-a na face, na boca e no pescoço. A mão correu pelas costas, afagou-a nos quadris. Com as nádegas crispadas, Malvina sentia-se agonizar, morrer. Ele disse, já com dispneia:

— O asmático é o único que não trai!

As bodas

Até o dia em que se fizeram noivos, foi este o único incidente. Daí por diante, não se podia desejar maior concordância de tudo: de educação, de temperamento, de gosto, de inteligência. Ele se dividia entre as duas: a garota, que era a sua paixão, e a asma que, de quando em vez, o acometia. Na primeira vez em que viu com acesso, ela compreendeu, subitamente, tudo. Na casa dos pais, de bruços sobre a mesa, o infeliz pedia:

— Andem sem sapatos, andem de meia!

Até um som parecia agravar as suas tremendas dificuldades respiratórias. E a família andava realmente na ponta dos pés, ou descalça, falando baixo ou não falando. Malvina voltou apavorada. Na sua impressão profunda, disse para a mãe e para as irmãs:

— Agora eu compreendo por que um asmático não pode ter amantes!

Ficaram noivos e marcaram o casamento para daí a seis meses. Malvina adquirira ideias próprias sobre a felicidade matrimonial. Doutrinava as amigas:

— Descobri que o marido doente é uma grande solução. Pelo menos, não anda em farras!

Protestaram: "Nem oito, nem oitenta!" Então, na sua veemência polêmica, ela argumentou com o próprio caso pessoal:

— Por que é que eu briguei com o Quincas? Ele tinha uma saúde formidável e que me adiantou? Me traía com todo o mundo e não respeitava nem minhas irmãs!

Era verdade. O antecessor de Simão era um rapaz atlético, de impressionante perfil, moreno como um havaiano de Hollywood. Mas Malvina, que o amava com loucura e, além disso, tinha vaidade do seu físico, rompera por causa de suas infidelidades constantes e deslavadas.

As bodas

Graças a Deus, não teve, jamais, com o Simão, o problema da fidelidade. Até com a noiva ele era moderadíssimo. E se a menina, na sua patética vitalidade, expandia-se demais, o rapaz atalhava: "Não exageremos, meu anjo." Ela, que se gabava de ter controle, obedecia, imediatamente. Até que chegou a véspera do casamento. Na altura das duas da noite, Simão despediu-se. Malvina, amorosíssima, veio levá-lo até o portão. Suspirava: "Falta pouco, não é, meu filho?" E quando o noivo já partia, Malvina o retém, com o pedido: "Dá um beijo, mas daqueles!" E já entreabria, já oferecia a boca, num anseio de todo o ser. Ele, porém, recua: "Não, meu bem, não!" Pergunta, sem entender: "Por quê?" E ele:

— Bem; é o seguinte: fui, hoje, a um novo médico e ele disse que eu não devia me emocionar.

— Ué!

O noivo insistiu:

— Pois é. Pediu que eu tivesse cuidado com a lua de mel, porque esse negócio de amor mexe muito com a gente e pode provocar uma crise.

Atônita, Malvina não teve o que dizer. Contentou-se com o beijo que Simão lhe deu na face e voltou, houve o casamento: no civil, às duas e meia, e o religioso, às cinco. Como ameaçasse chuva, Simão voltou da igreja atribuladíssimo. No automóvel, veio dizendo, já ofegando:

— Imagina tu a calamidade em 28 atos: estou sentindo uns troços meio esquisitos!

Malvina, muito doce e muito linda no vestido de noiva, balbucia:

— Isola!

Primeira noite

Passaram, rapidamente, pela casa dos pais da noiva. No convite, estava a advertência: "Cumprimentos na igreja." Malvina mudou a roupa, despediu-se dos parentes de ambos os lados e partiram, de táxi para a nova residência, um apartamento não sei onde. Estava ventando e Simão, no pavor da asma, explodiu: "Espeto! Espeto!" De braço com o marido, no táxi, Malvina quis ser otimista: "Não há de ser nada!" Pois bem: chegam no apartamento. A pequena que, há tanto tempo, sonhava com aquele momento, atira-se nos braços do noivo: "Beija-me! Beija-me!" Há esse primeiro beijo, que a menina, fora de si, quer prolongar. Súbito, Simão desprende-se. Ela tenta retê-lo, mas o rapaz a empurra. Arquejante, uns olhos de asfixiado, está dizendo:

— A asma! A asma!

Atira-se em cima de uma cadeira, imprestável. Estupefata ela protesta: "Mas logo agora!" E ele, liquidado: "O beijo atrai a asma!" Malvina está desesperada. Vem sentar-se ao seu lado. Simão, porém, a escorraça: "Pelo amor de Deus, não fala comigo! Vai dormir…" A pequena ainda quis acariciá-lo nos cabelos, mas ele a destratou: "Vocês só pensam em sexo!" Era demais — sem uma palavra, ela foi para o quarto, ao passo que o marido, na sala, desmoronado, arquejava como um agonizante. Assim passaram a primeira noite e mais: as 15 noites subsequentes. Só na 16ª é que Simão começou a melhorar. Então, Malvina foi visitar a mãe. E, lá, diante da velha, explodiu em soluços:

— Eu sou a esposa que não foi beijada, mamãe.

A velha quis, em vão, consolá-la. Saiu, de lá, mais desesperada do que antes. O marido a recebe com a seguinte ideia: "Descobri, minha filha, que o beijo provoca asma. Vamos rifar o beijo." Resposta: "Você é quem sabe." Mas três dias depois, Malvina liga para o Quincas:

— Você pode ser cínico, sujo, canalha, mas sabe amar.

Conversaram uma meia hora. No fim, Quincas passou-lhe a rua e o número de um apartamento, em Copacabana. No dia seguinte, Malvina foi

lá.

O PEDIDO DA AGONIA

Lançou-se, chorando, nos braços do noivo:

— Ah, querido! Eu não aguento mais!

Nataniel beija a menina no pescoço, na face e, por fim, na boca. E quando se desprendem, ele quer saber:

— Mas que foi que houve? Fala! Trote?

Emilinha senta-se no colo do rapaz:

— Pois é. Trote. Dizendo palavrões, Nataniel. Diz a mesma coisa. Que a Norma está com câncer, morre, não morre, e que eu hei de pagar. Cada praga, meu filho! Só vendo!

Impressionado, Nataniel geme:

— Caso sério! É uma gente que nem sei! Pessoal danado!

Emilinha assoa-se no lencinho:

— Outra coisa. Diz que eu tirei o namorado da Norma. Eu não tirei. Vocês já tinham brigado.

Ele dá beijos rápidos e curtos. Suspira:

— Não liga. Eu não tenho culpa, nem você. Ninguém tem culpa. Faz o seguinte, olha: não atende mais telefone.

E a menina:

— Mas isso é tão aborrecido! Tão chato!

A ex-namorada

Norma, amiga de Emilinha (ou ex-amiga), fora namorada de Nataniel. E, diga-se de passagem, namorada firme, para casar. Mas brigavam muito. A mãe de Norma vivia dizendo: "Parece cão e gato!" Raro era o dia em que Nataniel, ciumentíssimo, não esbravejava: "Você olhou para aquele cara! Olhou, sim! Deu um sorrisinho!" Assim começavam os bate-bocas. E Norma, que era geniosa, filha de italiana com espanhol, reagia: "Não amola! Você enche!" Até que, um dia, Nataniel soube de uma coisa mais

grave: Norma fora ao cinema com Nabor, um ex-PE, taludo e bonitão. Perdeu a paciência:

— Pra mim, você não serve. E se eu não fosse quem sou, te dava um bife, percebeu? Um bife nessa cara!

Na sua fúria, exumara uma gíria de trinta anos atrás. Ela o enfrentou:

— Duvido, ouviu? Duvido! — E oferecia o rosto: — Dá se é homem, dá!

Brigaram para sempre. Um mês depois, Nataniel declarava-se a Emilinha:

— Você não é como a Norma. É séria, direita. Vou te dizer um negócio: eu só acho graça em mulher séria, em mulher direita.

Justiça se lhe faça: Emilinha, muito amiga de Norma, foi saber: "Escuta. Vocês brigaram mesmo? O caso não tem solução?" A outra foi taxativa:

— Graças a Deus, eu tenho vergonha na cara. Um sujeito que teve a coragem de me ameaçar de pancada! Nem meu pai, que é meu pai, nunca me encostou um dedo! Nataniel morreu. Pra mim, morreu.

Romance

Começou o romance de Emilinha com Nataniel. Entre parênteses, a pequena já gostava dele, em silêncio, há muito tempo. Pois bem. Quando os dois ficaram noivos, Emilinha recebeu o primeiro telefonema. Uma voz feminina disse horrores:

— Você tirou o namorado da Norma. Roubou o namorado da Norma. Mas olha! Você vai pagar direitinho. O que aqui se faz, aqui se paga.

Fora de si, Emilinha perguntava:

— Quem fala?

E a outra:

— Você há de chorar lágrimas de sangue!

Aquilo fez-lhe um mal imenso. E nunca mais teve sossego. Eram vários telefonemas por dia. Já a segunda deu a notícia: "A Norma está com câncer. A culpada é você! Você, sim, você!" Saía do telefone, aos soluços: "Mas eu não fiz nada! Não fiz nada!" Teve um choque maior quando soube que Norma caíra de cama. Quis saber:

— Mas que doença? É câncer? É?

Era. Em vão dizia-lhe: "Você não tem nada com o peixe. Isso é trote. Alguma cretina, percebeu? Nunca que dor de cotovelo deu câncer."

Mas seu espírito começou a ser trabalhado por um atroz sentimento de culpa. Não devia atender mais telefone. Mas não sei que misteriosa perversão a fazia correr. Mal ouvia a chamada, corria. Era como se experimentasse um envenenado prazer com aquele miserável trote. Torcia e destorcia as mãos:

— Eu não sou culpada, mas tenho remorso!

Protestavam:

— Remorso de quê, criatura?

Mandava saber, por conhecidos, notícias de Norma. Vinha dizer: "Está cada vez pior!" Ela perguntava, com um ar de alucinação: "Será que não há mesmo cura pra câncer?" Rezava pela ex-amiga, fazia promessas para que aparecesse remédio que curasse a doença medonha.

Apelo

Um dia, batem na porta de Emilinha. Era a mãe de Norma. Vestida de preto, disse apenas:

— Minha filha está morrendo. Quer ver você.

Balbuciou, aterrada:

— Quer me ver?

A mãe de Emilinha ainda soprou o conselho: "Não vai. Você vai se impressionar." Ergueu o rosto:

— Vou, mamãe. Não se recusa o pedido de quem está morrendo.

Foi. Ouvira dizer que Norma estava que era só pele e osso. Mas teve a surpresa: embora mais magra, abatida, de uma palidez intensa, ainda se conservava bonita. Emilinha chega e, febril, a outra começa:

— Eu vou morrer, Emilinha. É tão certa a minha morte que eu posso dizer: já morri. É uma morta que te pede. Uma morta! Responde: tudo farás o que eu te pedir?

Crispada, responde: "Faço." Então, Norma disse tudo:

— Eu quero morrer como esposa. Esposa de Nataniel. É uma ilusão. Vou morrer. — E repetia: — Quero ter essa ilusão. Ouviu, Emilinha? Você entende?

Emilinha caiu de joelhos diante da agonia:

— Casa! Casa!

Bodas

Emilinha saiu de lá e sentia-se livre, redimida da culpa que realmente não tinha. O noivo, quando soube, apanhou as mãos da pequena e beijou uma e outra: “Você é uma santa.” Ele estava comovido até as raízes do ser. Parecia-lhe muito lindo ser amado por alguém que morria. Correram com os papéis e 15 dias depois houve o fúnebre casamento. De uma fragilidade impressionante, Norma dizia para Nataniel: “Meu marido e meu viúvo.” E, então, Nataniel dispôs-se a acompanhar a agonia da esposa. Uma semana depois, Norma liga para Emilinha:

— O que eu tenho não é câncer. É úlcera. Eu me casei para sempre. Chau.

Bateu com o telefone.

Loucura

Era de uma família de nervosos. E ela própria reconhecia:

— Meu pessoal todo é assim. Tenho o pior gênio do mundo!

O pior, não. Um dos piores. Tratava o marido como a uma criança. Ele, em casa, era um inibido. A mulher, na irritação constante que a desgastava, vivia fazendo observações:

— Amadeu, não mexe aí! Não põe cinza no tapete! Olha a imundície que você fez no chão!

E o pobre do Amadeu, que podia reagir, valorizar a própria condição de marido, era um abnegado e nenhum temperamento mais acomodatício. De vez em quando, alguém ponderava: "Fulano tem sangue de barata!" Talvez tivesse; mas ele se defendia das críticas com o invariável argumento: "Quero é sossego." E, na verdade, o que defendia, acima de tudo, dia após dia, não era senão o sossego que ele prezava, acima de tudo. A princípio, ainda discutia uma vez ou outra; mas acabou com um tão severo e eficaz controle de si mesmo que suportava os mais graves acintes, as provocações mais exasperantes, com um humor inalterável. A falta de uma reação estimulava o gênio de Marlene. Uma vez, no emprego, Amadeu teve o primeiro desabafo com uma colega de escritório:

— Minha mulher só falta me dar na cara!

Intrometida

A colega em apreço chamava-se Marieta. Era uma morena escura que, segundo uma maledicência geral, esticava os cabelos a poder de vaselina. Fora casada, separara-se do marido e se interessava, de uma maneira quase inconveniente, pelo drama conjugal de Amadeu. No fim de cinco ou seis meses de trabalho em comum, ela conquistara a confiança do rapaz; ouvia as confidências e fazia as observações competentes. Suspirava:

— Você é bom demais. Ah, se fosse outro!

Sustentava a tese de que o sujeito bom sempre leva na cabeça. Citava casos de beneméritos que são tratados a pontapés pelas respectivas esposas. Por vezes, fazia insinuações, quase imperceptíveis e que o ingênuo realmente não percebia. Dizia, então: "Há casos que só com pancada." Até que, um dia, Marieta falou, pela primeira vez, numa possibilidade que jamais ocorrera a Amadeu:

— Quem sabe se tua mulher é maluca.

Espanto do rapaz:

— Maluca?

Ela insistiu:

— Pois é, maluca. O que ela faz, meu filho, é de gente doida. No duro!

Na volta para casa, à noitinha, Amadeu veio pensando, embora com certa relutância, na hipótese. Mas como se caracterizava por uma boa-fé ilimitada, acabou se envergonhando dos próprios pensamentos. Por coincidência, a mulher estava, nesse dia, de uma irritabilidade incrível. Fez barulho porque ele, no seu desmazelo, puzera cinza no assoalho. Esganiçava a voz:

— Tenha vergonha! Tamanho homem e tão porco!

As veias do pescoço saltavam. Dir-se-ia uma possessa. E, então, embora a contragosto, ele se lembrou da colega e da hipótese sugerida. No dia seguinte, em pleno trabalho, a outra voltou à carga. Exprimindo-se em gíria, foi bastante positiva:

— Sabe qual é o golpe? Consultar um médico! Vai por mim que você vai bem! Um psiquiatra!

Não largou mais aquela ideia:

— Tua mulher sofre da bola! Aposto minha cabeça!

O romance

Cada vez mais desconsiderado em casa, sofrendo desacatos diários, ele foi se deixando dominar pela outra. As indiretas de Marieta eram cada vez mais nítidas:

— Só te digo uma coisa: outro qualquer já teria dado um chute nessa mulher. E é isso que ela merecia!

Amadeu, fraco, pusilânime, com um horror das resoluções heroicas, balbuciava:

— É minha esposa. Casei-me com ela.

No fundo, era a favor do casamento indissolúvel. Achava uma coisa horrorosa os casais que se separam. Então, a outra, baixando a voz e sem desfitá-lo, usava um argumento considerável:

— Ninguém é obrigado a viver com uma louca. Compreendeste? E ninguém me tira da cabeça: tua mulher é maluca, meu filho!

O fato é que, sugestionado, ele acabou sugerindo, em casa:

— Minha filha, se eu fosse você ia a um médico.

A mulher estacou:

— Médico de quê?

Pigarreou:

— Médico de nervos, meu anjo. Porque, meu bem, você anda tão alterada!

Pela primeira vez, aquela mulher que esbravejava tanto, que fazia a vida de todos um inferno, acusou o primeiro sintoma de pusilanimidade. Não soube o que dizer, com um súbito medo. E, muito pálida, fez a pergunta, em voz baixa:

— Você está insinuando o quê? Hein, Amadeu? Que história é essa?

Exaltou-se, de novo:

— Eu sei o que você está pensando! Sei, sim! Mas desista, Amadeu, desista, porque não vou a médico nenhum!

O medo

Mas, enfim, tinha medo. Desde mocinha que trazia em si o pavor da loucura. Era um sentimento obstinado, que fazia por esquecer. Um dia, não resistiu e confessou esse pânico a um médico. Ele, com muito tato, a tranquilizou:

— Isso não tem importância. É próprio da pessoa nervosa.

Com o correr do tempo, teve suas crises de angústia. Não podia saber de um caso de loucura, que não gelasse, apavorada. Perguntava, então, a si mesma: “Quando chegará a minha vez?” A sugestão do marido caíra em terreno propício. Num instante, pôs-se a pensar mil coisas, numa especulação infinita. No fim de muitas horas de solitária, de ardente meditação, concluiu: “Ele quer se ver livre de mim!” No dia seguinte, pela manhã, antes de escovar os dentes, perguntava com doçura, quase com humildade:

— Você seria capaz de me internar?

— Que bobagem!

— Responda, Amadeu. Se eu ficasse doida, você me internaria, hein?

— Ora, Marlene! Sossega!

Mas ela, obstinada, numa ideia fixa que a consumia, não sossegou enquanto ele, diante de tamanha angústia, não prometesse: "Claro que não, ora essa!" E ela:

— Eu conheço famílias que conservam, em casa, os parentes doidos!

No escritório, Amadeu, impressionadíssimo, contou o episódio a Marieta. Esta pareceu exultar:

— Não te disse? Batata! Nem tem graça!

Ele, preocupado, só dizia:

— Fiquei besta!

A situação sentimental, entre os dois, estava mais do que definida. Iam ao cinema, ao teatro, e Marieta não perdia oportunidade de comentar:

— Ah, se eu fosse tua mulher! Se eu morasse contigo!

A tragédia

Os dois já consideravam, com tranquila objetividade, a seguinte hipótese: que Marlene enlouquecesse e tivesse de ser internada. Esperavam, apenas, que os sintomas se tornassem mais nítidos, mais insofismáveis. Por fim, já estavam impacientes, achando que o mal não evoluía tão rapidamente quanto desejavam. E, além disso, aconteceu o que estava fora de suas cogitações: Marlene se transformava, e para melhor. O medo de enlouquecer a tornava mais tranquila, menos excitada. Exercia, sobre si mesma, um grande controle e fazia um contínuo esforço, no sentido de evitar as irritações, os paroxismos. No escritório, Amadeu, decepcionado, desabafava com a morena escura:

— Acho que foi rebate falso. Soltamos foguetes antes da festa. Minha mulher está calma que só vendo!

Marieta, obstinada, insistia:

— Também há loucura mansa, ora essa!

E ele, coçando a cabeça:

— É o diabo! Um caso sério!

Mas o seu alarme cresceu. Porque Marlene já se fazia meiga, carinhosa, humilde. Desde que o marido prometera que não internaria, em hipótese nenhuma, ela se voltava para ele numa atitude de gratidão comovida. E

essa ternura, que o rapaz não desejava, tinha o poder de irritá-lo profundamente. Foi assim que, uma noite, sob a sugestão de não sei que demônio, virou-se para a esposa. Segurava uma xícara, pequena, de café. E perguntou, de repente:

— Que é isso?

— Xícara.

— Não é xícara. É pires.

A mulher, atônita, apanhando a xícara, balbuciou:

— Pires? Isso é pires? Não é xícara?

— Claro, evidente! Você queria que fosse o quê? Que graça!

A brincadeira aparente escondia um fundo de perversidade que ele desconhecia em si mesmo. Viu o pavor da mulher. Durante um, dois, três minutos, não se falaram, espreitavam-se, apenas. Depois, ela desviou a vista para a xícara pequena, com absoluta fascinação. Repetiu:

— É pires, não é xícara, pires!

Olhava, agora, em torno, incerta de tudo e de todos. Parecia não reconhecer mais os móveis, as paredes, o lustre, o teto. Talvez a mesa não se chamasse mesa, tivesse outro nome qualquer. Ele, continuando a comédia, fazia um espanto alegre:

— O que é que há contigo? Não brinca assim, Marlene! Podem te achar maluca!

A certeza

Marlene levou a pequena xícara para o quarto. Tinha vontade de gritar, de fugir, de correr. O medo da loucura estava no mais íntimo de si mesma; e mais do que isso: da internação. De vez em quando, olhava para o marido. Sem sentir, o rosto de Amadeu aparecia mais nu do que nunca, sem um disfarce, sem uma máscara. A maldade estava nos olhos, no ríctus cruel. Dir-se-ia a face do demônio. Então, Marlene teve a brusca certeza: “Vou enlouquecer e ele me internará.” Aceitaria a loucura. Não o hospital de loucos. Depois o medo se transformou em ódio. Alta noite, Amadeu estava dormindo. E, foi assim que recebeu, na altura da carótida, um golpe só, medonho. Com a navalha de barba do marido, ela o degolara.

CRÔNICAS

O QUADRÚPEDE DE 28 PATAS

Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.

Escrevi acima que o torcedor não é um desarmado e provo. De fato, ele possui uma arma irresistível: — o palpite errado. Empunhando o palpite, dá cutiladas medonhas. Vejam o primeiro jogo com os paraguaios. Vencemos de cinco [1] e podia ter sido de dez. Fizemos do adversário gato e sapato. Ora, para uma primeira apresentação foi magnífico ou, mesmo, sublime. Mas quando saí do Maracanã, após o jogo, vejo, por toda parte, brasileiros amargos e deprimidos. Mais adiante, esbarro num amigo lúgubre. Faço espanto: — "Mas que cara de enterro é essa?". O amigo rosna: — "Estou decepcionado com o escrete!". Caio das nuvens, o que, segundo Machado de Assis, é melhor do que cair de um terceiro andar. Instantaneamente, vi tudo: — o meu amigo era ali, sem o saber, um símbolo pessoal e humano da torcida brasileira. Símbolo exato e definitivo.

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas de pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.

E, no entanto, vejam vocês: — o escrete visitante, que nos parecia de vira-latas, acabara de vencer e desclassificar a "Celeste" e bater a enfática Argentina. Mas, para cuspir na vitória brasileira, o nosso torcedor fingiu ignorar a real capacidade, a indiscutível classe do adversário. Veio o segundo jogo, no campo careca e esburacadíssimo do Pacaembu. Houve um empate, que teve para o Brasil o gosto de uma semiderrota. Desta vez, porém, nada de choro, nada de vela. Por toda parte, só se viam caras incendiadas de satisfação. Com o olho rútilo e o lábio trêmulo, o torcedor patrício lavava a alma: — "Eu não disse?". Os pernas de pau não eram mais os paraguaios, eram os brasileiros. E está-se vendo esta vergonha: — um escrete, que começou vencendo, já é vítima de uma negação frenética. Há gente torcendo para que ele apanhe de banho na Suécia.

Eis a verdade, amigos: — tratam do craque, tratam da equipe e esquecem o torcedor, que está justificando cuidados especiais. Que estímulo poderá ter um escrete que é negado mesmo na vitória? A seleção não tem saída. Se vence de cinco, se dá uma lavagem, o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós. Durma-se com um barulho desses!

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: — o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro.

A propósito, eu me lembro de um amigo que vivia, pelas esquinas e pelos cafés, batendo no peito: — "Eu sou uma besta! Eu sou um cavalo!". Outras vezes, ia mais longe na sua autoconsagração; e bramava: — "Eu sou um quadrúpede de 28 patas!". Não lhe bastavam as quatro regulamentares; precisava acrescentar-lhe mais 24. Ora, o torcedor que nega o escrete está, como o meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, porque é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem, eu o promovo a meu personagem da semana.

***Manchete Esportiva*, 17/5/1958**

Complexo de vira-latas

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram [2] e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: — "O Brasil não vai nem se classificar!". E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: — "extraiu" de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, "não". Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto

jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: — "O que vem a ser isso?". Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

***Manchete Esportiva*, 31/5/1958**

Meu pai

1 "Mário Rodrigues era um passional", disse Carlos Lacerda, acrescentando: — "E morreu de paixão." Conversávamos na casa do José Magalhães Lins, que fazia anos. Fomos uns vinte ou trinta amigos abraçar o aniversariante e comer-lhe a feijoada inexcedível. O curioso é que, ao comer a feijoada, eu me sentia abissínio e até agora me pergunto: — por que abissínio?

2 Cheguei lá, graças à fraterna carona do Otto Lara Resende. E todos, ali, eram meus amigos, desde o Almeida Braga, o doce Braga, até o Miguel Lins, o Armando Nogueira, o Celso Bulhões, o Adolfo Bloch. (Ah, o velho Adolfo da *Manchete*, com o seu perfil de Nero.) Eis o que eu queria dizer: — antes do almoço, Carlos Lacerda começou a falar de Mário Rodrigues, o jornalista que fascinara a sua infância.

3 Ora, meu pai é, na minha vida, uma figura obsessiva. Eu não seria o que sou, não teria escrito uma frase, uma linha, uma peça, se não fosse seu filho. Estou todo embebido de sua violência e de sua fragilidade. Ainda agora, eu o vejo, na cama, com a face escavada pela agonia. Eu me lembro de sua última noite. Da esquina, já se ouvia a sua dispneia.

4 Morreu há 37 anos. Eu direi tanto tempo depois: — Mário Rodrigues foi o maior jornalista brasileiro, de todos os tempos. Desde os sete anos, eu lia os seus artigos e me crispava de beleza. Ainda hoje, eu os releio: — e eles preservam através das gerações, o verbo fremente de justiça e de procela. E, no entanto, ninguém fala de Mário Rodrigues. Nas histórias jornalísticas, o seu nome não aparece. Há um silêncio repito: — um vil silêncio.

5 Eu diria que o silêncio iníquo é também a glória. No almoço de ontem, Carlos Lacerda lembrou um episódio, que o feriu de espanto, quase de medo. Foi, se bem me lembro, em 1925. Carlos era então um menino de calças curtas e eu também um menino de calças curtas. Ele entra na rua 13 de Maio e vê um espetáculo, desses que ninguém esquece. Sim, a rua 13 de Maio estava transformada num súbito pátio de milagres.

6 E, então, aconteceu uma cena muito parecida com um pesadelo: — mutilados largavam as muletas, ou as erguiam, para aclamar um homem: — Mário Rodrigues. Mas, que fizera este homem para que, de repente, os aleijados, os cancerosos, os tísicos se prostrassem diante de sua imagem como de um santo?

7 O pátio de milagres não se instalara por acaso, debaixo de nossas sacadas. Meu pai premeditara tudo; ele chamaria pelo jornal, os pobres da cidade. E por quê? Imaginem vocês que meu pai fazia, na ocasião, uma campanha feroz contra o Governo de Pernambuco.

8 O governador era, então, Sérgio Loreto. E Mário Rodrigues não escrevia uma linha sem paixão. Hoje, o profissional de imprensa pode ser um péssimo jornalista, mas é sempre um exímio datilógrafo. Naquele tempo, não. Meu pai jamais bateu no teclado de uma máquina. Escreveu milhares de artigos e tudo à pena. Eu o vejo na mesa enchendo tiras e tiras de papel almaço. E era, sempre, um Zola.

9 Mesmo escrevendo sobre um cano furado, tinha, sim, as iras de um Zola. Dizia horrores de Sérgio Loreto e de sua administração. Primeiro, foi ameaçado. A polícia pernambucana ainda se nutria de ódios shakespearianos. E eu não me esqueci, nunca, do caso de Trajano Chacon.

10 Durante toda a minha infância, eu ouvira falar de Trajano Chacon. Era um jornalista pernambucano "sem papas na língua", como se dizia. Desafiou a onipotência de um poderoso local. Uma noite, foi cercado por quatro ou cinco sujeitos. E o mataram, ali mesmo, num canto de rua. O pior é que não foi à faca nem a tiro, nem à navalha. Os assassinos usaram

cano de chumbo. Eu me lembro de alguém contando, lá em casa, o crime. Era um velho, que fazia o cigarro de palha e explicava: — "Trajano estava morto e ainda batiam. Os ossos ficaram que nem mingau."

11 Durante a campanha contra Sérgio Loreto, eu só pensava em Trajano Chacon. E se viessem capangas do Recife? E se matassem meu pai a cano de chumbo? Nas minhas fantasias infantis, eu imaginava as ruas, as esquinas dizendo: — "Mataram Mário Rodrigues!" E meu pai teria um enterro como nunca se viu no Rio de Janeiro. Quando passasse o carro de penacho o povo havia de chorar em cima do meio-fio.

12 Mas o Governo de Pernambuco não queria matar meu pai. Mandou um conhecido perguntar: — "Quanto você quer?" Era um Geraldo não me lembro de quê. Meu pai pensa, pensa e começa: — "Bem. Depende. Eu paro se…" E acabou pedindo uma quantia que, para a época, era astronômica. O intermediário toma um susto; objetou que "os outros" eram muito mais baratos. Mostrou recibos de altas figuras da imprensa. Meu pai encerrou a discussão: — "Ou isso ou nada." O sujeito saiu, prometendo uma resposta para o dia seguinte.

13 O Fulano não voltou. Quem apareceu foi Sousa Filho, esse sim amigo de meu pai. Fechou o negócio. E meu pai recebia, em seguida, o dinheiro. Não precisaria escrever nada a favor; apenas não seria contra. E, com efeito, não houve na época, um silêncio tão bem remunerado. No dia seguinte, *A Manhã* abre, em festa, as suas manchetes, contando todo o processo do suborno; e, ainda, nos cabeçalhos garrafais, meu pai anunciava que ia distribuir o dinheiro, até o último tostão, entre os pobres do Rio de Janeiro.

14 Daí o pátio de milagres que, em 1925, assombrou o menino Carlos Lacerda. Alguém que passasse, por lá, e visse aquela massa apavorante, havia de imaginar que éramos uma população de mutilados, de entrevados, de cancerosos. Quando meu pai surgiu, lá em cima, ergueu-se da multidão um gemido grosso, vacum. Eu estava também na sacada. E quando o dinheiro começou a ser distribuído, começou um lúgubre alarido. Foi dado, como já disse, até o último tostão. Eu vi seres incríveis que, em

vida, apodreciam em chagas. No fim, meu pai tirava dinheiro do próprio bolso e dizia: — "Dá, vai dando."

15 E assim, ao cair da noite, desfez-se o pátio de milagres embaixo das sacadas de *A Manhã*. Meu pai desceu, então; o Ford, de bigodes, o esperava, na porta. Na calçada, parou, um momento, olhando a rua. E, então, alguém, agachado na treva, pula sobre meu pai. Eu me lembro apenas de um olho que era uma chaga. Tudo aconteceu tão depressa. Uma cara baixou e beijou a mão do meu pai. Depois, eu vi a sombra fugir, rente à parede. Não sei por que, mas quando penso nesse beijo ferido, acredito mais em mim mesmo e nos outros.

***Correio da Manhã*, 13/4/1967**

O doce "Gravatinha" e o abominável sobrenatural de Almeida

Amigos, o Unidos de Lucas — o celebérrimo e consagradíssimo Galo de Ouro da Leopoldina — vai soltar, às 21 horas, de sábado, na Casa do Marinheiro, o seu "Grito do Carnaval". Como uns sabem e outros não, a Casa do Marinheiro é na Avenida Brasil. Segundo me informa o Marco Aurélio, o convidado de honra é o "Gravatinha".

Não sei se o venerando e falecido pó de arroz vai comparecer aos Unidos de Lucas. Desde seu falecimento, ocorrido em 1918, o "Gravatinha" só baixa do Além para ver as vitórias do Fluminense. Quando o Tricolor vai ganhar, ele comparece, infalivelmente. Não importa a chuva, nem importa o sol. Contra o Bonsucesso, fazia um mau tempo de quinto ato de *Rigoletto*. Seus colegas da eternidade ponderaram: — "Você vai se resfriar, 'Gravatinha'. Ouve pelo rádio".

Mas ele foi intransigente. Disse: — "Vou, porque vou" e ninguém o dissuadiu. E, de fato, foi o primeiro a entrar no estádio das Laranjeiras e o último a sair. Assim que apareceu o porteiro disse: "O Fluminense já ganhou!". Hoje em dia, 80 milhões de brasileiros sabem que o Tricolor vence sempre que o "Gravatinha" comparece.

Domingo que vem, teremos um grande e apaixonante jogo: — Fluminense e Bangu. O time do "Gravatinha" vai enfrentar o líder. Claro que será uma partida de feitio épico. O Bangu quer continuar pendurado na ponta, como um lustre. Por sua vez, o Fluminense não pode perder, nem empatar. Vejam bem: — nem empatar. Eis a santa verdade: — ainda não desesperamos do título. Cultivamos as nossas secretíssimas esperanças (melhor seria dizer "ululantes esperanças").

E a pergunta que toda a cidade faz é a seguinte: — "O 'Gravatinha' vai?". O que se sabe é que foi ao nosso treino. Esteve em Álvaro Chaves e

disse, com a sua voz fininha de criança que baixa em centro espírita: — "Vim ver esse menino, o Samarone". Não há que estranhar o tratamento que o venerando dá a Samarone. "Gravatinha" finou-se em 1918 e com oitenta anos feitos. Para ele, Samarone é criança de peito.

Entre parênteses, Samarone está comendo a bola. Coisa curiosa! Sempre foi o mesmo Samarone. Mas só agora é que, de repente, todo mundo começou a perceber o seu talento. Sabe driblar como ninguém. Tem lançamentos que são meio bicho. E é um estilista.

"Gravatinha" gosta de ver Samarone jogar. Acha o seu futebol bonito como um poente do Leblon.

Quanto ao Sobrenatural de Almeida, não pensa no Tricolor. Sua fixação é o líder. Como explicar as duas derrotas consecutivas do Botafogo? Bastou o Sobrenatural de Almeida fazer duas aparições no Canecão. E o Alvinegro, que era líder e era invicto, deixou de ser uma coisa e outra. Apanhou em Belo Horizonte e apanhou no Estádio Mário Filho. Agora, o torpe indivíduo volta-se para o Bangu. Qual um vampiro hediondo, quer chupar-lhe o sangue de líder.

***Jornal dos Sports*, 10/11/1967**

Fui um menino de paixões de ópera

1 Bem me lembro dos meus cinco, seis anos. O vizinho era, então, todo o meu horizonte humano. Ainda vejo as pessoas que moravam ao nosso lado, ou em frente, ou na esquina. Os sujeitos se cumprimentavam assim: — "Bom dia, vizinho. Como vai, vizinho?" E a simples palavra tinha uma tensão, um frêmito, uma magia. Era como se "vizinho" fosse um enfático nome wagneriano, uma espécie de Lohengrin prodigioso.

2 O mundo era aquela meia dúzia de vizinhos. E, justamente, a Lili veio morar duas ou três casas adiante da minha. Hoje, ninguém se chama Lili. "Lili" é um nome nostálgico, obsoleto, espectral. Naquele tempo, não. Em cada rua havia uma Lili, ou duas ou, até, três. Havia um pó de arroz que se chamava Lili. Minto. Não era Lili, era "Lady". Também havia odetes por toda parte. Ao passo que, hoje, somos um povo de poucas odetes.

3 Lili. Conheci o nome antes da pessoa. Um dia, eu estava na mesa, tomando café com macaxeira. E, então, alguém falou em "Lili". Achei o nome lindo. Lili. Aquilo ficou gorjeando em mim. Faço, porém, a ressalva: — aos cinco, seis anos, não se faz nenhuma seleção auditiva. Para mim, qualquer nome era bonito. Morava na rua Dona Maria um "seu" Sepulveda. Era Capitão da Guarda Nacional e tinha bigodões. Sepulveda, ou qualquer outro nome, vem com um halo de mistério, de graça e de espanto. Que vontade tive de me chamar Sepulveda!

4 E Lili foi, exatamente, a minha primeira paixão de menino. Antes de vê-la, eu a amei. Amei o puro nome, o puro som. Era a primeira Lili da minha infância. Cinco anos tinha eu. Ou seis. Vá lá, seis. Sentia que aquele nome insinuava um mistério ou, mais do que isso, um destino. Fui varado por

um sentimento de pena e de medo. Como se Lili fosse alguém que já morreu e que só aparece, por um momento, na memória dos espelhos.

5 Até que, uma manhã, ou tarde, sei lá, eu a vi. E, de repente, Lili deixou de ser apenas um som. Passava a ter um olhar, um perfil, um gesto. E era gorda. Lili gorda. Hoje, ninguém vê uma gorda sem lhe acrescentar um ponto de exclamação. Vivemos uma época tão sem busto, tão sem quadris, que ninguém entenderia a Lili de 1918. Os homens eram magros, tinham a face e o peito cavos. Mas a mulher podia ser gorda, ou, melhor, devia ser gorda. A partir dos 14 anos, os quadris e os bustos explodiam. Simples adolescentes tinham os flancos tão pesados que precisavam se pôr de perfil para atravessar as portas. Lili era a gorda em flor como a mulher do Lemos, e outras, e outras.

6 Agora já sei a minha verdadeira idade, na época: seis anos. Sim, tinha seis anos quando fui matriculado na escola pública, turno da manhã. A casa de Lili ficava no caminho da escola. E não era bem casa, ou por outra, eu só me lembro da janela, em que ela se debruçava, pendida de sonho. (Eu diria que, em nossos dias, a televisão matou a janela.) Mas, como ia dizendo: todas as manhãs passava eu com o meu livro, o meu caderno, meu lápis e a merenda (geralmente uma banana). Quando via Lili, baixava a cabeça, transido de vergonha, e deslizava rente à parede. O patético da escola era quando eu passava na ida e quando passava na volta. Se ela estava na janela, a minha felicidade era mortal. Lembro-me de que, uma manhã, a professora me chamou para o quadro-negro. Eu devia desenhar uma flor, ou pintar, não sei. Quando fui apanhar o giz, a professora me puxou: — "Menino, você não lava as orelhas, menino?" E fez um escândalo para a classe: — "Nunca tomou banho?" Exultava: — "Olha aqui o pescoço! Vem cá. Deixa eu ver as unhas. Mostra, anda!" Naquele momento, tive a sensação da nudez pública. Nunca me senti tão nu. A professora está dizendo: — "Se aparecer aqui, outra vez de orelha suja, fica de castigo." E eu só pensava em Lili. Que alguém fosse dizer a Lili: — "Menino porco."

7 (Estou falando muito de mim mesmo.) Mais alguns dias e começo a ouvir gritos. Gritos de mulher varavam a rua, de ponta a ponta. Toda a

vizinhança veio para a janela. E ouvi alguém dizer: — "É a Lili que está apanhando." A menina tinha um pai de *Amor de perdição*, sim, um pai de Camilo Castelo Branco. Minha mãe pergunta: — "Está sentindo alguma coisa?" Eu devia estar branco. Pouco depois saí para a escola. E pela primeira vez parei na calçada de Lili. O pai batia de cinto. Da rua, ouvia-se o cinto cantar na carne. A menina berrava: — "Não, papai, não!" E o velho, possesso: — "Engole o choro! Engole o choro!"

8 Aquilo ficou em mim para sempre. Engole o choro. Eu, fascinado, não saía do lugar. E, súbito, o velho parou de bater. Lili ficou gemendo, baixo e doce: — "Papaizinho, papaizinho!" E havia uma voluptuosidade triste no seu lamento. Só então saí correndo para o colégio.

9 Chego no colégio. A professora me chama: — "Deixa eu ver. Vem cá. Limpou as orelhas? E o pescoço?" Baixei a vista: — "Tomei banho, sim." Pegou-me pelo braço e me sacudiu: — "Diga, sim, senhora. Não tem educação?" E eu: — "Sim, senhora." Mas ela ainda bufava: — "Você não se esfrega direito. Precisa aprender a tomar banho." Passou. Fui para meu banco. Até o fim da aula teci toda uma fantasia fúnebre. Sonhava com a minha morte. Se eu morresse, Lili teria pena de mim, amor por mim.

10 Quando eu passei pela casa de Lili, ela estava na janela. Cantarolava: — "Cobre, me cobre, que eu tenho frio." Claro que me escapava toda a insinuação erótica do verso. Vim namorando o som. "Cobre, me cobre, que eu tenho frio." Em casa, falavam da surra de Lili. Conheci, então, toda a história. Lili amava um rapaz do bairro, Paulinho Varanda. (Encantou-me esse nome bucólico, ventilado, paisagístico.) E o pai não queria o namoro. Paulinho Varanda não seria pior nem melhor do que ninguém. Mas tinha um defeito hediondo para a época: era tuberculoso.

11 Estou vendo o Paulinho Varanda. Tinha a cara crivada de espinhas como bexiga. Ficava horas na esquina, estivesse a pequena na janela ou não. Quando estava resfriado, enrolava um lenço no pescoço. Ainda o ouço tossindo. E tinha, na tosse, o olho enorme do asfixiado. Talvez Lili o amasse por isso mesmo, pela tuberculose e pelas espinhas. Devia morrer de ternura quando o via torcer-se e retorcer-se, em acessos medonhos. Um

dia, na volta da escola, o Paulinho Varanda me segura. Pergunta: — "Quer ganhar um tostão?" Respondi, assustado: — "Quero." E ele: — "Está vendo aquela moça? Que está na janela? Vai lá e entrega isso. Toma." Deu-me o tostão e um bilhete. Numa felicidade total, corri. Disse: — "Aquele moço mandou." Lili apanhou rápido o bilhete e fugiu da janela.

12 Até hoje não sei o que dizia o bilhete. Devia ser um apelo muito triste, ou um adeus, quem sabe? Só sei que, de noite, toda a rua começou a ouvir os gritos de Lili. Desta vez, não era surra.

***O Globo*, 12/12/1967**

De 30 a 35 não amei, nem odiei

1 O brasileiro é um feriado. Vi isso, anteontem, e de repente. Era uma terça-feira e — note-se — o primeiro dia útil depois de sexta, sábado, domingo e segunda de Natal. Imaginei que, exausto da própria ociosidade, o brasileiro estivesse, no escritório, na oficina ou na pedreira, fazendo a sua pátria. O meu táxi ainda deslizava pela rua Francisco Sá. E eu já via, com olhos da imaginação, uma praia deserta, sem uma mísera alma ou de calção ou de biquíni.

2 Todavia, quando dobro para a avenida Atlântica, eis o que vejo: do Forte de Copacabana ao Vigia, era uma só multidão que daria para lotar várias vezes o maior Fla-Flu. Por um momento, eu, na mais amarga perplexidade, não sabia o que pensar. Eram os mesmos umbigos paradisíacos da véspera, e de todas as vésperas. Essa nudez multiplicada deu-me o que pensar. Foi aí que descobri esta verdade nacional: — o brasileiro é um feriado, temos alma de feriado.

3 Até a dobra do Leme tive tempo de propor a mim mesmo a seguinte questão: — "Se o brasileiro não sai da praia, quem faz o Brasil?" Mas vejam vocês: não era bem isso que eu queria dizer. Ia falar de Adolpho Bloch e não dos umbigos em flor. Imaginem que o homem da *Manchete* fez uma recente viagem à Rússia. Andou por lá, olhou, olhou e voltou, correndo para o Brasil.

4 Desembarca ali no Galeão, e é assaltado por amigos, conhecidos e parentes. Todos perguntavam: — "Que tal? Que tal?" Mas Adolpho Bloch fez mistério, fez suspense. Só falou quando, finalmente, entrou no seu apartamento de mármore. E, então, fez esta síntese fulminante: — "O

russo ainda come três pepinos por dia.” Os presentes se entreolharam, num mudo horror. Adolpho repetiu: — “Três pepinos.”

5 Foi então que o Pascoal Carlos Magno que, num canto, ouvia tudo, abriu a boca: “Hoje, o russo come três pepinos. No tempo do Czar, comia um.” E assim, segundo o Adolpho de um lado, e o Pascoal de outro, o papel da Grande Revolução foi acrescentar, no prato do povo, mais dois pepinos.

6 Eis o que eu queria dizer: quando veio, garoto, da própria Rússia, não sei se o Adolpho teria um pepino para lamber. No tempo em que eu morava na rua Alegre, ele ia residir, com a família, em Pereira Nunes, no limite de Aldeia Campista com Andaraí. Nem sempre, naquele tempo, tínhamos um pepino para comer. Hoje, as varandas do seu apartamento pendem sobre a piscina do Copacabana Palace.

7 Mas o menino de Pereira Nunes continua enterrado na sua carne. O velho toma banho numa piscina de Paulina Bonaparte; a pia, onde escova os dentes, tem bica de ouro. Não importa, nada importa. O menino está encravado na sua vida. E, ainda hoje, milionário, sua voz tem uma pungência, uma plangência, insuportáveis. Sim, por vezes, usa uma humildade crispada de certos mendigos patéticos. E a vontade que se tem é de pingar-lhe, no pires imaginário, a moeda da nossa esmola.

8 As nossas fomes eram paralelas, eram vizinhas. Lembro-me de um garoto louro, sardento, que vi muitas vezes em Pereira Nunes. Talvez fosse, ou não, Adolpho Bloch. Seja como for, não nos falamos nunca. Não vou dramatizar, mas existe entre nós o vínculo físico da fome.

9 Já contei o episódio da merenda no pátio da escola pública. Eu, com uma mísera e humilhadíssima banana (nem sempre a levava) e outros com sanduíches de goiabada, de bife, de ovo. O que então me fascinava era pão com ovo. Havia, lá, um garoto que não mudava de merenda. E a trazia embrulhada em papel fino. Sem pressa desfazia o nó, atirava fora o barbante, o papel e, então, começava a comer. Pão com ovo, sempre. A gema escorria-lhe como baba amarela.

10 Quase meio século depois, entro em casa. Beijo Lúcia e digo à empregada: — "Manda fazer sanduíche de pão com ovo." Lúcia intervém: — "Não faz não, que nós vamos jantar." Insisto: — "Meu anjo, quero pão com ovo. Estou com vontade. Cismei." Pouco depois, tirou-se o jantar. Mas eu comi mesmo pão com ovo. Lúcia não entendeu, nem podia entender. Eu fazia, ali, uma maravilhosa imitação de vida. De repente, baixara em mim a fome de 1919. Era, de novo, o pátio de colégio. Lúcia diz: — "Meu flho, limpa no queixo." Era a gema, que escorria. Tudo como na infância profunda. Ah, um dos meus traumas infantis foi um sanduíche.

11 Eu entendo o ressentimento do Adolpho Bloch contra os três pepinos da Revolução. É a velha fome que se crispa como uma víbora. Aí está: ela não passa e repito: — a fome não passa, nunca. Outro dia, Adolpho Bloch passou por mim. Paramos no sinal, lado a lado, eu, no meu táxi, ele, no seu carro. O seu automóvel nunca parece o mesmo da véspera. É como se ele comprasse um por dia. Se me disserem que seu carro tem uma cascata artificial, com filhote de jacaré, eu direi: — "Tem."

12 Senti, ao mesmo tempo, que o luxo não o mudou em nada. O apartamento de mármore, a bica de ouro, o automóvel suntuário — tudo isso é, para ele, irreal, eis a palavra, irreal. Nada substitui a fome pretérita, mas inarredável. Janta ou almoça como um Nero. E o menino esfomeado continua gemendo, mansamente, dentro dele.

13 Mas eu dizia que a fome não passou para Adolpho Bloch, nem para mim. Na infância, ainda conheci uma fome relativa. Havia um mínimo para comer (eu me vejo comendo mariola. Ou melhor: não a mastigava. Simplesmente, lambia a mariola, para eternizá-la. Levava assim horas). Mas, de 30 a 35, conheci a grande fome. Às vezes, entrava num botequim e pedia: — "Me dá um copo de água, por obséquio." Não estava bebendo, estava comendo água.

14 Nesse período, de 30 a 35 (nosso jornal fora empastelado em 30), eu aprendi o seguinte: — o sujeito que não come não se revolta. É a verdade: — não se revolta. Fui a menos indignada das fomes. Eu me sentia inteiramente desfibrado. Certa vez, aconteceu uma, que me feriu para

sempre. Vinha eu pela rua dos Aurives e olhei, acidentalmente, para um casal. O rapaz perguntou insolentíssimo: — "Que é que está olhando?" Baixei a cabeça e apressei o passo. Mas ia pensando: — "Se ele me der um bofetão, eu não reajo." Naquela ocasião, não tinha emprego, não tinha nada. E certos pundonores, certos brios, exigem um salário e as três refeições. Aprendi mais: a fome não odeia, nem ama. Se me aparecesse a Ava Gardner, de Salomé, eu continuaria incomovível. Durante esses cinco anos, não namorei. Fui incapaz de um sentimento forte. A fome esvaziou-me; e eu me sentia oco, sem entranhas, como um autopsiado.

***O Globo*, 28/12/1967**

A GRANDE UTOPIA DO HOMEM É ACHAR UM OUVINTE

1 Era um sarau de grã-finos. E, súbito, aparece lá um jovem padre. Alguém, a meu lado, soprou: — "Fala bem, fala bem!" De fato, logo veríamos que era, sim, um veemente. A dona da casa, bela senhora, que já dera capa de *Manchete*, fez-lhe a pergunta: — "Que tal o d. Hélder presidente?" Houve um silêncio. E, então, o jovem padre ergueu o gesto. Não estava ali como simples funcionário do Sobrenatural, e repito: — não tinha a modéstia de um funcionário em plena e mansa rotina. Não. Ia falar sobre a candidatura de d. Hélder à Presidência da República.

2 Pôs-se a gritar. Em vez de falar de d. Hélder, fazia uma súbita e truculenta exortação aos militares: — "Voltem para a caserna! Voltem para a caserna!" Apontava para a dona da casa, como se esta tivesse esporas, penacho e sabre. Mas estava lá o José Lino Grünewald, crítico de arte, editorialista, poeta concreto etc. etc. Quando o padre, exausto da própria ira, fez uma pausa arquejante, o José Lino insinuou a sua opinião: — "Entre padres e militares, prefiro os militares no Poder."

3 Mas, o jovem padre não temia objeções e pelo contrário: — exaltou-se ainda mais. Eis a sua ideia fixa: — os militares fora do Poder, trancados na caserna. E não tirava a vista da anfitriã, como se esta é que devesse retornar aos quartéis. Os presentes estavam impressionados, e vamos e venhamos; — é irresistível o efeito plástico, sim, o efeito cênico da indignação. O orador estava a dois passos do sublime. Fez, porém, uma nova pausa. Arranca dos flancos um lenço; enxuga, na fronte, o suor polêmico. A dona da casa, e mais duas ou três damas, também capas de *Manchete*, faziam o coro solidário:

— "Também acho, também acho!"

4 Fora o neopagão José Lino Grünewald, todos, ali, eram da "esquerda católica". E, então, dobrando o lenço, abrindo os braços e olhando para o teto, o padre parecia perguntar ao lustre: — "D. Hélder, presidente?" Repetiu: — "D. Hélder na presidência?" Puxando uma nova indignação, bradava: — "Mas, como? Se ele não é militar?" Sim, se ele não usava esporas, nem penacho. Antes de sair, porém, deu, concretamente, a sua opinião: — "Grande presidente, grande presidente!"

5 Depois que o religioso partiu, ficamos nós, numa conversa sem fim. No fim da noite, concluiu-se o seguinte: — os padres tinham, não só o direito, mas o dever de se meter em política. O homem é, fatalmente, um ser político; político da cabeça aos sapatos. Mesmo Robinson Crusoé, na sua ilha e sem radinho de pilha, há de ter um comportamento político. Alguém insinuou a pergunta: — "E os militares?" A dona da casa já bocejava, apesar de ser capa de *Manchete*. Espiei o relógio: — quatro e meia. E, quando já morria a última estrela da madrugada, chegou-se a esta verdade última e total: — o homem é um ser essencialmente político, menos os militares.

6 Dias depois, alguém me veio contar que o jovem progressista repetira na igreja, e nos mesmos termos, o que dissera no sarau da Gávea. E, por um momento, imaginei a fala política, e os fiéis berrando, como nos comícios do Brigadeiro: — "Já ganhou, já ganhou!" Tudo isso na igreja, debaixo da cúpula incandescente. Nem sei se houve mesmo o sermão político. Seja como for, voltei à minha infância profunda. Qualquer igreja me assombrava.

7 Em 1919, 20, d. Hélder e dr. Alceu acreditariam até em simpatia para curar soluço de criança (ou dor de barriguinha). Dentro da igreja, mesmo a tosse, mesmo o pigarro, eram diferentes. O sujeito que ia à missa entrava em relação direta, fulminante, com o Sobrenatural. Até o mau-caráter prostrava-se em adoração. O caso do Palhares nunca me sai da cabeça.

8 Ah, o Palhares! Vou abrir um parêntese para contar um pouco de sua história e de sua lenda. Aos 12 anos, e já mais taludo, eu o vi, pela

primeira vez. Morava em Copacabana (minha família mudara para a Zona Sul). Até os trinta e poucos anos do Palhares, ninguém percebera que sua fina sociabilidade escondia uma alma abjeta. E, de repente, num único lance, ele mostra o que era e como era. Imaginem que, um dia, cruza com a cunhada no corredor. Era uma adolescente, com namorado firme, quase noiva. O miserável pula no pescoço da menina e atira-lhe um beijo voraz. A partir de então, sempre que o Palhares passava, havia o cochicho pânico: — "Não respeita nem as cunhadas."

9 Tracei, acima, o perfil do canalha. O que vocês não sabem é que, na igreja, o vilão mudava. Coincidiu que, certa vez, fomos a uma mesma missa em intenção de uma mesma alma. E eu o vi entrando. Era outro e insisto: — deixara de ser o canalha puro. Nada que lembrasse o caráter de lama. Lembro-me que a missa teve tudo: — luminárias, violinos, barítonos, não sei quantos coroinhas. Até o fim, o Palhares não saiu do seu maravilhoso fervor. E houve um segundo, um fulminante segundo, em que vi baixar, na sua cabeça pendida, um halo intenso e lívido.

10 Terminada a cerimônia, saímos todos. O patife vivera o seu momento de São Francisco de Assis; fora, em tal momento, um São Francisco de Assis. Mas, cá fora, voltou a ser o próprio, isto é, o canalha reinstalou-se nele mesmo. Ia passando uma senhora conhecida; e o pulha arremessou-se para beijar-lhe a mão. Ainda por cima, preservava uma gentileza senil de passadas gerações.

11 Bem me lembro das primeiras revelações do sexo em mim. Ah, era eu um menino atormentado. Pouco sabia de mim e dos outros. Comecei a entender, aos sete anos, uma verdade que havia de me perseguir a vida inteira: — o sexo só faz canalhas (nunca houve um santo do sexo). E quando o instinto me feria, eu corria para a igreja, se não me engano, de Santo Afonso, que fica na esquina de Major Ávila com Barão de Mesquita.

12 Eis o que desejo dizer, sem nenhuma fantasia retrospectiva: eu entrava e tinha vontade de não voltar nunca mais. Ficar ali para sempre. A igreja estava vazia. Minto, não estava vazia. Havia alguém no confessionário, alguém contando os sonhos da carne e da alma. Eu ouvia apenas, apenas

um sussurro. Aí está dito tudo: — a igreja da minha infância era exatamente o sussurro. Na confissão, o homem era ouvido por uma catedral. Eis o que importa: — ser ouvido. (Na vida real ninguém nos ouve; somos surdos uns para os outros.) A utopia de cada qual é encontrar um ouvinte. Nada mais. Uma das figuras decisivas de nossa época é o psicanalista, e por quê? Em cada sessão de 45 minutos, ele nos ouve. Está ali, ouvindo o ruído de nossa alma. Portanto, vale um milhão por mês. O médium é o ouvinte do que morreu. A igreja vazia era também a ouvinte: — ouvia o eterno, e ouvia o sagrado, que estão enterrados em nós.

***O Globo*, 3/1/1968**

A VACA PREMIADA

1 Não há ser mais pungente e, repito, não há ser mais plangente do que o brasileiro premiado. O inglês, não, nem o francês. Um ou outro recebe qualquer prêmio com modéstia e tédio. Quando deram a Churchill o Nobel de Literatura, ele nem foi lá. Mandou a mulher e continuou em Londres, tomando o seu uísque e mamando o seu charuto. O francês ou o alemão também reagiria com o mesmo superior descaso.

2 E que faria o brasileiro? Sim, o brasileiro que, de repente, recebesse um telegrama assim: — "Ganhaste o Prêmio Nobel. Gustavo da Suécia." Pergunto se algum brasileiro, vivo ou morto, teria a suprema desfaçatez de mandar um representante, como fez o Churchill. Por exemplo: — o meu amigo Otto Lara Resende. Se a Academia Sueca, por unanimidade ou sem unanimidade, por simples maioria, o preferisse.

3 Semelhante hipótese, que arrisquei ao acaso, já me fascina. O Otto, Prêmio Nobel. Que faria ele? Ou que faria o Jorge Amado? Ou o Erico Verissimo? Eis o que eu queria dizer: — qualquer um de nós iria, a nado, buscar o cheque e a medalha. Nem se pense que faríamos tal esforço natatório por imodéstia. Pelo contrário. Nenhuma imodéstia e só humildade.

4 A nossa modéstia começa nas vacas. Quando era garoto, fui, certa vez, a uma exposição de gado. E o júri, depois de não sei quantas dúvidas atrozes, chegou a uma conclusão. Vi, transido, quando colocaram no pescoço da vaca a fitinha e a medalha. Claro que a criança tem uma desvairada imaginação óptica. Há coisas que só a criança enxerga. Mas

quis-me parecer que o animal teve uma euforia pânica e pingou várias lágrimas da gratidão brasileira e selvagem.

5 Cabe então a pergunta: — e por que até as vacas brasileiras reagem assim? O mistério me parece bem transparente. Cada um de nós carrega um potencial de santas humilhações hereditárias. Cada geração transmite à seguinte todas as suas frustrações e misérias. No fim de certo tempo, o brasileiro tornou-se um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: — não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima.

6 Se não me entenderam, paciência. E tudo nos assombra. Um simples "bom-dia" já nos gratifica. Nunca me esqueço de minha iniciação jornalística. Trabalhei num jornal que não pagava. Mas o diretor, um escroque perfumadíssimo, e, insisto, mais cheiroso do que uma cocote, era o gênio do cumprimento. Não passava por um funcionário sem lhe apertar a mão, e sem lhe sorrir, e sem lhe piscar o olho.

7 E o cumprimento do chefe era, para o repórter ou para o faxineiro, a própria remuneração. Fiz as divagações acima porque assisti, no último sábado, à entrega dos prêmios do Museu da Imagem e do Som. A cerimônia ia ser televisada. Disse de mim para mim: — "Vamos ver se o brasileiro mudou."

8 Fiz, preliminarmente, uma breve autocrítica. Eis o que me perguntei: "Será que estou frustrado, ressentido, humilhado, de não ser um deles?" Há vinte anos, quando comecei minha carreira, queria ter o meu nome no jornal de qualquer maneira e a qualquer preço. Ah, quantas vezes escrevi sobre mim mesmo. Assinava com um nome inventado e mandava publicar. E, depois, vinha perguntar cá fora: — "Conhece esse sujeito? Escreveu sobre mim. Não sei quem é." Pois bem: — e comecei a entrar em todos os concursos de peças, de reportagens, de contos, crônicas, o diabo. Todo mundo era premiado, menos eu. No primeiro ano, segundo, terceiro, eu estrebuchava de humilhação. Por fim, veio um doce e compassivo fatalismo. Repito: — "Não ser premiado" é o meu hábito de vinte e tantos anos.

9 (Minto. Outro dia, recebi no Chacrinha o prêmio de melhor cronista esportivo de jornal. E a verdade é que reagi como brasileiro. Escolhi o meu melhor terno, a minha melhor gravata, o meu melhor sapato. Meia hora antes estava na televisão. Lá encontrei o João Saldanha, também contemplado. Vagando pelos corredores da TV Globo, à espera da nossa convocação, tínhamos, os dois, um ar indubitável de "Prêmio Nobel".)

10 Volto ao sábado. Sala Cecília Meireles. Como o Governo da Guanabara estava ligado aos prêmios, compareceu o governador Negrão de Lima. Ele, em pessoa, faria a entrega. E, para maior ênfase do acontecimento, puseram lá uma banda de música. Um dos premiados era Oscar Niemeyer. Outro: Glauber Rocha; outro ainda: Pelé.

11 Dirá alguém que eram prêmios modestos. Não importa. A vaca já citada recebeu muito menos, ou seja, uma fitinha com uma medalha. E nasceu nos seus dentes toda uma espuma; a gratidão escorria-lhe em forma de baba elástica. Eis o que me perguntava: — como reagiria Oscar Niemeyer?

12 (Bato estas notas e sou perseguido por uma obsessão pueril e terrível. Não me sai da cabeça a seguinte cena: — o Otto indo buscar, a nado, o Prêmio Nobel.) E, de repente, o ator Sérgio Cardoso diz o nome de Oscar Niemeyer. A plateia quase veio abaixo. O nome de Pelé foi muito menos aplaudido. E, no entanto, para o gosto popular, as botinadas estão muito mais próximas do sublime do que a arquitetura.

13 Na minha casa, eu adulava a minha úlcera com pires de leite. E não entendia mais nada. Por que esse amor súbito e ululante por um arquiteto? Desde quando a arquitetura teve, no Brasil, um Frank Sinatra? Estava vendo a hora em que os presentes, de pé, iam berrar como nos comícios do Brigadeiro: — "Já ganhou! Já ganhou!" Mas por que essa ovação de Cauby Peixoto? Era a pergunta que continuava sem resposta.

14 E, súbito, percebo toda a verdade. Não era o arquiteto, era o gênio. O povo não gosta das invenções plásticas de Oscar Niemeyer. Abomina. O que o povo adora é aquele prédio do Elixir de Nogueira, ali na Glória,

perto do Relógio. O homem comum entende que a casa feita por Oscar Niemeyer não serve para dormir, amar, morrer ou simplesmente estar. Não importa. É gênio.

15 Pouco depois chegou a vez de Glauber. Outra ovação formidável. O grande público não gosta dos seus filmes, não entende seus filmes. Mas é outro gênio. Chamam-no de maluco. A figura que tenha essa lenda de insânia fascina o povo. Lembro-me de um conhecido que foi ver *Terra em transe* e veio-me dizer, deslumbrado: — "Não entendi nada." Estava gratíssimo ao filme e ao seu autor. O povo desconfia do que entende, desconfia do que gosta. E Glauber Rocha, ao surgir na sala, era uma figura. A cabeleira mais selvagem do que as cerdas bravas do javali.

16 Subiu a escadinha do palco com um passo ágil, elástico, quase alado. Mas nem Glauber, nem Oscar Niemeyer fizeram a concessão de um sorriso. A cara do Niemeyer estava fechada, inescrutável, como certas máscaras cesarianas. (Ah, como o brasileiro precisa ter um gênio à mão. Sim, para apalpá-lo, farejá-lo. A simples existência de um gênio patrício já nos permite um mínimo de autoestima.) E, por fim, o Luís Carlos Barreto, o formidável animador do cinema novo, foi receber o seu. Subindo, disse, à queima-roupa, ao governador: — "O dinheiro já saiu." E aí, nessa voracidade jucunda, estava todo o Brasil.

***O Globo*, 23/1/1968**

O MEDO DE PARECER IDIOTA

1 (Ontem, aliás, anteontem, escrevi: — "O povo desconfia do que entende" etc. etc. Pois bem: — e saiu assim: — "O povo desconfia do que *não* entende." Novamente fui dominado por uma dessas fúrias sagradas e inúteis. A minha vontade foi sair de porta em porta, de errata em punho, aos berros: — "Eu disse 'desconfia do que entende!'" Mas logo desisti de qualquer protesto ou correção. Por trás da frase alterada estava meu velho e imortal conhecido: — o erro de revisão. Sim, o erro de revisão é um poder mais alto do que o próprio dono do jornal.)

2 Desdobro o parêntese: — disse "erro de revisão" e já não sei se foi mesmo erro de revisão. Talvez tenha sido um estilista. O *copydesk* emprega, de vez em quando, um Flaubert. Estou imaginando a cena. O Flaubert do *copydesk* apanha o meu original e começa a ler. E, quando digo eu que o povo "desconfia do que entende", o estilista põe fogo pelas ventas. Apanha o lápis vermelho (porque o vermelho é a cor mais enfática) e troca o sentido de tudo. O povo passa a desconfiar do que NÃO entende. E o simples e fulminante NÃO, posto na frase, transfigura o *copydesk*. Ele arqueja como quem acaba de escrever *Salambô*.

3 Fecho o parêntese e passo ao meu amigo Otto Lara Resende. Ou por outra: — não é a hora ainda de entrar o meu amigo Otto Lara Resende. Primeiro, gostaria de dizer duas palavras sobre o intelectual subdesenvolvido. O que o caracteriza, acima de tudo, é o pânico de parecer imbecil. O europeu, não. E já cito um nome que está acima de qualquer dúvida ou sofisma: — Jean-Paul Sartre.

4 Há quem o considere "a maior cabeça do mundo" (realmente, Sartre tem inspirado algumas das mais abjetas admirações do nosso tempo). Eis o que eu queria dizer: — como todo o grande espírito, ele não tem medo nenhum de ser imbecil. Sabe que o idiota é também uma dimensão do gênio. Ainda recentemente foi à África. Ao voltar, um repórter perguntou-lhe: — "Que me diz o senhor da literatura africana?"

5 Sartre responde na hora: — "Muito mais importante do que toda a literatura africana é a fome de uma criancinha." Disse isso e ainda lhe pingou um ponto de exclamação. Resposta exemplarmente idiota. E eu, lendo a entrevista do mestre, quebrava a cabeça. Quem, além de Sartre, podia falar assim? Eis o que me perguntava: — quem? E, súbito, ocorreu-me o nome certo: — Luvizaro.

6 Luvizaro, na Rocinha, cavando votos, diria a mesmíssima coisa, sem lhe retirar uma vírgula. E como se explica que um gênio assim se comporte? Por isso mesmo, porque é gênio, e repito: — o gênio tem, por vezes, a nostalgia do imbecil. Mas essa imbecilidade não seria possível no intelectual brasileiro. Aqui, a inteligência não aceita nenhum risco, jamais.

7 Agora passo, finalmente, a Otto Lara Resende. Estava em Portugal e atravessou um oceano para ver as bodas de ouro dos seus pais. Eu disse "um" oceano. E fossem dois, ou três, e o Otto os atravessaria do mesmo jeito e com a mesma e cálida efusão. Certa vez eu o chamei de "flor de imprestabilidade". Fui injusto. Sabemos que o Diabo é um impotente do sentimento. Por este lado, Otto nada tem a ver com o abominável Pai da Mentira.

8 Quando vou julgar um brasileiro, trato de saber, preliminarmente, se ele chora. É vital chorar. E o Otto chora. Tempos atrás contei, por alto, um episódio decisivo na vida do meu amigo. Ele ia partir no dia seguinte para Portugal. E André, seu filho mais velho, belo como um Werther, perguntou-lhe: — "Papai, se você tivesse de me dizer uma coisa, de me dar um conselho. Um conselho para toda a vida — o que é que você diria?"

9 Na véspera de uma partida, o homem é um pobre ser crispado e indefeso. O Otto pensa um momento. Procurava uma palavra para sempre. E, então, falou: “Meu filho, eu diria: — ‘Ama o próximo como a ti mesmo.’” Foi um desses momentos de pai e filho que nem o Otto, nem o André vão esquecer, jamais. Passou. Pouco depois estava o Otto na casa do Hélio Pellegrino. E foram os dois para a cozinha. O Otto não tem úlcera, não tem nada. Mas bebe leite como se tivesse uma víbora cravada no duodeno. Depois de tomar a preciosa rubiácea. Minto: — foi leite e não café. Depois de beber o leite, contou a Hélio toda a conversa com o André.

10 E, quando chegou ao “Ama o próximo como a ti mesmo”, não aguentou mais. Começou a chorar. A casa estava cheia de visitas. E o Hélio, em pânico, arrastou o amigo para o banheiro. Lá se trancaram. Estavam num banheiro sobressalente da casa, estreito, íntimo, como um túmulo. Toda a tensão do Otto se dissolvia em ternura, pena, amor, e não sei que mais. E que fez o Hélio Pellegrino? Ah, o Hélio, o Hélio! Metade mineiro, metade siciliano, foi mais irmão, mais solidário do que nunca. As duas metades choraram no ombro do Otto.

11 Bem. Só agora percebo que me alonguei demais num episódio estritamente sentimental. O que eu queria dizer é que o Otto, como eu, como o Hélio ou qualquer outro intelectual brasileiro, também tem medo de parecer idiota. Não é como o genial Sartre que, não raro, chega à debilidade mental.[3] Imaginem vocês que eu e Otto opinamos sobre dois quadros de Volpi.

12 Na véspera de partir para a Europa, o sociólogo Luciano Martins passa na casa do Hélio Pellegrino e deixa lá os dois quadros referidos. Criou-se para nós, visitas, a obrigação de gostar de Volpi. Na véspera eu sondara o Mário Pedrosa; cheguei mesmo à inconveniência de propor um paralelo entre aqueles dois quadros e todo o Portinari, Mário Pedrosa foi taxativo: — “Portinari é um acadêmico.” Esbugalhei-me: — “Acadêmico?” E já o Mário Pedrosa apontava o Volpi. Aquilo, sim. Volpi era muito maior que Portinari.

13 No pânico de parecer um analfabeto plástico, não insinuei qualquer objeção. O Mário Pedrosa ainda perguntou: — "Você não acha?" Respondi, com descaro: — "Acho." Pouco depois, estava eu diante dos quadros de Volpi, dizendo, de puro cinismo: — "Muito bom." Suspense de uma pausa e acrescentei, mais enfático: — "Muito bom mesmo."

14 No dia seguinte eu e o Otto fomos ver os dois quadros. A questão era saber quem seria melhor, Volpi ou Portinari. Disputou-se, na sala do Hélio Pellegrino, uma acirrada pelada crítica. Paramos no quadro grande, que o anfitrião achava melhor. Eram quatro velas. Talvez uma macumba. Depois lembrei-me do título de um filme: — *Candelabro Italiano*. Já a macumba me parecia menos provável do que o candelabro. E súbito, o Hélio Pellegrino solta a última palavra: "É uma porta." Eu e Otto nos entreolhamos, cobertos de horror. [4]

15 Bem. Eis o que eu pensava, eis o que o Otto pensava: — "Se aquilo era porta, tudo é permitido, tudo." Daí a pouco o amigo me puxava e nos trancamos, os dois, no banheiro, o mesmo banheiro onde ele estrebuchara no mais lindo choro de sua vida. Lá dentro, ele me cochicha: — "Sou muito mais Portinari." Sussurrei, em seguida: — "Também sou muito mais Portinari." E, ali, no banheiro inescrutável do Hélio Pellegrino, cada um de nós se concedeu o direito de ser, por um momento, um pleno, chapado, eufórico idiota plástico.

***O Globo*, 25/1/1968**

A DOENÇA INFANTIL DO PALAVRÃO

1 Que estaria fazendo eu, ontem, às três da madrugada? Sei que isso é intranscendente, irrelevante, mas vamos lá. Simplesmente, eu estava adulando minha úlcera com leite gelado. (Minha úlcera lambe leite como uma gata.) Pacificada a dor, vim para a janela espiar a noite. E comecei a pensar no teatro brasileiro.

2 (É triste ser inteligente com dor.) Escrevi, há dois ou três dias, que lavra, por todo o Brasil, a doença infantil do palavrão. Não há lembrança de outra época tão pornográfica. Dirá alguém que o brasileiro sempre foi um neto retardatário e ululante de Bocage.

3 Isso é e não é verdade. De fato, o povo sempre teve a boca suja. O nosso Pedro I, segundo informam a História e a Lenda, soltava, com larga e cálida ênfase, alguns dos mais truculentos palavrões da língua. E, assim, através dos tempos, cada geração recebe das anteriores um farto legado obsceno.

4 (Claro que a linguagem das mulheres sempre foi muito mais limpa.) Eis o que eu queria dizer: — no passado, o palavrão era muito mais solene, patético, vital. Bem me lembro de uma vizinha nossa, que perdeu a filhinha, de febre amarela. (Era ainda a cidade dos lampiões e da febre amarela.)

5 Quando a menina morreu, e a mãe sentiu a morte, podia ter rezado. Rezado, em pé, erecta, a fronte alçada. Não. Ela se esganiçou em palavrões hediondos, inclusive alguns que os homens, os latagões presentes, não

conheciam. Houve, junto à cama da agonia, um escândalo total. Mas logo todos perceberam que a dor pornográfica é ainda mais terrível.

6 Uns vinte anos depois, passo, com um amigo, pela praia de Ipanema. E, por um momento, ficamos, ali, feridos de espanto. Que dizer de um poente do Leblon? Um de nós poderia declamar a seguinte imagem de D'Annunzio: — "O crepúsculo rola em quedas de silêncio e de luz." Em vez disso, o meu amigo arrancou, das próprias entranhas, um palavrão deslumbrado. Aquele poente de folhinha como que exigia o uivo obsceno, não convencional.

7 Disse obsceno e já retifico. Não houve obscenidade nenhuma. Houve, repito, uma unção e uma carga de espanto que a palavra comum não suportaria. Não sei se me entenderam. Mas o que eu queria dizer é que o palavrão não tinha nada de gratuito, de irresponsável. Nunca. E ainda outro exemplo: — fui ver um amigo que estava morre, não morre. Encontrei-o já com a dispneia pré-agônica. Houve um momento em que a mulher curvou-se e lhe fez a pergunta: — "Meu bem?" Sem abrir os olhos, soluçou um palavrão e morreu.

8 O homem era pornográfico para morrer. Ou ainda: — era pornográfico por ódio, medo, paixão. Havia sempre um sentimento forte. Hoje não. O chamado nome feio deixou de ser feio. Esvaziou-se o palavrão de toda a transcendência, de todo o dramatismo. Ele já não causa o velho impacto heroico.

9 Realmente, é a doença infantil dos adultos. Ontem, contei, de passagem, as reações da plateia do *Rei da vela*. Um belo espetáculo e um elenco admirável. O diretor, José Celso, fez um nobilíssimo esforço. No fim, o texto era uma laranja chupada (o diretor extraíra todo o caldo). Um amigo, que foi comigo, dizia-me da peça: — "Não tem estrutura." E, de fato, se lhe retirassem os palavrões enxertados, o *Rei da vela* não ficaria de pé cinco minutos.

10 O que explica o êxito do espetáculo é, exatamente, o engenho diabólico de José Celso. Não conversamos sobre a execução cênica do original. Mas

quero crer que ele percebeu, em toda a sua força epidêmica e incontrolável, a doença infantil do palavrão. As falas de Oswald de Andrade não chegam ao público ou, na melhor das hipóteses, são de uma eficácia mínima. Quem reinou, através dos três atos, foi o palavrão.

11 Claro que há, no *Rei da vela*, uma mensagem. Mensagem para a qual a plateia é surda, cega e muda. Em dado momento, no terceiro ato, a peça emposta a voz e se torna gravíssima. O tédio do público é então indescritível. Ah, por que fazer um Oswald de Andrade solene, encasacado como um mordomo de filme policial inglês?

12 Já o rendimento plástico e auditivo do palavrão foi absoluto. Na minha frente estava um rapaz com a noiva. Passei duas horas seguindo as reações do casal. Diga-se de passagem que era a plateia mais antipolítica, mais anti-ideológica que já entrou no João Caetano. Volto ao rapaz (um latagão de vastas bochechas). A única coisa que o fascinava no espetáculo era a pornografia e toda a gesticulação correspondente.

13 E sempre que explodia um palavrão, nada descreve e nada se compara à delícia auditiva do noivo. Ficava escarlate de prazer (e os outros também). Lembro-me que, na minha peça *O beijo no asfalto*, um velhinho trepou na cadeira e pôs-se a berrar: — "Indecentes! Imorais! Tarados!" Houve porém uma resistência solitária. Alguém, não identificado, estourou: — "Cala a boca, burro!" E o carequinha: — "Burro é a mão na cara!"

14 O momento mais alto do *Rei da vela* é quando a plateia, em sua unanimidade ululante, aplaudiu, de pé, o palavrão mais violento dos três atos. Ninguém fez cara feia; nenhuma senhora deu muxoxo; jamais um casal se retirou. No dia seguinte, encontro o doce Eduardo Chermont de Brito. Conto-lhe toda a minha experiência brasileira do *Rei da vela*. Pergunto: — "Chermont, que fazem os nossos sociólogos? Que faz o Padre Ávila que ainda não deu uma aula sobre a doença infantil do palavrão?" O Chermont suspira: — "É o Brasil, é o Brasil!"

15 E há de ser também o Brasil o *Roda-viva* do Chico. Um dos Guinles foi lá, com a senhora, ver a peça. Queria o Chico terno, tímido, nostálgico.

Pois bem: — e deu de cara com o truculento José Celso. Em *Roda-viva* há uma presença devoradora: — o José Celso. O casal Guinle saiu, no meio, como se fugisse do anti-Brasil. Mas é o Brasil, o novo Brasil com potencialidades imprevisíveis.

16 O público só irá, daqui por diante, ao espetáculo pornográfico. A plateia exige as duas coisas: — o palavrão e o gesto que lhe corresponde. É como se a obscenidade de palco justificasse e absolvesse a obscenidade do espectador. Se eu conhecesse o Padre Ávila, ou outro sociólogo, ou quem sabe um psicanalista, ou ainda um pediatra, havia de perguntar-lhe: — há ou não, por todo o Brasil, a doença infantil do palavrão?

***O Globo*, 1/2/1968**

Os idiotas da objetividade

1 Sou da imprensa anterior ao *copy desk*. Tinha 13 anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: — era uma cova de delícias. O sujeito ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um vale utópico de cinco ou dez mil-réis.

2 Mas tinha a compensação da glória. Quem redigia um atropelamento julgava-se um estilista. E a própria vaidade o remunerava. Cada qual era um pavão enfático. Escrevia na véspera e no dia seguinte via-se impresso, sem o retoque de uma vírgula. Havia uma volúpia autoral inenarrável. E nenhum estilo era profanado por uma emenda, jamais.

3 Durante várias gerações foi assim e sempre assim. De repente, explodiu o *copy desk*. Houve um impacto medonho. Qualquer um na redação, seja repórter de setor ou editorialista, tem uma sagrada vaidade estilística. E o *copy desk* não respeitava ninguém. Se lá aparecesse um Proust, seria reescrito do mesmo jeito. Sim, o *copy desk* instalou-se como a figura demoníaca da redação.

4 Falei no demônio e pode parecer que foi o "Príncipe das Trevas" que criou a nova moda. Não, o abominável "Pai da Mentira" não é o autor do *copy desk*. Quem o lançou e promoveu foi Pompeu de Sousa. Era ainda o *Diário Carioca*, do Senador, do Danton. Não quero ser injusto, mesmo porque o Pompeu é meu amigo. Ele teve um pretexto, digamos assim, histórico, para tentar a inovação.

5 Havia na imprensa uma massa de analfabetos. Saíam as coisas mais incríveis. Lembro-me de que alguém, num crime passional, terminou assim a matéria: — "E nem um goivinho ornava a cova dela." Dirão vocês que esse fecho de ouro é puramente folclórico. Não sei se talvez. Mas saía coisa parecida. E o Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos — *o copy desk*.

6 Começava a nova imprensa. Primeiro, foi só o *Diário Carioca*; pouco depois, os outros, por imitação, o acompanharam. Rapidamente, os nossos jornais foram atacados de uma doença grave: — a objetividade. Daí para o "idiota da objetividade" seria um passo. Certa vez, encontrei-me com o Moacir Werneck de Castro. Gosto muito dele e o saudei com a mais larga e cálida efusão. E o Moacir, com seu perfil de Lord Byron, disse para mim, risonhamente: — "Eu sou um idiota da objetividade."

7 Também Roberto Campos, mais tarde, em discurso, diria: — "Eu sou um idiota da objetividade." Na verdade, tanto Roberto, como Moacir, são dois líricos. Eis o que eu queria dizer: — o idiota da objetividade inunda as mesas de redação e seu autor foi, mais uma vez, Pompeu de Sousa. Aliás, devo dizer que o *copy desk* e o idiota da objetividade são gêmeos e um explica o outro.

8 E toda a imprensa passou a usar a palavra "objetividade" como um simples brinquedo auditivo. A crônica esportiva via times e jogadores "objetivos". Equipes e jogadores eram condenados por falta de objetividade. Um exemplo da nova linguagem foi o atentado de Toneleros. Toda a Nação tremeu. Era óbvio que o crime trazia, em seu ventre, uma tragédia nacional. Podia ser até a guerra civil. Em menos de 24 horas o Brasil se preparou para matar ou para morrer.

9 E como noticiou o *Diário Carioca* o acontecimento? Era uma catástrofe. O jornal deu-lhe esse tom de catástrofe? Não e nunca. O *Diário Carioca* nada concedeu à emoção nem ao espanto. Podia ter posto na manchete, e ao menos na manchete, um ponto de exclamação. Foi de uma casta, exemplar objetividade. Tom estrita e secamente informativo. Tratou o drama histórico como se fosse o atropelamento do Zezinho, ali da esquina.

10 Era, repito, a implacável objetividade. E, depois, Getúlio deu um tiro no peito. Ali, estava o Brasil, novamente, cara a cara com a guerra civil. E que fez o *Diário Carioca*? A aragem da tragédia soprou nas suas páginas? Jamais. No princípio do século, mataram o Rei e o Príncipe Herdeiro de Portugal. (Segundo me diz o luso Álvaro Nascimento, o rei tinha o olho perdidamente azul.) Aqui, o nosso *Correio da Manhã* abria cinco manchetes. Os tipos enormes eram um soco visual. E rezava a quinta manchete: — "Horrível Emoção!" Vejam vocês: — Horrível Emoção!

11 O *Diário Carioca* não pingou uma lágrima sobre o corpo de Getúlio. Era a monstruosa e alienada objetividade. As duas coisas pareciam não ter nenhuma conexão: — o fato e a sua cobertura. Estava um povo inteiro a se desgrenhar, a chorar lágrimas de pedra. E a reportagem, sem entranhas, ignorava a pavorosa emoção popular. Outro exemplo seria ainda o assassinato de Kennedy.

12 Na velha imprensa as manchetes choravam com o leitor. A partir do *copy desk*, sumiu a emoção dos títulos e subtítulos. E que pobre cadáver foi Kennedy na primeira página, por exemplo, do *Jornal do Brasil*. A manchete humilhava a catástrofe. O mesmo e impessoal tom informativo. Estava lá o cadáver ainda quente. Uma bala arrancara o seu queixo forte, plástico, vital. Nenhum espanto da manchete. Havia um abismo entre o *Jornal do Brasil* e a tragédia, entre o *Jornal do Brasil* e a cara mutilada. Pode-se falar na desumanização da manchete.

13 O *Jornal do Brasil*, sob o reinado do *copy desk*, lembra-me aquela página célebre de ficção. Era uma lavadeira que se viu, de repente, no meio de uma baderna horrorosa. Tiro e bordoada em quantidade. A lavadeira veio espiar a briga. Lá adiante, numa colina, viu um baixinho olhando por um binóculo. Ali estava Napoleão e ali estava Waterloo. Mas a santa mulher ignorou um e outro; e veio para dentro ensaboar a sua roupa suja. Eis o que eu queria dizer: — a primeira página do *Jornal do Brasil* tem a mesma alienação da lavadeira diante dos napoleões e das batalhas.

14 E o pior é que, pouco a pouco, o *copy desk* vem fazendo do leitor um outro idiota da objetividade. A aridez de um se transmite ao outro. Eu me pergunto se, um dia, não seremos nós 80 milhões de *copy desk*. Oitenta milhões de impotentes do sentimento. Ontem, falava eu do pânico de um médico famoso. Segundo o clínico, a juventude está desinteressada do amor, ou por outra: — esquece antes de amar, sente tédio antes do desejo. Juventude *copy desk*, talvez.

15 Dirá alguém que o jovem é capaz de um sentimento forte. Tem vida ideológica, ódio político. Não sei se contei que vi, um dia, um rapaz dizer que dava um tiro no Roberto Campos. Mas o ódio político não é um sentimento, uma paixão, nem mesmo ódio. É uma pura, vil, obtusa palavra de ordem.

***O Globo*, 22/2/1968**

Flor de obsessão

1 De vez em quando, alguém me chama de "flor de obsessão". Não protesto, e explico: — não faço nenhum mistério dos meus defeitos. Eu os tenho e os prezo (estou usando os pronomes como o Otto Lara Resende na sua fase lisboeta). Sou um obsessivo. E, aliás, que seria de mim, que seria de nós, se não fossem três ou quatro ideias fixas? Repito: — não há santo, herói, gênio ou pulha sem ideias fixas.

2 Só os imbecis não as têm. Não sei por que estou dizendo isto. Ah, já sei. É o seguinte: — recebo a carta de uma leitora. Leio e releio e sinto a irritação feminina. E, justamente, a leitora me atribui a ideia fixa do "umbigo". Em seguida, acrescenta: — "Isso é mórbido ou o senhor não desconfia que isso é mórbido?" Corretíssima a observação. Realmente, jamais neguei a cota de morbidez que Deus me deu.

3 A minha morbidez. Ela me persegue e, repito, ela me atropela desde os três anos de idade. Eu ainda usava camisinha de pagão acima do umbigo. E, um dia, na Rua Alegre, apareceram quatro cegos e um guia. Juntaram-se na esquina, na calçada da farmácia, e tocaram violino. Três anos. Quando os cegos partiam, caí de cama. Debaixo dos lençóis, tiritava de tristeza, como de malária. A partir de então, sou um fascinado pelos cegos.

4 Ainda na infância, eu fechava os olhos e, dentro de minhas próprias trevas, me imaginava cego. Claro que tudo isso é morbidez. Eis o que eu queria dizer à minha leitora: — infelizmente, não tenho nem a saúde física, nem a saúde mental de uma vaca premiada. Na sua irritação, ela continua: — "Bem se vê que o senhor é um velho." E, de fato, sou tão velho como o Antônio Houaiss.

5 Por coincidência, almocei, ontem, com o já referido Antônio Houaiss, o Francisco Pedro do Couto e o José Lino Grünewald. (Vejam como Grünewald é um nome naval, sim, o nome de um primeiro-tenente morto no afundamento do *Bismarck*.) Durante o almoço, o Antônio Houaiss batia na tecla fatal: — "A minha geração é a do Nelson." E dizia ao José Lino e ao Couto: — "Vocês que são brotos." E, pouco a pouco, eu e o próprio Houaiss íamos ficando lívidos de idade, amarelos de velhice, espectrais como a primeira Batalha do Marne ou como o fuzilamento de Mata-Hari.

6 Depois do almoço, volto para a redação e vejo a carta da leitora. Lá está a mesma e crudelíssima acusação de velhice. Cabe então a pergunta: — e por que me chama de velho? Resposta: — porque ainda me impressionam os umbigos do biquíni, do sarongue, dos bailes. E, sem querer, a leitora toca num dos mistérios mais patéticos da nossa época. Os jovens não estão interessados em nudez feminina. Essa rapaziada dourada de sol, esses latagões plásticos, elásticos, solidamente belos como havaianos não desejam como as gerações anteriores. Só os velhos é que ainda se voltam, na rua, ou na praia, para ver as belas formas. Quem o diz é a leitora.

7 Mas o melhor está do meio para o fim. De repente, percebo a origem da carta e da irritação. A leitora defendia alguém. Eis o caso: — no baile do Municipal, irrompeu um umbigo especialíssimo. Uma lindíssima senhora e, se não me engano, embaixatriz foi fotografada, televisada de sarongue. Mais tarde, os jornais e as revistas falavam do umbigo diplomático. A imprensa rendia suas homenagens à beleza. Mas a leitora via, nas fotografias e legendas, uma inconfidência visual, quase um ultraje. Parece-lhe que não estamos longe do jornalismo de escândalo ou, para usar a cor exata, marrom.

8 Vejam vocês como os papéis se invertem. Já a televisão foi chamada de obscena, porque pôs no vídeo a nudez coletiva, geral, ululante. Eis o que me pergunto: — queriam o quê? Que as câmeras e os microfones vestissem os nus, calafetassem os umbigos, enfiassem espartilhos nos quadris? Ao mesmo tempo, o *Jornal do Brasil* deitou um judicioso editorial afirmando que, depois da praia, a nudez perdera todo o mistério e

todo o suspense. Era assim no Brasil e em todo o mundo. Portanto, segundo o velho órgão, não há nada que objetar ao impudor eugênico, salubérrimo e "pra frente" da praia. E, todavia, o mesmo *Jornal do Brasil* e no mesmo editorial condena a televisão que devia ter tapado os quadris, umbigos, etc., etc.

9 Do mesmo modo, o caso da leitora e da embaixatriz. Que uma bela senhora ponha um sarongue assim e vá ao baile, é um fato intranscendente, normalíssimo. Mas, se um cronista deixa escapar uma referência ao umbigo do Itamaraty, vem o mundo abaixo. E por quê, meu Deus do céu? Imoral é a televisão e não os nus frenéticos que vinham posar para as câmeras. Antigamente, havia, em torno de um beijo, todo um sigilo, toda uma solidão. Lembro-me de uns namorados, na minha infância, que iam para debaixo da escada. E, nos bailes recentes, os casais caçavam as câmeras e iam beijar para milhões de telespectadores.

10 Seja como for, algo restou do último carnaval. Refiro-me aos nus arrependidos. Na própria Quarta-Feira de Cinzas, cruzei, ao chegar em casa, com uma menina da vizinhança. Fora, nos quatro dias, um dos umbigos mais insistentes da televisão. Em qualquer canal, lá estava ele. E, no entanto, enterrado o carnaval, eu via a menina passar, rente à parede, de cabeça baixa, na sua vergonha tardia e crispada.

11 A minha leitora, que assume a irada defesa da embaixatriz, também é outro nu arrependido. Diz, a folhas tantas: — "Eu também brinquei no carnaval". E levando mais longe a sinceridade, confessa: — "Vesti o meu sarongue e não me arrependo." Mentira. Está arrependida, e insisto: — é um dos nus arrependidos da cidade.

12 É linda, embora inútil, essa vergonha póstuma. Também as famílias estão horrorizadas com o nudismo carnavalesco. Fui a um jantar e lá as senhoras diziam: — "Não eram meninas de família. Eram aventureiras." Perdão: — vamos dizer a casta e singela verdade: — os nus saíam dos lares. Já escrevi isto e repito, porque é meio vil trapacear com o nosso próprio impudor. Se a cidade se despiu, deve ter o nobilíssimo cinismo de o proclamar.

13 Mas vamos crer que não houve nus em lugar nenhum. Não adianta. Para nós não há saída. Por que ter pudor no carnaval e não na praia? Aí está o biquíni, que é a forma mais desesperada da nudez. Como é triste o nu que ninguém pediu, que ninguém quer ver, que não espanta ninguém. O biquíni vai comprar grapete e o crioulo da carrocinha tem o maior tédio visual pela plástica nada misteriosa. E aí começa a expiação da nudez sem amor — a inconsolável solidão da mulher.

***O Globo*, 28/3/1968**

Os intelectuais

1 Ah, sou um homem suscetível de violentas nostalgias. Gosto de falar da vacina obrigatória, do naufrágio da Barca Sétima e do assassinato de Pinheiro Machado. Sei que essas datas, esses fatos, exalam um cheiro de remédio de barata. Mas ótimo que assim seja. O remédio de barata é justamente o passado, sim, o passado em aroma.

2 Se me perguntarem o que é que se salva em mim, direi, de fronte erguida: — "A memória!" Agora mesmo estou evocando o Rio do "Fon-Fon", da "Careta", do cinema mudo (o vilão do cinema usava olheiras de rolha queimada). Era também o Rio dos poetas. Hoje, o título de "poeta" não acrescenta nada ao próprio, nem aos familiares. Antes, não.

3 No tempo de Raul Pederneiras, o homem de rua, de retreta, de boteco, respeitava a inteligência. Quando eu tinha sete anos, uma vizinha me chamou. Disse arrepiada: — "Teu pai tem o intelectual muito desenvolvido!" Meu pai fazia artigos assinados no *Correio da Manhã*. E, quando passava, havia o murmúrio: "Que cabeça! Que cabeça!"

4 Naquele tempo, apontava-se o poeta no meio da rua. Ele era um sujeito fortemente individualizado como "o soldado", "o marinheiro", "o bombeiro", "o pintor". Este último punha no colarinho uma gravata feérica ou, melhor dizendo, uma gravata que era um repolho multicolorido. O artista plástico também usava um chapelão de mexicano de Hollywood. A gravata era como que a farda do pintor.

5 Hoje, ninguém respeita a inteligência, nem a inteligência se respeita a si mesma. Mas na minha infância o intelectual tinha o seu espaço. Nas salas,

mocinhas e senhoras recitavam sonetos, com fundo de piano. E, nas ruas, o brasileiro chamava assim o quitandeiro, o sorveteiro, o garçom: — "Olá, poeta! Vem cá, poeta! Escuta aqui, poeta!" Era-se poeta ou, na pior das hipóteses, "ilustre", também palavra de soneto.

6 Lembro-me de um comissário de Polícia que batia nos presos, ao mesmo tempo que os exortava: — "Confessa, poeta! Vais falar, poeta?" E, quando o espancado berrava demais, a autoridade dizia-lhe: — "Engole o choro! Engole o choro!" E o poeta o engolia. Era medonho.

7 De uns tempos a esta parte, tudo mudou. Até o *charleston*, até Benjamin Costallat, ainda se era *poeta*, ainda se era *ilustre*. Eis o que me pergunto:

— "Onde e quando começou a degradação do intelectual?" Vejamos. Lembro-me de certa atitude de Paul Elouard. Os comunistas iam enforcar um poeta. Sim, enforcá-lo como a um ladrão de cavalos. Alguém foi pedir a Elouard que assinasse um pedido de clemência. O poeta não se alterou. Disse, macio, sucinto, exato: — "Não assino." E não assinou. Era um canalha.

8 Eis o que eu queria dizer: — o aviltamento começou quando o intelectual se politizou. Já não bastava ser "poeta", "romancista", "ensaísta", "dramaturgo", "pintor". Uma vez que a política é a linguagem do nosso tempo, o artista tem de sair de sua solidão criadora. Nunca se pediu um soneto a Bismarck, ou um romance a Roosevelt ou um drama a Churchill. Mas se exige do poeta que, apesar de sua nobilíssima covardia física, pegue no fuzil, trepe na barricada e atire como um Tom Mix.

9 Vejamos um romancista. Ele se desvia do ato literário puro, e por quê? Há suas vantagens. Assina manifestos, vai a reuniões, bebe no Antonio's, desfila em passeatas e não precisa escrever uma linha. Até os grandes fazem essa mistificação. A fúria religiosa de Tolstoi foi apenas um disfarce de sua impotência romanesca. Mas o pior são os jovens que, antes de chegar ao *Guerra e paz*, estão para sempre aviltados.

10 Ontem, escrevi sobre as indignidades de Sartre. Lembro-me de mais uma: há pouco tempo, ele mandou interditar a própria peça, *As mãos sujas*.

Não se conhece nada parecido em matéria de aviltamento próprio, de autoflagelação. Por uma vaga injunção política, um artista se faz Polícia de si mesmo, e a si mesmo se mutila. E esse escritor tem a vil coragem de falar em "homem", em "pessoa humana", em "liberdade". Nos seus escritos, ousa tratar dos valores da vida.

11 Por isso mesmo, Guimarães Rosa teve um gesto perfeito. Foi o menos político dos nossos autores e, repito, foi o mais autor de nossos autores. Era só autor, era só escritor, era só estilista. Nunca o vimos carregando faixas e pichando muros com vivas a Cuba. (Se tivesse de pichar, daria vivas ao Brasil, aos Tenentes do Diabo, a Magé, à Praça Sete, ao Flamengo.) Uma vez, o velho Rosa almoçou com Antonio Callado e o Otto Lara Resende. O autor do *Grande sertão* passou duas horas pedindo ao Callado, pelo amor de Deus: — "Faça literatura! romance! teatro!" No Brasil, é preciso pedir ao romancista para fazer romance, ao poeta para fazer versos. Guimarães Rosa foi apenas o santo da frase. A frase estava acima de tudo. E porque não existiu politicamente, pôde levantar o seu monumento estilístico.

12 Dirá alguém que os nossos escritores de esquerda não fazem literatura, mas assumem uma atitude corajosa contra os Estados Unidos. Não há tal coragem. É facílimo atacar os Estados Unidos no Brasil e dentro dos próprios Estados Unidos. Até os norte-americanos se autoatacam, com a maior efusão. Sartre mete o pau nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, cospe na memória de Pasternak. O nosso "intelectual de esquerda" não suspira contra a "Cortina de Ferro". Lá a inteligência é diariamente estuprada. Ninguém diz nada.

13 A "não resistência" aos crimes contra a inteligência começa no "intelectual de esquerda". Ele não fará nada, jamais, contra o totalitarismo vermelho. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, o "intelectual de esquerda" estava com a Alemanha nazista. Estava com Hitler por causa do pacto germano-soviético. O Partido Comunista Francês lançou um feroz manifesto contra a "guerra imperialista". Queria que os trabalhadores de França cruzassem os braços. Sim, o "intelectual de esquerda" só descobriu as atrocidades nazistas quando a Alemanha invadiu a Rússia.

14 Só então Hitler passou a ser Hitler. Antes, não era Hitler. Na queda de Paris, dizia-me um comunista: — "Hitler é mais revolucionário do que a Inglaterra." Já vimos a hedionda autocastração de Sartre no episódio de *As mãos sujas*. No seu gesto está todo o destino do intelectual de esquerda. Já se pode falar numa inteligência indigna.

15 Eu entendo o horror do poeta brasileiro que, a partir de Pasternak, desistiu de escrever. Chamado a assinar um manifesto de escritores, esbravejou:
— "Não sou escritor. Sou uma besta." E, como o colega insistisse, berrou de dedo na cara: — "Escritor é você! Você!"

***O Globo*, 23/4/1968**

Os centauros

1 Fala-se em "Poder Jovem", na "Jovem Revolução" e um "padre de passeata", em seu veemente sermão, chamou Nossa Senhora de "a mãe do 'Jovem Salvador'". Vejam: — é tão importante ser "jovem" que já se providenciou uma idade promocional para Jesus. Há também os que proclamam a "Razão da Idade". Nada tenho a objetar. Que seja dado o Poder aos jovens, e que eles o exerçam, e que façam o mundo à sua imagem e semelhança.

2 A meu ver, porém, chegou a hora de se falar também da "jovem obtusidade". Que ela existe como uma realidade concreta, que se pode apalpar, farejar, não há dúvida. Basta olhar e faremos a singela, a tranquila constatação visual. Se me pedirem fatos, eu direi: — "Vamos aos fatos."

3 Sábado, fiquei em casa. Fazia um frio cadavérico. Tenho um amigo que se refere ao frio em termos de "julgamento moral". Quando a aragem vai gelando os edifícios e as esquinas, ele põe-se a esbravejar: — "Ah, frio canalha! Ah, frio indecente!" Para a sua indignação, o frio era "torpe", era "obsceno", era "sórdido". Sábado, tive também vontade de xingar o frio dessa forma direta, pessoal e crudelíssima.

4 Fiquei vendo televisão, com três suéteres. Ia passar o *tape* do Festival da Canção. Não sei se não teria preferido um *bang-bang*. Mas, vamos lá. Começa o festival com uma panorâmica da plateia. Verificou-se, ao primeiro olhar, que todo mundo lá era jovem. Só rapazes, só mocinhas. É apavorante. No passado ocorria o inverso: — o Brasil era uma paisagem de velhos. Nos bondes, só os velhos vinham sentados; os jovens ficavam de fora, pendurados no balaústre. E as senhoras grávidas pediam para o

filho já nascer septuagenário e de guarda-chuva como o personagem de Gógol.

5 Hoje, o velho tem vergonha de o ser. O "padre de passeata" precisa fazer uma plástica em Jesus e remoçá-lo (talvez assim o Salvador se salve, sobreviva, etc., etc.). Mas, como ia dizendo: — não havia na plateia um sujeito de meia-idade, uma viúva, ou, como quer a gíria perversa, uma "coroa". Uma plateia sem "coroa" e ocupada por uma mocidade ululante e salubérrima. Imaginei que estaria, ali, a melhor juventude paulista.

6 E era de um óbvio escandaloso a politização dos presentes. Sempre que uma letra fazia uma insinuação política, ou tinha um arroubo ideológico, ou rosnava para os Estados Unidos — a audiência vinha abaixo. Que "passionárias" eram as meninas! Lembro-me de uma que assim se manifestava: — tirando os sapatos e batendo com os saltos, um no outro. Ninguém sabia se estava aplaudindo ou vaiando. Ah, os rapazes, os rapazes! Cavalgavam as cadeiras e atiravam patadas como rútilos centauros.

7 Mas todas essas impressões paisagísticas são secundárias, irrelevantes. De um altíssimo patético foi a aparição do sr. Caetano Veloso. Ah, esquecia-me de Vandré. Seus versos tinham o seguinte título, de uma malícia ou, melhor dizendo, de uma ironia finíssima: — "Pra não dizer que eu não falei de flores." E, realmente, para nosso pasmo, ele faz um artigo de fundo contra as flores. Até hoje ainda não sei o que é que o nosso libertário propõe. Vejamos algumas hipóteses: — quererá ele dizer que a "Grande Revolução" vai acabar com as flores? Ou que só a burguesia mais reacionária aprecia as rosas e, por carambola, a beleza? E que o revolucionário é tão obtuso, tão bestial, tão abjeto que não pode ver uma flor sem chutá-la? Sim, há várias metáforas no editorial do Vandré e todas absolutamente inescrutáveis. Só uma coisa é certa: — sem que o próprio autor o perceba, tais metáforas são absolutamente contrarrevolucionárias.

8 Mas vejamos o sr. Caetano Veloso. A vaia selvagem com que o receberam já me deu uma certa náusea de ser brasileiro. Dirão os idiotas da objetividade que ele estava de salto alto, plumas, peruca, batom, etc.,

etc. Era um artista. De peruca ou não, era um artista. De plumas, mas artista. De salto alto, mas artista. E foi uma monstruosa vaia. A menina, já citada, batia com os saltos dos sapatos, em delírio. Mas era um concorrente que vinha, ali, cantar; simplesmente cantar. Mas os jovens centauros não deixaram. Na minha casa, lembrei-me de uma velha solenidade nazista: — a queima de livros. Imaginei que, a qualquer momento, a guarda vermelha ia subir ao palco para queimar o próprio Caetano Veloso. Não me admiraria nada que, no futuro, os nossos jovens socialistas queimem poetas no meio da rua.

9 Mas estou aqui fazendo uma defesa inútil de Caetano Veloso. Ninguém reage melhor do que ele mesmo. Quis cantar e esmagaram seu canto. A massa coral repetia, em furiosa cadência, uma obscenidade espantosa. Era o massacre de um artista, um desesperado artista que se propunha a cantar o "É proibido proibir". A canção era a flor que o nosso Vandré quer expulsar do seu horrendo paraíso socialista. Já nenhum telespectador suportava mais a humilhação, que se transferia para as casas. (E a jovem massa insistia no refrão torpe.) Súbito, os brios do artista se eriçaram mais que as cerdas bravas do javali.

10 Ele começou a falar. Era um contra mil e quinhentos. E um que dizia a sua feroz mensagem nos trajes mais impróprios para o seu rompante. Sim, estava de peruca, plumas, batom, salto alto, etc. E disse as verdades que estavam mudas, sim, as verdades que precisavam ser ditas — urgentes, inadiáveis e santas verdades. Ainda bem que milhões de telespectadores as ouviram.

11 Se bem me lembro, eis as suas palavras: — "É isso a juventude? E vocês são políticos? Querem o poder! Vocês não sabem nada, não entendem nada! Analfabetos em política e arte! Se entendem de política como entendem de música, desgraçado Brasil!" Não me lembro de tudo. Houve um momento em que Caetano Veloso comparou, e com exemplar justiça, as duas vergonhas: — a vaia obscena e a invasão do Teatro Ruth Escobar. Naquela ocasião, depois do espetáculo de *Roda-viva*, uns quarenta bandidos espancaram o elenco.

Havia uma atriz grávida, que gritou: — "Estou grávida!" Levou um chute na barriga. Foi pisada como uma flor do nosso Vandré. E dizia Caetano Veloso: — "Vocês não são melhores! São iguaizinhos!"

12 Os idiotas da objetividade hão de perguntar: — "E a peruca? E as plumas? E o batom? E o salto alto?" Eu responderia que qualquer um pode ter uma indignação à Zola. Quando morreu o autor de *Germinal*, disse alguém, à beira do túmulo: — "Zola foi um momento da consciência humana." No *tape* de sábado tivemos, pela fúria de Caetano Veloso, um momento da consciência brasileira. E vimos como a sua implacável lucidez acuou e bateu a "jovem obtusidade".

***O Globo*, 26/9/1968**

A MULHER DA GARGALHADA

1 A natureza pode ter todos os defeitos, e admito que os tenha alguns dos quais bem comprometedores. Em compensação, possui uma virtude que ninguém poderá, sem feia injustiça, negar-lhe. Refiro-me à imaginação. A natureza tem imaginação, eis um ponto pacífico. Outro dia, fui ver, no Estádio Mário Filho, o jogo Botafogo x Palmeiras. E, antes da partida, fiz o que faço, habitualmente: — fiquei olhando as caras.

2 Certa vez escrevi que não há nudez intranscendente. Já me inclino a mudar de opinião. Mais patético do que tudo, no ser humano, inclusive a nudez, é a cara. Eu, se fosse banqueiro, emprestaria dinheiro pela cara. Perfeito. E tudo o que nós temos, de sublime ou de vil — está na cara. Vale a pena ir ao Estádio Mário Filho em dia de grande jogo. O ex-Maracanã tem um maravilhoso repertório de caras. Basta que o sujeito se coloque ou no alto de uma rampa ou no hall dos elevadores.

3 E, por aí, verificamos como é espantosa a imaginação da Natureza. Certa vez, estava eu no hall dos elevadores (ainda no tempo do Abellard França). Súbito, vejo despontar, quem? Uma grã-fina. Dirão vocês que, grã-finas, há milhares (não direi milhões). Em todos os países e em todos os idiomas. Mas aquela que, a nossa vista, atravessava as borboletas, tinha uma singularidade inédita, quase aterradora: — as narinas de cadáver. Exatamente, narinas de cadáver. Era linda, ou, por outra, nunca se sabe se uma grã-fina é linda. A grã-fina bonita, ou não é grã-fina, ou não é bonita.

4 Aquilo me fascinou: — coloquei-me na fila do elevador, e, logo atrás de mim, as narinas de cadáver. E vejam vocês que coisa espantosa. Aquela grã-fina não era como as outras e pior — não tinha cara. Procurem

entender. O sujeito não via os olhos, a boca, o queixo, os cabelos. Não. Qualquer um se fixava nas narinas de defunta. Eis o que eu queria dizer: — que capricho singularíssimo de fantasia levou a Natureza a inventar tais narinas para tal senhora.

5 Em outra ocasião, entro na fila com o Salim Simão e o Francisco Pedro do Couto. E, súbito, ouço um riso feminino. Ou melhor dizendo: — uma gargalhada de mulher. Uma gargalhada de mulher causa, normalmente, um vago constrangimento. Disse não sei quem, se não me engano, Schopenhauer. Não foi Schopenhauer. Um outro disse que o homem pode soltar todas as gargalhadas do céu e do inferno. Ao passo que a mulher deve, no máximo, sorrir. Assim dizia Schopenhauer. Não, não foi Schopenhauer. E, ali no hall dos elevadores, uma mulher ousava rir como ninguém. Digo para o Salim Simão: — "Temos uma lavadeira na fila." Ainda me virei para descobrir a autora da gargalhada. Mas havia uma multidão e eu não a identifiquei.

6 A fila dos elevadores, no Estádio Mário Filho, avança um milímetro de 10 em 10 minutos. E, súbito, explode outra gargalhada da mesma senhora, ou, melhor dizendo, da mesma lavadeira. Deus me livre de fazer pouco das lavadeiras. São filhas de Deus tanto quanto uma duquesa. Imagino que várias duquesas começaram num bom tanque. Há, ou deve haver, um riso de classe. Não é justo que Maria Antonieta ria como uma favelada, ou a favelada como Maria Antonieta. Ao impacto da segunda gargalhada, o Salim reagiu também com um espanto irritado. Ora, o hall do ex-Maracanã não é um boteco das ilhas, sim, das ilhas obscenas e líricas dos mares do Sul. Acabei descobrindo a culpada. Estava na outra fila, uns dez metros atrás de mim. E esganiçava outras gargalhadas. Súbito, o Salim, num deslumbramento brutal, diz para mim: — "Mas é a fulana!" Um protesto subiu-me das entranhas: — "Não é possível! Não pode ser!" E o Salim, aos berros: — "É fulana, sim! Não é, Couto? Não é fulana?"

7 O Couto disse a última palavra: — "Fulana, claro!" E, por um momento, a minha perplexidade assumiu proporções inéditas. Eu conhecia a "fulana" de referências, de lendas, de retrato. Mas nós sabemos que a fotografia é a antiarte e o retrato, a antipessoa. Só os pobres-diabos de ambos os sexos

têm fotogenia. Era uma grã-fina célebre. Quando alguém, no futuro, quiser exumar este momento da história carioca, dirá: — "A época da fulana!" E, para mim, havia uma incompatibilidade entre a grã-fina e aquele som de gargalhada. Vocês já ouviram o pavão? Certa vez, passei, à noite, pelo Campo de Santana. Ainda existia, lá, uma meia dúzia de pavões. Eis o que eu queria dizer: — o pavão estraçalha o próprio riso. E a fulana estraçalhava suas gargalhadas.

8 Agarrei o Salim: — "Mas é isso que é grã-fina?" No meu assombro, insisti: — "É esta a melhor mulher do Rio de Janeiro, a mais bonita, a mais interessante, a mais elegante?" O Salim geme: — "Há gosto pra tudo." E, atrás do Salim, o Couto insinua: — "Já foi linda." O "foi" era de uma crueldade cesariana. Mas o Couto estava errado. O passado ainda não começou para fulana. Ainda inspira paixões, tem casos famosos e todo um folclore, maravilhoso e vil, sem o qual a mulher bonita geme de frustração inconsolável.

9 O curioso é que há no hall dos elevadores, e, não sei por que, uma misteriosa cerimônia, uma inexplicável polidez. Sendo um estádio de futebol um local próprio para as extroversões ululantes, não se entende que, no caminho dos elevadores, as pessoas falem baixo, como num velório. E, ali, só uma pessoa se esganiçava. Jamais houve uma gargalhada tão livre. Se, um dia, uma favelada risse assim, seria vaiada por todos os favelados.

10 Mais uma vez pasmei para a imaginação da Natureza que condenava uma grã-fina a esganiçar-se de tal sorte. E, no entanto, vejam vocês: — pode parecer que tal gargalhada, digna dos pavões delirantes, causava uma irritação geral. Não. Aquele riso exagerado, violentado, produzia um delicado escândalo. As outras mulheres invejavam a que ria. E a fulana não esgotava o seu repertório de gargalhadas. Se sorrisse, apenas sorrisse, fosse uma banal Gioconda, não seria olhada por ninguém. Ao mesmo tempo, o simples riso da criatura emanava não sei que voluptuosidade. Logo, o hall ficou saturado de um erotismo, como direi, um erotismo difuso, volatizado, atmosférico, que todos passamos a respirar.

11 Eu estava ali com a finalidade precisa, única, de ver um jogo de futebol. Mas o clássico ou a pelada tornou-se secundário, irrelevante. As pessoas só se interessavam pela gargalhada, irreal, alucinatória, de som quase abjeto e, apesar disso ou por isso mesmo, fascinante.

12 A minha fila era outra e outro meu elevador. Eu pensava no ser absurdo que é a grã-fina. A fulana era feia, velha e suburbana. Aí está: — sem querer, escapou-me a palavra certa. Suburbana. Mas há suburbanas que são lindas. Muitas têm um frescor de idílio. E a Zona Norte ainda morre de amor, ainda mata por amor. E a fulana é falsamente grã-fina, e falsamente suburbana, porque exagera os defeitos desta última. Cabe então a pergunta: e por que foi um dia capa de *Manchete*? e por que é tão notícia? Eis um mistério nada misterioso. Tornou-se um mito, para o jornal, a revista, o rádio, a TV, e, até, para as faveladas — por sua desesperada falsificação vital. Ao passo que a verdadeira grã-fina tem a aridez de três desertos.

***O Globo*, 21/12/1968**

O GOL MIL

Amigos, a cidade tem 5 milhões de habitantes, talvez mais. Pois esses 5 milhões deviam estar presentes, anteontem, no Estádio Mário Filho para ver o milésimo gol de Pelé.[5] Dirão os idiotas da objetividade que o ex-Maracanã comporta, no máximo, 250 mil pessoas. Mas os que não pudessem entrar ficariam do lado de fora, atracados ao radinho de pilha e chupando laranjas.

O que acho incrível e, sobretudo, indesculpável é que alguém, vivo ou morto, pudesse ficar indiferente à mais linda festa do futebol brasileiro em todos os tempos. Sim, os vivos deviam sair de suas casas e os mortos de suas tumbas. Viva a mulher bonita, que não faltou. Só as feias não apareceram.

Não sei se sabem que o sublime crioulo fascina a mulher bonita. As mais lindas garotas estavam lá. Mas falei em festa do futebol e, realmente, foi muito mais do que isso. Era uma festa nacional, a festa do povo, a festa do homem.

Na fila dos elevadores, o meu primeiro olhar descobriu a grã-fina das narinas de cadáver. Vocês entendem? Ela continua não sabendo quem é a bola. Mas o que a magnetizava era Pelé como homem, mito e herói. Bem sabemos que futebol é um esforço coletivo. São os times que ganham, perdem ou empatam. Mas no caso de Pelé, foi um só. Só ele marcou os mil gols. Nunca se viu nada parecido no mundo. É uma glória maravilhosamente individual, maravilhosamente solitária. Some-se a isto os gols que ele deu na bandeja, gols dos quais ele foi o coautor, ou melhor, foi mais autor do que o autor. Um passe genial vale como um gol.

Muitos lamentam que tenha sido de pênalti. Meu Deus do céu, e daí? Na sua penetração fulminante, tinha batido toda a defesa adversária. Ia entrar com bola e tudo. E sofreu o pênalti. Não foi um companheiro, mas ele

próprio quem foi derrubado. Não queria cobrar. Mas seus companheiros fizeram uma greve linda contra o pênalti. Ninguém tocaria na bola. E, então, 100 mil pessoas, na gigantesca cadência coral, começaram a exigir: — "Pelé, Pelé, Pelé!". Uma das que mais se esganiçavam era a grã-fina das narinas de cadáver. Uma louríssima suspirou, arrebatada: — "Com esse eu me casava!".

Mas vejam como o grande acontecimento tem a paisagem própria. Como já escrevi, Austerlitz não podia ser disputada num galinheiro. Foi isso que eu disse, quando o Santos jogou no campo do Esporte Clube Bahia. É óbvio que, depois do Estádio Mário Filho, todos os campos pequenos se tornaram galinheiros irremediáveis. O Pacaembu, por exemplo, é um galinheiro. O campo do Botafogo, do Fluminense, do Parque Antártica, e centenas, milhares de outros campos obsoletos, são outros tantos galinheiros. É aqui e, repito, é no Estado Mário Filho que Pelé teve os seus grandes dias e as suas grandes noites. O próprio crioulo sabe que é muito mais amado aqui do que em São Paulo.

Quando a bola foi colocada na marca do pênalti, criou-se um suspense colossal no estádio. O meu colega e amigo Villas-Bôas Corrêa, que não tem nada de passional, estava comovido da cabeça aos sapatos. A louríssima, por mim citada, sentia-se cada vez mais noiva de Pelé. O marido, ao lado, parecia concordar com o noivado e dar-lhe sua aprovação entusiástica. Eu não sei como dizer. Mas estávamos todos crispados de uma emoção, um certo tipo de emoção, como não conhecíamos.

Ao que íamos assistir já era História e já era Lenda. Imaginem alguém que fosse testemunha de Waterloo, ou da morte de César, ou sei lá. No ex-Maracanã, fez-se um silêncio ensurdecedor que toda a cidade ouviu. No instante do chute, a coxa de Pelé tornou-se plástica, elástica, vital, como a anca de cavalo. Mas havia alguém contracenando com ele no quinto ato da batalha. Era o formidável goleiro argentino Andrada. Em qualquer hipótese, ele ia se tornar uma figura histórica: — defendendo ou não. E quando Pelé estourou as redes, o Estádio Mário Filho voou pelos ares. Desde Pero Vaz de Caminha, nenhum brasileiro recebera apoteose tamanha. De repente, como patrícios do guerreiro, cada um de nós sentiu-se um pouco coautor do feito. Pelé voou, arremessou-se dentro do gol. Agarrou e beijou a bola. E chorava, o divino crioulo. Cem mil pessoas, de pé, aplaudiam como na ópera. Depois, assistimos à volta olímpica. Pelé

com a camisa do Vasco. Naquele momento éramos todos brasileiros como nunca, apaixonadamente brasileiros.

***O Globo*, 21/11/1969**

Inimiga pessoal da mulher

1 Não sei se repararam, mas há qualquer coisa de alucinatório no Galeão. Os idiotas da objetividade dirão que se trata de um aeroporto, como outro qualquer. Engano. Há fatos e tipos que só acontecem no Galeão. Vamos supor: — acaba de descer um jato.

2 Ora, o jato entrou para a nossa rotina visual. Já o vimos, às centenas, aos milhares. Mas o importante no jato, não é o jato, e sim o seu elenco singularíssimo. Quando ele pousa, ainda saturado de infinito, estejam certos de que tudo é possível. Coloca-se a escadinha e abre-se a pequena porta. E, então, os passageiros começam a sair.

3 Descem rajás, mágicos, domadores, mímicos, profetas, bailarinos, e até brasileiros. Quanto aos brasileiros, já os conhecemos e passemos aos demais. Falei nas velhas internacionais que qualquer jato traz e qualquer jato leva? E, se duvidarem, até vampiros desembarcam dos prodigiosos aviões. Ou comedores de orelhas ou o índio que devora giletes.

4 Mas não falei de uma figura que é de uma singularidade ainda mais impressionante do que as citadas. Refiro-me à Sra. Betty Friedman, líder feminista norte-americana. Digo *líder feminina* e começam as minhas dúvidas. Sempre escrevo que ninguém enxerga o óbvio ou por outra: — só os profetas o enxergam. Pois é óbvio que a Sra. Friedman não tem nada a ver com a mulher. E pelo contrário: — é uma inimiga pessoal das mulheres.

5 Não sei se sabem, mas a mulher tem vários inimigos pessoais. Um deles, e dos mais cruéis, são os grandes costureiros. É claro que os pequenos

também. Mas dou um destaque especial aos costureiros célebres, que inventam modas, que milhões de mulheres seguem, em todos os idiomas, com uma docilidade alvar. A única coisa que os movem, e os inspiram, é a intenção evidente e obsessiva de extinguir toda e qualquer feminilidade.

6 Imagino o escândalo do leitor: — "Mas por que, ora pinoia?" (*pinoia* é a gíria finada que acabo de exumar). Aí está um mistério nada misterioso. O autor dos vestidos vê a mulher como a rival que o há de perseguir, do Paraíso ao Juízo Final. E, por isso, o empenho com que trata de transformar a mulher numa figura cômica.

7 Como são desinteressantes as mulheres que se vestem bem. E o pior é que os costureiros, com diabólico engenho, atingem em cheio os seus objetivos. Realmente, nunca a mulher foi menos amada. Outro dia, remexendo nos meus velhos papéis, descobri uma crônica de dois anos atrás, em que eu próprio escrevia: — "Nunca a mulher foi tão pouco mulher, nunca o homem foi tão pouco homem." O raciocínio é simples: — se a mulher é menos mulher, o homem será menos homem.

8 Há, sim, de um sexo para outro, um tédio recíproco, que já não permite nenhum disfarce. Eu disse, certa vez, que a lua de mel começa depois da lua de mel. Hoje, diria que a lua de mel acaba antes da lua de mel. Por outras palavras: — não há mais a lua de mel.

9 O que a Sra. Friedman quer é, justamente, liquidar a mulher como tal. Se vocês espremerem tudo o que ela diz, ou escreve, descobrirão que a nossa ilustre visita pensa assim, mais ou menos assim: — *A mulher é um macho mal acabado, que precisa voltar à sua condição de macho*. Dirão vocês que estou abusando do direito de interpretar e fazendo um exagero caricatural. Pelo contrário: — estou sendo fidelíssimo ao sentido dos seus textos, de todas as entrevistas que concedeu, em todos os continentes.

10 Temos aqui no *O Globo* uma repórter adolescente e linda. Mas adolescente e linda pode parecer pouco para a reportagem. Acrescentarei que, além disso, é inteligentíssima. A Sra. Friedman recebeu a nossa imprensa em entrevista coletiva. Não sei se foi coletiva. Só sei que

recebeu a nossa menina e disse o que lhe veio à cabeça, com uma audácia, com perdão da palavra, cínica.

11 Para a líder do antifeminismo, a mulher não tem nenhuma dessemelhança com o homem. Nenhuma? Nenhuma. Nem anatômica? Se ela não fez a ressalva, vamos concluir: — nem anatômica. E essa coisa misteriosa e irresistível que nós chamamos *feminilidade*? A entrevistada tem todas as respostas na ponta da língua, e não precisa nem pensar. Responde: — "A feminilidade não existe."

12 A Sra. Friedman é um ser todo feito de certezas. Jamais lhe ocorre uma única e escassa dúvida. Eis o que afirma: — a *feminilidade* é uma ilusão, ou uma impostura inventada por uma *sociedade de consumo*. Hoje, não há idiota que, aqui ou em qualquer idioma, não explique com a sociedade de consumo todos os mistérios do céu e da terra. Com a tal *feminilidade*, a mulher tem de comprar cílios postiços, maquilagem, vestidos, sapatos, *lingerie*, etc., etc.

13 Shakespeare, no seu *Hamlet*, diz, pela boca de Horácio, que "há mais coisa entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia". Mas Shakespeare não conhecia a sociedade de consumo que é, hoje, a chave de todas as dúvidas. A menina de *O Globo* não se conteve e disse: — "Pois eu me sinto muito feminina." Segundo presunção dos presentes, a entrevistada não gostou de ser contestada. Com surda irritação, retrucou: — "Você pensa que é *feminina*, mas não passa de uma vítima da *sociedade de consumo*."

14 E, durante toda a entrevista, a boa Sra. Friedman se limitou a fazer variações em torno da ideia fixa: — *a mulher tem de deixar de ser mulher*. E mais: — o homem é o macho perfeito e a mulher o *macho mal acabado*. O ideal é que, no fim de tudo, tenhamos dois machos.

15 A nossa menina não se intimidou. Disse mais: — "Pois eu sou boneca, e estou muito satisfeita de ser boneca, e não quero outra coisa senão ser boneca." No fim, os colegas e a própria Sra. Friedman queriam entrevistar a *boneca*.

16 A *boneca* voltou para a redação com um divertido horror. E o pior vocês não sabem. Quem está por trás da líder antifeminista? Quem prestigia e aplaude a sua cruzada contra a mulher, contra o casamento e contra a família? Uma série de progressistas da Igreja. Esses elementos a tratam a pires de leite como a uma úlcera.

17 Mas vejam vocês como vivemos numa época em que tudo se faz e tudo se diz. Há pouco tempo, ninguém teria a coragem de, alçando a fronte, declarar: — "A feminilidade não existe." Diz mais que a mulher para viver dignamente precisa estar acima de *definições sexuais* como *mãe e esposa*. Para a pobre senhora a maternidade é um fato apenas físico, como se a mulher fosse uma gata vadia de telhado. Nem desconfia que sexo, para o ser humano, é amor. Há dez anos atrás, ela não diria isso. E se o dissesse a família trataria de, piedosamente, amarrá-la num pé de mesa; e ela teria de beber água, de gatinhas; numa cuia de queijo Palmira. Hoje, porém, pode sair por aí a dizer, pela Europa, América, Oceania, etc., etc. afirmando que a mulher é mulher não porque o seja, não porque Deus a fez, não porque a natureza tivesse raspado a sua barba antes de apresentá-la ao homem. A mulher é mulher — afirma a Sra. Friedman — porque a *sociedade de consumo* assim o quis. Entendem? Não Deus ou a natureza, mas a *sociedade de consumo.*

18 Mas, e os sacerdotes que estão metidos com a santa senhora e a promovendo? Meu Deus, no mundo em geral e no Brasil em particular só um vendaval de patetas está varrendo tudo. A Sra. Friedman só seria viável, não numa sociedade de consumo, mas num sinistro mundo de idiotas.

***O Globo*, 17/4/1971**

A volta do Profeta

Amigos, estive sábado na casa do Marcelo Soares de Moura. E, lá, estava o grande homem do esporte e do Fluminense, que é Antônio Leite. Vocês não imaginam a minha alegria de tricolor quando soube que Antônio Leite seria candidato à sucessão de Francisco Laport.

Todos que falam dele dizem a mesma coisa: — "Um *gentleman,* um *gentleman*!". E o é realmente. Nenhuma definição mais exata. Antônio Leite não tem sido outra coisa na vida senão um *gentleman.* No almoço com o Marcelo Soares de Moura, tivemos oportunidade de conversar. Conheci algumas ideias. E não tenho dúvidas de que será um grande presidente.

O curioso é que, ontem, encontrei-me com Laport. Conversamos e ele me disse o nome do seu candidato: — Antônio Leite. Falei com o ex-presidente Luiz Murgel. Perguntei-lhe: — "Murgel, quem é o seu candidato para a sucessão de Laport?". Também não fez mistério: — Antônio Leite. Ontem ainda liguei para outro ex-presidente: — Nelson Vaz Moreira. Também era Antônio Leite.

Por minha vez, direi que, se fosse conselheiro tricolor, meu voto seria o de Antônio Leite. Marcelo Soares de Moura não escolheria outro candidato. Por aí se vê que a candidatura de Antônio Leite já conta com o apoio de grandes nomes do clube.

Dito isso, passo a outro assunto que, a rigor, não é outro, porque vou falar ainda do Fluminense. Eu não sei se vocês se lembram de um velho personagem meu: o profeta que teve o seu momento e, depois, sumiu, desapareceu, como se jamais tivesse existido. Eu próprio me apresentei, modestamente, como um "profeta das segundas-feiras". Mas isso não era ainda O PROFETA. Pois bem. Ontem, à tarde, fui procurado no *O Globo.* Acontece que a pessoa era tão maltrapilha, tão miseranda, que a portaria

resolveu barrá-la: “Não está”, disseram. A pessoa reagiu: — “Está. Eu sei que está. Diga-lhe que é O Profeta”.

Da portaria telefonaram para a redação: — “Tem aqui um cara, que se diz O Profeta”. Respondo: — “Se é o profeta, manda subir”. Daí a pouco, entrava na redação, com escândalo geral, o admirável personagem. Se ele se apresentasse como o Jó todos acreditariam. Na sua miserabilidade, ninguém tão profeta, ninguém mais profeta. Recebi-o com larga e cálida efusão. Eis a verdade: — acho que todo mundo precisa de profetas. Em futebol, então, nem se fala. Vocês não fazem ideia do impacto que o singularíssimo personagem fez na redação. Ao saberem que havia um profeta, todos correram.

Ofereci-lhe uma cadeira e fiz-lhe a pergunta: — “Quem vai ser campeão?”. Houve uma pausa, porque o ofício de profeta exige uma vasta concentração. Depois de fechar os olhos e de fazer uma prece que ninguém ouviu, parece que o profeta chegou a uma conclusão. Disse apenas: — “O Fluminense”.

Foi aquele assombro. Os botafoguenses da casa reagiram: — “Como o Fluminense, se o Botafogo está disparado?”. Resposta: — “Ninguém precisa explicar o inexplicável. Só sei que o Fluminense será o campeão”. E disse mais: — “A coisa vai virar contra o Botafogo”. Com todo mundo falando ao mesmo tempo, o ilustre e esfarrapado visitante respondia a gregos e troianos: — “Campeão o Fluminense”. E mais não disse. Depois de tomar um cafezinho, e de achá-lo infame, o profeta pediu licença e saiu. Durante muitas horas, ficou no ar o seu vaticínio: “Campeão o Fluminense”.

***O Globo*, 8/6/1971**

O JOVEM SÁBIO

1 Explicando o meu horror às viagens, disse eu certa vez à estagiária de calcanhar sujo: — "A partir do Méier, começo a ter saudades do Brasil." Era uma verdade que eu oferecia em forma de piada. Todo mundo achou graça, inclusive o Adolfo Bloch, que achou engraçadíssima.

2 Mas eu não mentia, nem exagerava. E nem preciso ir ao Méier, que é tão longe. Aqui mesmo, no centro da cidade, recebi um convite, à queima-roupa, para visitar os Estados Unidos. O Governo americano pagava tudo. Em plena Esplanada do Castelo, comecei a ter saudades do Brasil. Para a minha desventura, era um convite de insuportável obstinação. Em pânico, mas disfarçando o pânico, disse eu: — "Vou pensar."

3 Durante seis meses o convite me perseguiu da maneira mais obsessiva e implacável. Já não atendia mais telefone, nem abria mais envelopes. Finalmente, derrotei o convite pelo cansaço físico. Mas como me custa convencer os outros de que sou um homem da minha rua, do meu bairro, da minha cidade. E vamos e venhamos: — viajar por que e a troco de quê?

4 Quem sai do seu país sofre um desgaste brutal. E, não raro, o processo desse desgaste é irreversível. Afinal de contas, cada um de nós está inserido num conjunto de relações. Eu existo porque tenho uma rua, um bairro, uma cidade, vizinhos, amigos, parentes. Se de repente me privo de tudo isso, eis o que acontece: — deixo de ser eu mesmo, perco a minha identidade, não existo. O Otto Lara Resende esteve na Suécia. E lá passou por uma experiência alucinatória.

5 Ninguém o olhava, ninguém o via, ninguém o cumprimentava. Assim vagava ele, por entre desconhecidos, sem que alguém o gratificasse com um "oba", um "olá", um sorriso. Ele começou a achar que não precisava usar as portas. Sentia-se tão leve, tão diáfano, tão espectral, que poderia talvez atravessar as paredes docemente. Teve que voltar correndo. Quando desembarcou de volta, no Galeão, o primeiro que o viu abriu-lhe os braços, berrando: — "Otto, meu amor!" E só então ele reassume o seu nome, a sua pessoa, o seu terno e o seu salário.

6 Por aí vocês percebem que nada me fará sair do Brasil. Mas, se não gosto de outras terras, também abomino as outras línguas. Certo autor, cujo nome não me lembro, aconselhava a seus leitores: — "Fale mal os outros idiomas, gloriosamente mal." Levo mais longe o meu radicalismo: — não falo senão em português, não escrevo senão em português. Eu era garoto dos meus sete, oito anos. E não entendia que um inglês falasse em inglês, um francês em francês, um alemão em alemão.

7 Por que é que eu estou dizendo tudo isso? Porque estive ontem na Embaixada dos Estados Unidos. O meu *irmão íntimo* Stans Murad, um dos maiores cardiologistas da América Latina, ia receber o título de *fellow* do American College of Cardiology. Éramos cinco pessoas: — além de Murad e senhora, D. Yolanda Costa e Silva, Dr. Coutinho e eu. Sou um fascinado por todo cerimonial. Compareci com o meu melhor terno, a melhor gravata, a melhor camisa. Por conta da solenidade, chamei sábado um barbeiro e disse: — "Faz um cabelo à casamento."

8 Tenho a emoção fácil. E, como sou um amigo radical, acho que o Dr. Stans Murad merece tudo. Eu estava ali e tão solidário como se o diplomado fosse eu. Mas o leitor há de querer saber o que é *fellow* do American College of Cardiology. Não pensem que qualquer um merece este título. Antes de ser admitido como membro da sociedade há um processo de seleção rigorosíssimo. O falso valor não passa. E se, finalmente, o nome é aprovado, e conferido o título, estejamos certos de que se trata de alguém de primeiríssimo plano na cardiologia do seu país.

9 Quem fez a entrega do título ao Dr. Stans Murad foi o próprio Embaixador dos Estados Unidos. Falou em inglês e Murad respondeu em inglês também. O curioso foi o espanto das pessoas que participaram da cerimônia. "Como é moço", diziam. E D. Yolanda Costa e Silva falou em menino.

10 Foi normal a surpresa dos americanos presentes. Geralmente são os médicos em final de carreira que se tornam membros de American College of Cardiology. É raro, raríssimo, o caso de um jovem sábio entre velhos sábios. Depois da solenidade, e ainda no elevador, cochicho para meu *irmão íntimo*: — "Murad, você vai arranjar mais uma boa meia dúzia de inimigos." E de fato suporta-se com muito desprazer a glória alheia e, sobretudo, a glória de quem tem a metade da vida pela frente.

11 Mas como se explica a ascensão fulminante de Stans Murad? Na maioria dos casos, o sucesso tem a progressão de uma lenta, venosa, dilacerada conquista. No caso de Murad, pode-se dizer que ele cresceu pela abundância e evidência dos seus méritos. Em primeiro lugar, é um homem que não brinca nem com a doença, nem com o doente, nem com a morte. Se todos tivessem a sua ardente seriedade, estejam certos de que morreríamos muito menos.

12 Um dia, uma estagiária pediu-me para dar um conselho ao jovem. Respondi sem pensar: — "Amar o próximo como a si mesmo." Murad consegue realizar algo parecido: — ELE AMA O DOENTE COMO A SI MESMO. O doente não é um freguês da Casa da Banha. O fato de estar doente confere ao homem uma nova e decisiva dimensão. E o nosso Stans é profundamente irmão de cada doente.

13 Por outro lado, é cardiologista. E sabemos todos que a nossa época deve ser considerada muito mais cardiológica do que afrodisíaca. Admito que, em outras especialidades, o médico possa sorrir, contar anedotas, achar graça nas coisas. Mas o cardiologista está lidando hora a hora, dia a dia, com a morte. E, por isso, é um homem em permanente tensão. De vez em quando, Murad tem que apelar para um Isordil sublingual. Seu cliente pode apagar na metade de um sorriso, apagar na metade de uma frase. E o

que Murad sabe (e já nasceu sabendo) é que não se faz concessões à morte. O cardiologista que se ausenta, que some sábado e domingo, está brincando, sim, brincando com a morte.

14 O nosso Stans não fará isso. Aqui começa o abismo que o separa de tantos outros colegas: — a medicina é um ato de amor e mais ainda a cardiologia. Uma vez, foi ele, às pressas, atender a um chamado. Três ou quatro da manhã. Chega e olha. Aquele desconhecido, que jamais vira, torna-se um súbito irmão. O enfartado está com o olho enorme do medo. Diz: — "Doutor, eu tenho uma garotinha. Não posso morrer, doutor." Mas a simples presença física do médico já transfigura o doente. Segura o braço do médico: — "Não saia, doutor." Murad diz as coisas obrigatórias: — "Você não vai morrer. Mas relaxe. É preciso relaxar."

15 Se vocês querem saber se o pai da garotinha morreu, eis a resposta: — não morreu. E o pior é que o doente não queria que o Dr. Murad saísse do quarto. O médico trata de convencê-lo: — "Assim como tenho você, tenho outros." O doente diz: — "Tem outros, eu sei." E o nosso Stans: — "Mas eu volto." Não está mentindo. Voltar será sempre um outro ato de amor.

16 Perguntará um médico, se é que tenho médicos entre os meus leitores: — "Mas o médico não pode ir a um cinema, a um teatro, não pode passear, não pode viajar?" Bem. Se querem a minha opinião: — não pode. Dirão que é cruel, desumano, irracional. De acordo. Mas não pode. Por isso, é que vivo a escrever: — "O verdadeiro médico tem muito de santo." São Francisco de Assis dizia: — "Nosso irmão, o corpo." O coração é o corpo e é a alma. E sempre que um enfarte não mata, estejamos certos de que houve mais uma Ressurreição de Lázaro.

17 Assim é a vida do cardiologista: — a história de muitas ressurreições de Lázaro. E porque ama o doente como a si mesmo, o jovem sábio Stans Murad mereceu, ontem, que o Embaixador dos Estados Unidos lhe entregasse o título de *fellow* do American College of Cardiology.

***O Globo*, 20/10/1971**

Nunca foi tão vivo o "padre de passeata"

1 Houve tempo em que a "entrevista imaginária" foi a moda ou, como diziam as velhas gerações, a coqueluche da cidade. Hoje, a coqueluche não existe mais, nem como tosse, nem como gíria. A própria tosse deixou de figurar entre os nossos usos, os nossos costumes. O único brasileiro que ainda ouço tossir é o João Saldanha.

2 Não sei se vocês se lembram do meu ponto de vista. Baseado em toda a minha experiência jornalística, sustento que nada mais falso, nada mais apócrifo, nada mais cínico do que a entrevista verdadeira. Por outras palavras, a entrevista verdadeira é uma sucessão de poses e de máscaras. Ao passo que a "entrevista imaginária", pelo fato de ser imaginária e irresponsável, não mente jamais. E o leitor fica sabendo de tudo o que o entrevistado pensa, sente e não diz, nem a muque.

3 O momento ideal das "entrevistas imaginárias" foi o das passeatas. Lembro-me de uma grã-fina que bateu o telefone para mim. Pergunta: — "Mulher também dá entrevista imaginária?" Respondo: — "Depende da mulher. Se for uma Paulina Bonaparte, ou uma Rainha de Sabá, ou uma Maria Quitéria, dá-se um jeito. A senhora é uma das mencionadas?" Suspirou: — "Nem tanto, nem tanto." Dou-lhe mais uma chance: " — "O que é que a senhora fez, disse ou pensou de notável?" Outra e desolada pausa. Tornei: — "A senhora teve, em toda a sua vida, uma ideia, uma única ideia? Não digo duas. Uma, basta uma. Teve essa ideia?"

4 Se ela dissesse: — "Tive, sim, tive uma ideia" — eu faria a "entrevista imaginária". Todavia, seu silêncio foi, mais uma vez, comprometedor. Perdi a paciência: — "A senhora é o que, afinal de contas?" Deu-me então

a réplica fulminante: — “Eu sou capa de *Manchete*.” Era o tempo em que *Manchete* punha grã-finas na capa. Digo-lhe: — “Melhorou, melhorou.” E ela, aflita: — “O senhor vai me entrevistar quando? Hoje? Pode ser hoje?” Tenho de pôr-lhe freios na impaciência: — “A senhora entra na fila. Quando chegar a sua vez, nós chamamos.”

5 Isso foi há um ano, um ano e meio, sei lá. Imaginem que bate o telefone. Desta feita era um padre. Sou de uma geração que ainda beijava mão de padre. Mas vivemos uma tal crise de fé que insinuei uma dúvida: — “Padre mesmo? O senhor tem certeza? Jura?” Jurou. E fuzilou-me com esta confissão à queima-roupa: — “Sou padre, mas ex-católico.”

6 Pergunto: — “Padre e ex-católico?” Enojado de tanta incompreensão, disse toda a verdade: — “Sou padre de passeata. Entendeu agora? Padre de passeata.” Protestei: — “Como ‘padre de passeata’, se não há mais passeata?” O outro explicou-me tudo: — “O padre de passeata existia antes da passeata e continua existindo depois da passeata. É favor não me confundir com padres de missa, nem de altar, nem de extrema-unção.”

7 Em suma: — ele queria me conceder uma “entrevista imaginária”. Quando lhe disse para entrar na fila protestou: — “Já vi que o senhor só entrevista empistolado. Nunca entrei em fila, nem entro.” Pausa e continua: — “Fique sabendo que vou fazer o que ninguém fez jamais.” Do outro lado da linha, o sacerdote ventava fogo por todas as narinas. Perguntei-lhe: — “O que é que o senhor fará que ninguém fez?” Fez suspense: — “Eu direi, hoje, à meia-noite, no terreno baldio. Exijo a cabra.”

8 Não sei se vocês se lembram. Mas todas as minhas “entrevistas imaginárias” pedem terreno baldio e a presença de uma cabra vadia. É muito plástico. Enquanto o entrevistado diz suas verdades, a cabra mastiga a paisagem. Para dar atmosfera ao fato, tudo começa à meia-noite, a hora que apavora. E a verdade é que o diabo do padre conseguira mexer com a curiosidade. Aquilo não me saía da cabeça: — “Vou fazer o que ninguém fez.”

9 Mas como ia dizendo: — à meia-noite em ponto, entra o "padre de passeata". Entra e vai logo me passando um pito: — "Como? Você não convocou a imprensa nacional e estrangeira?" Sinto a minha gafe: — "Desculpe, desculpe." Ele bateu o pé: — "Na pior das hipóteses, quero a reportagem de *O Dia* e da *Luta Democrática*." Houve um corre-corre no terreno baldio. O contrarregra providenciou um repórter de *O Dia* e da *Luta*. Todavia, o sacerdote estava insatisfeito: — "E as sacadas?" Novamente, o contrarregra providenciou várias sacadas apinhadíssimas e ululantes. Do alto, começou a chover papel picado na cabeça do sacerdote. O contrarregra comandava, debaixo: — "Agora lista telefônica, cinzeiro!" E as sacadas arremessavam os catálogos e os cinzeiros. Só então o padre se deu por satisfeito.

10 O repórter da *Luta Democrática* pede licença para fazer uma pergunta. Era a seguinte: — "Padre, é verdade que o senhor brigou com o Sobrenatural?" O sacerdote achou uma graça infinita: — "Meu amigo, não me faça rir. Eu tenho asma. Já começou um chiado aqui dentro." A reportagem insistiu: — "O senhor não brigou com o Sobrenatural?" O padre deu um murro na mesa. Mas não havia mesa e o contrarregra foi buscar uma. E então o "padre de passeata" pôde dar o murro. E disse: — "Eu não briguei com o Sobrenatural, simplesmente porque não brigo com o que não existe."

11 O repórter da *Luta*, em sua fé inestancável, cultiva cinco religiões. Inflamou-se: — "O Sobrenatural existe, sim, senhor. Quando meu caçula está com dor de barriguinha, uso uma simpatia fulminante. Portanto, o Sobrenatural existe." O padre reagiu, durão: — "Rapaz, deixa de ser burro. Olha que eu sou da linha de D. Hélder. E D. Hélder, que não sabe a letra do Hino Nacional, sabe muito menos a letra de qualquer 'Ave-Maria', de qualquer 'Padre-Nosso'. Queres ver como eu provo que o Sobrenatural nunca existiu?"

12 A turba gritou: — "Provas, provas, provas!" Soara para o "padre de passeata" a hora de fazer o que, antes dele, ninguém jamais fizera. Um silêncio amortalhou o terreno baldio. Os faunos e as ninfas que servem, lá, de atração turística, nem piavam. Gafanhotos e sapos se benziam.

Enquanto isso, o sacerdote puxa um relógio do bolso: — "Se Deus existe, dou-lhe um minuto, pra me fulminar. Isso aqui é cronômetro de cavalo de corrida. Vou contar sessenta segundos." Insinuei timidamente a minha objeção: — "Mas Antero de Quental fez isso." O "padre de passeata" arrasou-me com um desses sarcasmos medonhos: — "Antero de Quental não sabia de nada. No tempo dele, não tinha nem chicabon. Sossega o periquito."

13 O sacerdote começou a contar o tempo. O lambe-lambe do terreno baldio fotografou-o de frente, de perfil, de três quartos. Só se ouvia a voz do sacerdote: — "Trinta segundos, trinta um, trinta e dois." Os presentes olhavam para o alto, na esperança do raio que havia de rachá-lo. E nada da cólera divina. Na altura do quadragésimo segundo, houve um relâmpago. O padre ria, insolentíssimo: — "Relâmpago de curto-circuito." Trovejou. E ele, cada vez mais satânico: — "Trovão de orquestra." Os ventos arrastavam-se inconsoláveis. E como insistissem os trovões e os relâmpagos, o sacerdote, em seu cósmico sarcasmo, desafiava: — "Tudo isso é mau tempo de quinto ato de *Rigoletto*!"

14 Esgotara-se o prazo. O Sobrenatural, humilhadíssimo, teve que recolher seus raios, trovões e tempestades de estúdio. A plateia de pé, berrava "bravos", "bravíssimo", como na ópera. O padre agradecia, unindo as duas mãos no alto, como os pugilistas. E, súbito, o bom homem tem um espasmo de narcisismo. Grita: — "Ninguém quer autógrafo? Eu dou autógrafos! Vai querer? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três!"

***O Globo*, 21/2/1974**

Vai falar o óbvio ululante

Sonhei que Deus chegava perto de mim e perguntava: — "O que é que você fez na vida?" Tratei de vasculhar todas as províncias do meu passado. Na infância andei roubando goiabas e raspando pernas de passarinho a canivete. Todavia, nem uma coisa, nem outra me pareceram dignas de menção. Não seria eu o primeiro ladrão de goiaba, nem o primeiro estripador de passarinho.

Na idade adulta, andei escrevendo peças, romances, crônicas. Mas nem as peças eram dignas de um Shakespeare, nem os romances dignos de Proust. E a verdade, a lamentável verdade, é que eu não encontrava, em toda a minha biografia, nada que surpreendesse o Altíssimo e merecesse o seu espanto. Eis, senão, quando, de repente, baixa em mim uma luz genial. Alço a fronte e digo: "Eu promovi, eu consagrei o óbvio!"

Aí está o grande feito de toda a minha vida. O óbvio vivia relegado a uma posição secundária ou nula. Fui eu que, com minha pertinácia, arranquei-o da obscuridade, da insignificância. Hoje, o óbvio tem trânsito em todas as áreas, é citado nas esquinas, botecos e retretas. Ainda outro dia, escrevia-me, de Filadélfia, um universitário americano. Queria saber apenas o seguinte: — "Quem é esse óbvio ululante tão falado no Brasil? Podia me dizer quais suas obras, seus livros, seus feitos?"

Essa consulta, que me chegou de outro continente, prova que o óbvio já adquiriu personalidade internacional. Frank Sinatra não será tão popular nos Estados Unidos. Todavia, ao apresentar o óbvio, eu fiz a seguinte e fundamental ressalva: — ninguém o enxerga. Milhões de sujeitos são cegos para ele. E acrescentei: "Gênio, santo ou profeta é aquele que enxerga o óbvio."

Faço esta introdução a propósito do que li sobre o Fluminense. Diz um colega que o Tricolor está sem níquel para comprar nem mesmo um único

e escasso cabeça de bagre. A qualquer momento, nós o veremos numa esquina, tocando realejo, com um periquito de tirar sorte. Eu li e reli. E nada descreve o meu espanto e o meu horror.

Tudo o que foi escrito é de uma inveracidade total e estarrecedora. Cabe, então, a pergunta — como pode um jornalista agredir os fatos, como pode ele ignorar a evidência? Explico: — como tantos outros, o colega é cego para o óbvio. O que é o Fluminense? O maior clube do Brasil e do mundo. Repito: — o maior clube do Brasil e do mundo. Isso é o óbvio mais que ululante.

Chega a ser cômico falar nos seus problemas. De todos os clubes, o Tricolor é o que tem melhor saúde econômica, melhor saúde financeira. Se ainda usássemos o chapéu, teríamos que tirá-lo, em sentida e obrigatória reverência, sempre que falássemos no seu nome. Os outros, todos os outros, estão vergados ao peso de dívidas como uma árvore ao peso dos frutos. O Fluminense, não. O Fluminense nasceu com a vocação da eternidade. Tudo pode passar, só o Tricolor não passará, jamais. Quem o diz é o óbvio ululante.

(Sem data)

A POESIA DO FUTEBOL

Amigos, ainda não se fez a seguinte "enquete:" — "Onde está a poesia do futebol?" Qualquer clássico ou qualquer pelada tem um público imenso e ululante. O sujeito larga emprego, namorada, larga tudo, para ver o seu time jogar. Há, por todo o Brasil, uma sede e uma fome de bola. Lembro-me de um rubro-negro que agonizava na véspera de um Fla-Flu. A morte não o assustava. O que o enfurecia era perder o clássico. E nem ao menos podia ser enterrado com um radinho de pilha.

Pergunto: — por que o futebol é tão amado? A meu ver o que nós procuramos nos clássicos e nas peladas é a poesia. A coisa pode soar falsa, rnas insisto. E não só no futebol. Se vamos a um jogo de peteca, bola de gude ou cuspe a distância, é na esperança ainda da poesia. As coisas só nos atraem pela sua possibilidade poética.

Feitas essas considerações, que me parecem de um óbvio total, voltemos à pergunta: — "Onde está a poesia do futebol?"

A resposta está no jogo Flamengo x América, que este último venceu. Quando Carlinhos enfiou o segundo "goal", eu descobri subitamente tudo.

A poesia do futebol está exatamente no "frango".

Vejam bem. Não é na vitória, ou na derrota e tampouco no "goal". Perder, ganhar ou empatar é o que há de mais intranscendente. "Goal" é rotina. Nada mais banal do que um "corner" bem batido. Perder um "penalty" ou convertê-lo não basta. Mas se há um "frango", logo a partida adquire um impacto muito mais puro e muito mais firme.

Foi assim domingo. Até o segundo "goal" americano, o clássico descera ao nível das peladas. E súbito, Carlinhos apanha a bola. Quase do meio de campo, atira. Foi uma tentativa suicida. Nenhuma possibilidade de êxito. Mas aconteceu o milagre: — a bola entrou. O "frango" conferiu à batalha, instantaneamente, uma dimensão tremenda.

O que era uma pelada assumiu um patético inexcedível. E justiça se lhe faça: — o "frango" de Mauro foi a um só tempo hediondo e sublime. Na época do Kaiser e do General Foch, o repórter de polícia costumava chamar qualquer incêndio de "o belo horrível". Pois bem. O "frango" de anteontem não ficou atrás dos incêndios anteriores ao assassinato de Pinheiro Machado. Era o "belo horrível" em todo o seu esplendor.

Examinemos, agora, a hipótese inversa, isto é, a hipótese da defesa. Imaginemos, por um momento, se Mauro, em vez de engolir, tivesse agarrado. Ninguém vibraria, ninguém. A defesa comove muito menos. Na véspera, Manga salvara uma bomba de Oldair. Fez uma defesa elástica, acrobática, que era de uma rigorosa impossibilidade. E, no entanto, o feito de Manga já nos parece antigo, como a vacina obrigatória ou a estreia de Sarah Bernhardt. Ao passo que o "frango" de Mauro está aí, diante de nós, vivo, cálido, palpitante de atualidade. Daí a 15 anos teremos a sensação de que Mauro o papou há 15 minutos. O curioso é que ninguém xinga o goleiro. A massa rubro-negra percebe que Mauro não pode ser responsabilizado por um milagre. E o "frango" do segundo "goal" foi esse milagre deslavado e total. Mas o que importa é o resultado lírico. Assim que a bola entrou, a peleja embebeu-se, encharcou-se de poesia.

(Sem data)

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Janaína Senna

Produção editorial
Adriana Torres
André Marinho

Revisão
José Grillo
Ana Grillo

Diagramação
Elza Ramos

Produção de ebook
S2 Books

[1] Brasil 5 x 1 Paraguai, 4/5/1958, no Maracanã; Brasil 0 x 0 Paraguai, 7/5/1958, no Pacaembu. Jogos Preparatórios para a Copa de 1958.

[2] Última crônica antes da estreia do Brasil na Copa de 1958.

[3] Entre parênteses, Nelson complementava o comentário: “realmente, filósofo diz coisas que dão de sugerir: — ‘Agora, tenha a bondade de babar na gravata.’”

[4] Originalmente, Nelson e Otto se entreolhavam “‘pálidos de espanto’ como no soneto”.

[5] Santos 2 x 1 Vasco da Gama, 19/11/1969, no Estádio Mário Filho.


o melhor de
CAIO FERNANDO ABREU
contos e crônicas

O melhor de Caio Fernando Abreu

Abreu, Caio Fernando
9788520923061
248 páginas

Compre agora e leia

A Nova Fronteira lança, no ano de seu aniversário de 50 anos, a coleção "O melhor de", trazendo a público antologias de grandes nomes da literatura. "O melhor de Caio Fernando Abreu" apresenta um panorama da obra de Caio - autor cultuado nas redes sociais. Aqui, o leitor vai conhecer as características mais marcantes da escrita de Caio Fernando Abreu.

Compre agora e leia


Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

Compre agora e leia


RUBEM
FONSECA
Calibre 22

Calibre 22

Fonseca, Rubem
9788520941355
208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia


Nelson Rodrigues
A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Auto da compadecida

Suassuna, Ariano

9788520942833

208 páginas

Compre agora e leia

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

Compre agora e leia